

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em História

**PERFORMANCES DO TEMPO: O FÊNOMENO DA ACELERAÇÃO NA
CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DE UMA LEITURA SOBRE O MOVIMENTO
SLOW**

Heliana de Jesus Machado
Prof. Dr. Rodrigo Turin (Orientador)

Rio de Janeiro
Maio/2019

**PERFORMANCES DO TEMPO: O FÊNOMENO DA ACELERAÇÃO NA
CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DE UMA LEITURA SOBRE O MOVIMENTO
SLOW**

HELIANA DE JESUS MACHADO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como
requisito para obtenção do título de Mestre em História

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Turin (UNIRIO) – Orientador

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Francine Iegelski (UFF)

d149 de Jesus Machado, Heliana
PERFORMANCES DO TEMPO: O FÊNOMENO DA ACELERAÇÃO
NA CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DE UMA LEITURA SOBRE
O MOVIMENTO SLOW / Heliana de Jesus Machado. -- Rio
de Janeiro, 2019.
147

Orientador: Rodrigo Turin.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em História, 2019.

1. Tempo. 2. Modernidade. 3. Aceleração. 4.
Movimento Slow. 5. Slow Food. I. Turin, Rodrigo,
orient. II. Título.

*Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs...*

Almir Sater, Tocando em frente.

*And I won't feel the flowing of the time when I'm gone
All the pleasures of love will not be mine when I'm gone
My pen won't pour out a lyric line when I'm gone
So I guess I'll have to do it while I'm here.*

Phil Ochs, When I'm gone

Este trabalho é dedicado ao meus pais, os quais me ensinaram, desde pequena, com todo amor, zelo e sabedoria, que tudo tem o seu tempo determinado.
“Há tempo para tudo debaixo do céu”

Agradecimentos

Escrever os agradecimentos é o momento de viajar no tempo e olhar em retrospectiva.

Lembro-me de quando redigi os agradecimentos da minha monografia. Que desafio! Fazer uma síntese de pessoas e acontecimentos de 4 anos em 2 páginas! É claro que não consegui e me excedi, escrevendo muito mais.

Antes mesmo de começar as primeiras linhas da dissertação do mestrado, eu tinha em mente que, desta vez, fazer os agradecimentos seria algo muito mais fácil. Afinal, 2 anos passam rápido e, na minha ingenuidade, esse tempo nem de longe chegaria perto da soma de tudo que vivi e com quem convivi nos 4 anos anteriores.

Mas foi aí que eu me equivoquei de verdade. Dependendo dos caprichos da vida, 4 pode ser igual a 2 ou até muito mais.

Vivi. Melhor, citando o grande Neruda “ Confesso que vivi”. E como vivi...

Não há uma balança perfeita. Essa equação é sem dúvida assimétrica e está longe de um resultado final. Conheci mundos que jamais havia imaginado visitar, outros lugares, “outras cabeças”. Desconheci pessoas que eu amava e que acabaram indo embora.... O amor tem o poder de se transformar em outras coisas, se refazer em outras relações e, nem sempre o seu inverso, é o seu pior, podendo, do mesmo modo, ser algo infinitamente incrível e revelador.

Por todas as chances que tive de respirar e ~~ver~~ **viver** o tempo passar, agradeço a Deus. Meu Paizão que a ciência não explica (e precisa?) e que tem me acolhido com todo o seu amor e misericórdia. O mesmo que lá no passado me disse: “Guria, ainda tem jeito! ” Eu sei que dou trabalho, e muito.... A Ele o meu maior agradecimento pela chance de estar viva e ter chegado até aqui, sabendo que há muito mais ainda por vir. “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam”. I Coríntios 2:9.

Aos meus pais, Ana e Ricardo, toda a minha gratidão e amor. Há sensações, mais até do que sentimentos, posto que envolvem corpo e alma, que transcendem o potencial elucidativo das palavras. Desconheço qualquer palavra ou ideia que chegue próxima do que vocês dois representam para mim.

Mãe, de todas as mulheres super intelectuais, fantásticas e de “espírito livre” que já conheci e que ainda conhecerei, você será sempre o meu maior exemplo. Sua força, fé, esperança e integridade são atributos que certamente carregarei comigo até chegar a minha velhice quando tudo se tornará memória e eterna admiração. Ninguém jamais fez ou fará quentinhas como as suas. Suas canduras, seus bolinhos (você me viciou), nossas discussões

teológicas... E durante esses dois anos, sua insistente preocupação de que eu ficasse anêmica, mesmo me empanturrando de Farinha Láctea e banana prata quase todos os dias.

E o que dizer da minha família como um todo? Sim, família às vezes dá dor de cabeça e se o assunto for eleições presidenciais a situação fica ainda mais complicada. Foi aí que eu percebi que o amor é um exercício. A gente também escolhe amar, especialmente ali, quando os ânimos estão à flor da pele.

À minha avó Nelita e a sua contagiante alegria, obrigada sempre. Também agradeço ao zelo de mãe e de melhor amiga da minha avó Nilza. Que anos difíceis foram esses, hein vó? Obrigada por me ensinar que amor é cuidado, é paciência e muitas vezes, acima de tudo, silêncio.

E você tio Valter? E você tia Quel? Conforme diz o ditado: “mar calmo nunca fez bom marinheiro”. As tempestades às vezes são tão enormes que durante dias, meses, anos, não vemos nem sequer um pontinho de terra firme. Ah! Mas que ele existe, ele existe. Precisamos acreditar – e, essa é a mola que nos move – que dias melhores virão. Agradeço pelo carinho e preocupação de sempre. Obrigada também a minha prima Stella e Raphael, pelo apoio e recepções maravilhosas.

Agradeço com os abraços mais apertados de Felícia aos meus companheiros Pingo e Pitoco que estiveram comigo durante toda essa jornada, tornando a minha vida ainda mais alegre e cheia de presença. Por não abrir mão em nenhum momento da minha companhia, fosse no meu colo, sobre o laptop ou deitado em cima de zilhões de papéis, entre contas, artigos e livros, posso dizer que Pingo já é um cão pós-graduado. Morando sozinha, sua companhia foi imprescindível para que meus momentos de claustro estudantil se tornassem suportáveis. Sem dúvida, acredito que a amizade entre seres humanos e animais é fonte de vida e deve ser preservada como condição necessária à nossa própria existência. Que vida infeliz e miserável não será aquela de quem não consegue ao menos contemplar o canto de um passarinho, sendo capaz de desferir-lhe um tiro para a morte?

Meu coração se reparte ainda mais. Meu carinho todo especial à tia Elza por suas orações e mimos. O meu enorme obrigada ao Pastor Francisco, grande apoiador dessa empreitada, desde o início.

Às moças do quatrilha, meus eternos amores: Lu, Day, Van e “yo”. Meninas! “Bora” escrever um livro sobre esses últimos dois anos? Como foi “barra”! Mentos fragilizadas, corpos doídos e nós, sempre juntas, sempre ali. Caminhando lado a lado na alegria e na tristeza. Um verdadeiro casamento de almas. Hoje cada vez mais apaixonadas pela vida, por todas as maravilhosas chances que o Paizinho nos deu e, claro, unidas e radiantes, pelo velho e bom

rock and roll. Obrigada gatonas! Agradeço também a paciência de amigas como Haydee, Yonara e Cíntia que tantas vezes tiveram que ouvir o meu “hoje não dá, estou estudando”. Eu sei, foi chato. Demorou, mas.....acabou!.....(por enquanto, rs) Envio também o meu abraço super apertado a um dos maiores presentes que este mestrado pôde me dar: a minha irmãzinha, cara das atrizes do Godard, companheira de viagens e cafés, a querida Ana Alencar. Quantos papos! Quantas trocas! E quantas tentativas de te convencer a beber pinga com mel.....Jamais esquecerei daquela noite na pracinha em Mariana: nós duas (eu já para lá de Bagdá) ouvindo Leonard Cohen, com o coração totalmente devoto ao momento. Nesta lista de amigos seria impossível, um pecado até, deixar de citar o nome de Romulo Narducci. Parceiro de longa data, serei eternamente grata pelo apoio, carinho, puxões de orelha e palavras de ânimo e, claro, pela brutal influência poética: “Se o coração já bate, por que a vida bate? A vida dói. Às vezes, até sem querer”. Aprendemos a nos reinventar e descobrimos na amizade uma forma de amor inesgotável que segue por toda vida. Liv Ullmann e Ingmar Bergman, lembra?

Meus incontáveis beijos e abraços àquele que apareceu de surpresa nessa caminhada, estimulando e ressignificando meu sonho de estradeira. Obrigada pelo apoio, pelo fomento a tantos e loucos sonhos, e claro, pela paciência tendo que me aturar, mesmo que de longe, no final dessa conquista, dessa “viagem acadêmica”. Jonathan Myre, agradeço a você de forma toda especial. *Merci mon petit!*

A todos aqueles que sei que têm orado por mim e pelos meus, cujos nomes não conheço, mas que tenho guardados em meu coração, desejosa de que suas vidas sejam igualmente abundantes em bênçãos, sabedoria e alegria. À memória dos queridos que não estão mais aqui e dos quais hei de lembrar por toda vida. Especialmente ao Sr. Itapiramar que nos deixou neste último mês de março e ao qual serei sempre devota em carinho lembrando de suas brincadeiras e plena alegria e vontade de viver.

Com todo apreço e singela gratidão guardarei eternamente o apoio recebido dos professores Pedro Caldas e Francine Iegelski que tanto nas salas da UNIRIO quanto nos espaços da UFF me acrescentaram enormemente, não apenas no que diz respeito à minha pesquisa, como no que considero a me tornarem alguém melhor, nesse processo louco que se chama vida. Agradeço demais a vocês que tiveram paciência com os meus olhinhos curiosos que, depois de uma graduação em EAD, buscavam sugar o máximo de conhecimento acadêmico e das experiências de vida que mediante o *tête-à-tête* pudemos compartilhar a cada novo encontro. Muito obrigada.

Minha gratidão vai também para toda a equipe docente e administrativa do Programa de Pós-Graduação da UNIRIO com as quais pude contar em todos os momentos de socorro e que

me fizeram sentir muito bem recebida nas reuniões do colegiado enquanto atuei como representante discente. Aquela festinha de final de ano em 2017 ficará para a História! Um abraço super especial na Priscila, sempre disposta a fazer o melhor do seu trabalho. Tenho certeza de que é unânime o reconhecimento da importância do seu papel para o sucesso do PPGH. Obrigada Pri! Agradeço ainda à Capes pelo suporte financeiro, sem o qual não consigo nem sequer imaginar como seria possível enfrentar essa jornada.

Por último, mas obviamente não menos importante (o “por último” aqui é só para dramatizar) minha infinita gratidão e reconhecimento àquele sem o qual nem a primeira linha deste trabalho teria sido escrita, Professor Rodrigo Turin, meu orientador de longa data. Quanta paciência nesse últimos 4, 5 anos, hein? Pois é.... sou transbordante de agradecimentos pelo seu apoio, pelos nossos longos debates, trocas, cafés (Ah! O cappuccino do Grégora, saudades....), sugestões e, acima de tudo, compreensão que puderam tornar tanto a graduação, quanto o mestrado, sonhos possíveis. Obrigada pela sua humanidade, pelo respeito ao tempo de cada um, qualidades tão raras de encontrar nesses dias acelerados e de relações humanas rarefeitas. Uma vez ouvi dizer que não existe ex-orientador. Acho que, caso você ainda agüente ouvir as minhas viagens (Mas e se tudo não passar de presente e vivermos em universos com diferentes dimensões temporais paralelas, que nem em *Interstellar?*), esse será o nosso caso. Afinal, pelo que me parece, uma vez apaixonado pelo tempo, este se torna objeto de estudo para a vida inteira.

Por fim, agradeço ao próprio tempo. Essa aporia metafísica e também performática tão difícil de entender, quanto mais de explicar. Ao tempo algoz, ao tempo da cura, ao tempo do medo, ao tempo do lançar-se. Ao tempo que nos ensina a ouvir a voz do rio, como diria Hesse. Ao “tempo rei” de tudo o que já foi e ainda virá, a isto ou a ele, minha eterna curiosidade e deslumbramento. Você (!) continuará me tirando o sono.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é buscar compreender o fenômeno da aceleração nas sociedades ocidentais da modernidade tardia. Para tanto, foi selecionado como objeto de estudo o movimento *slow* - principalmente a vertente *Slow Food* – cujo discurso oficial visa propagar modos de vida mais lentos, na medida em que critica veementemente o atual modelo *fast life*. Os questionamentos que orientam este trabalho são fundamentalmente estes: de que modo o movimento *slow* ajuda a trazer inteligibilidade às diferentes temporalidades contemporâneas? Como este movimento auxilia na apreensão das tensões que constituem as relações entre tempo e poder, sobretudo, nas temporalizações do cotidiano? Em um panorama ocidental cada vez mais pautado em premissas de aceleração, quem, de fato, pode desacelerar? A fim de perscrutar possíveis respostas para estas perguntas, utilizou-se como referencial teórico-metodológico alguns conceitos propostos pela Teoria da História, além de análise e cotejamento das fontes documentais selecionadas. Somado ao objetivo principal, procurou-se entender como a chegada do *slow* ao Brasil permite uma melhor compreensão sobre a experiência temporal no país durante os últimos anos. Destaca-se, por fim, que o movimento é intrinsecamente dependente da aceleração para o seu funcionamento, algo que, com os argumentos apresentados, se observa principalmente na trajetória de sua atuação no território brasileiro.

Palavras-chaves: Aceleração; Movimento *Slow*; *Slow Food*; Modernidade Tardia; Teoria da História.

ABSTRACT

The aim of this research is to understand the phenomenon of acceleration in Western societies of late modernity. To this end, the Slow Movement was selected as the object of study - mainly the Slow Food slope - whose official discourse aims to propagate slower lifestyles, as it strongly criticizes the current fastlife model. The questions that guide this work are fundamentally these: how does the slow movement help bring intelligibility to different contemporary temporalities? How is this movement aid in the apprehension of the tensions that constitute the relations between time and power, above all, in the temporalizations of daily life? In a Western scenario increasingly steeped in accelerating assumptions, who, in fact, can slow down? In order to examine possible answers to these questions, some concepts proposed by Theory of History were used as theoretical and methodological references, as well as analysis and comparison of

the selected documentary sources. In addition to the main objective, it was tried to understand how the arrival of slow to Brazil allows a better understanding about the temporal experience in the country during the last years. Finally, it should be pointed out that the movement is intrinsically dependent on acceleration for its operation, something that, with the arguments presented, is mainly observed in the trajectory of its performance in the Brazilian territory.

Keywords: Acceleration; Slow Movement; Slow Food; Late Modernity; Theory of History.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-------|
| Figura 1 - Instantâneo em printscreen retirado da página de abertura do site www.slowfood.com | p.76 |
| Figura 2 - Logo <i>Slow Food</i> e Logo <i>Citta Slow</i> | p.80 |
| Figura 3 - “Catador de pinhão” subindo em araucária..... | p.104 |
| Figura 4 - Quebradora/descascadora de baru usando ponteiro/talhadeira de metal em tronco..... | p.106 |
| Figura 5 - Na esquerda, Seu Bené e esposa produzindo a farinha. Na direita, Seu Bené confeccionando o cesto onde será acomodada a farinha..... | p.108 |
| Figura 6 - Tabela de grau de escolaridade de líderes de convívio..... | p.109 |
| Figura 7 - Imagem de divulgação do Desacelera realizado no dia 07 de outubro de 2017... | p.127 |
| Figura 8 - Imagem de divulgação do Desacelera realizado no dia 25 de maio de 2018..... | p.128 |
| Figura 9 - Valores das atividades da 1ª Edição do Desacelera..... | p.128 |
| Figura 10 - Ambiente geral do evento. 1ª Edição Desacelera..... | p.132 |
| Figura 11 - As três trabalhadoras no canto esquerdo. 1ª Edição Desacelera..... | p.133 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| CAPÍTULO 1: WELCOME TO THE MACHINE | 22 |
| 1.1 Tempo como estranhamento | 22 |
| 1.2 Primeiros aportes teóricos: Pensando as modernidades..... | 27 |
| 1.3 Aceleração e crise..... | 40 |
| 1.4 Aceleração e presentismo..... | 47 |
| CAPÍTULO 2: E O TEMPO NÃO ESPERA POR NINGUÉM, E NÃO VAI ESPERAR POR MIM | 55 |
| 2.1 Décadas de 1960 e 1970: quando tudo começou. | 55 |
| 2.1.1 Anos 1980 e 1990: De Bra para o mundo..... | 63 |
| 2.2 Teoria e <i>slow</i> | 69 |
| 2.2.1 Dimensões temporais no <i>Slow Food</i> | 72 |
| 2.2.2 <i>Slow Food</i> e aceleração..... | 75 |
| 2.2.2 Desacelerar para produzir mais..... | 89 |
| CAPÍTULO 3: O BRASIL É O PAÍS DO FUTURO | 92 |
| 3.1 Tempo e poder..... | 94 |
| 3.1.1 Tensões entre tempo e poder: Um olhar sobre os bastidores do <i>Slow Food</i> | 102 |
| 3.2 Tempos <i>brasis</i> | 114 |
| 3.3 Desacelerando no Rio de Janeiro | 127 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEPOIS DE NÓS | 134 |
| REFERÊNCIAS | 140 |
| APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA – “DESACELERA” 1ª EDIÇÃO | 147 |

INTRODUÇÃO

Olá, como vai ?
 Eu vou indo e você, tudo bem ?
 Tudo bem eu vou indo correndo
 Pegar meu lugar no futuro, e você ?
 Tudo bem, eu vou indo em busca
 De um sono tranquilo, quem sabe ...
 Quanto tempo... pois é...
 Quanto tempo...
 Me perdoe a pressa
 É a alma dos nossos negócios
 Oh! Não tem de quê
 Eu também só ando a cem
 Quando é que você telefona ?
 Precisamos nos ver por aí
 Pra semana, prometo talvez nos vejamos
 Quem sabe ?
 Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)
 Tanta coisa que eu tinha a dizer
 Mas eu sumi na poeira das ruas
 Eu também tenho algo a dizer
 Mas me foge a lembrança

Parece ter sido escrita hoje cedo, mas a canção citada acima data de 1969. É com ela que, em novembro do mesmo ano, o cantor e compositor brasileiro Paulinho da Viola conquistou o prêmio principal do V Festival de Música Popular Brasileira apresentado pela TV Record. Último festival realizado pela emissora depois da expedição do AI-5.

Marcada por um notório experimentalismo sensorial, a música lembra a presença de um incômodo. Grande nome do samba nacional, parece que nessa canção Paulinho não se preocupa em seguir *tout court* o enquadramento de seu estilo musical. *Sinal Fechado* desconforta pela letra e arranjo. Seu desenvolvimento harmônico não é linear.

Popularmente creditada à dificuldade nas comunicações decorrentes das coerções impostas pelo AI-5, a composição não esgota seus significados no período do terror. *Sinal*

Fechado pode ser ouvida agora e permanecer transbordante do seu conteúdo reflexivo do atual. Talvez se possa chamar de canção da angústia ou do desencontro. É uma paródia dos tempos que não se esbarram, da rapidez que impossibilita o diálogo, do tempo da pressa e do vazio.

É provável que o academicamente esperado para a abertura de um texto de dissertação fosse a exposição direta do referencial teórico que orienta a pesquisa. Como reproduzido, quase que generalizadamente, seria apresentado o problema que direciona o trabalho e daí citada a lista de autores que correspondem ao arsenal teórico a ser destrinchado. Mais uma vez seria suscitada a pretensão de neutralidade pura e cientificista, como se fosse possível descolar do pesquisador os atributos emocionais que o envolveram em sua pesquisa. Mas, seria honesto seguir essas diretrizes em um trabalho que tem como objetivo a análise da experiência do tempo? Honesto aqui não remete a um juízo específico de valor, mas à compleição de um trabalho que se queira integral, que seja mais do que texto e teoria, que se aproxime da vida prática, do real.

Pensando nisso, encontro eco nas palavras do historiador François Hartog, quando embora alerta à epistemologia do conhecimento histórico baseada no distanciamento do olhar, não deixa de lembrar mais de uma vez em seus textos aquilo que ele é: “Historiador atento ao [seu] tempo”. Aqui cabem as idas e vindas de quem reconhece a necessidade de perscrutar seu próprio tempo, na medida em que também se distancia a fim de exercitar o olhar acurado necessário ao fazer crítico e científico.

Mas antes que o leitor se incline a pensar que incorro em uma tentativa sinuosa de defender a exposição de um texto catártico, repleto de penúrias em relação às agruras do tempo, volto-me de maneira direta ao meu objetivo. Foi percebendo a incidência de rostos e falas de exaustão e descontentamento com aquilo que foi naturalizado chamar de “escassez do tempo” que me inclinei a estudar sobre o assunto. Não se tratava apenas de perceber a experiência do outro com o tempo, mas também de focar a atenção nas angústias que ele me causava. “Ele” e parecia que o tempo havia se reificado e que todos nós, ocidentais contemporâneos, estaríamos vivendo sob a intempestividade de seus caprichos. Deste modo, o desconforto com o tempo se apresentou como um singular coletivo que no vetor da aceleração parece encontrar sua principal interrogação. Um fenômeno que, devido à sua abrangência, ao seu caráter democrático que de uma forma ou outra a todos tangencia, valia à pena investigar.

Assim sendo, tal como todos que compartilham da experiência de habitar em grandes metrópoles, vivencio em pelo e ato uma nova forma de historicidade que paulatinamente se constitui e se verifica como um dos maiores desafios atuais para os estudos das Humanidades. É no intuito, portanto, de contribuir com os esforços de compreensão quanto a esta nova forma

de experiência do tempo, que nas linhas que se seguem desenvolvo minha própria leitura sobre esse “admirável tempo novo” e os vetores temporais que ressignificam a nossa maneira de ser, a partir da emergência de inúmeras e novas formas de temporalidade, sobretudo presentes nas performances do cotidiano.

...

Embora soe pretensioso, talvez seja possível resumir a experiência ocidental na modernidade tardia a partir de duas ideias ou sintomas recorrentes: o sentimento de pressa e a exaustão. Como consequência de um ritmo cada vez mais acelerado, a afobação emerge como a necessidade inexorável de ser capaz de fazer tudo, com o menor dispêndio de tempo possível na intenção de que se possa realizar mais. Como afirmam Hartmut Rosa, Anthony Elliot e John Urry são, respectivamente, as capacidades de estar sempre imbuído de múltiplas atividades e em permanente estado de mobilidade fluida, as características que mais ecoam atualmente como demonstrativas do alcance e exercício da “vida boa”¹. Somado a esse quadro, as exaustões físicas e psíquicas revelam uma era marcada pelo surgimento de novas patologias, em muitos casos intimamente relacionadas às limitações orgânico-emocionais de assimilação individual das crescentes demandas de um novo tempo aparentemente insaciável.

Sem dúvida, a hipervelocidade, observada na rapidez do tráfego informacional via satélites ou fibra óptica e a inteligência artificial armazenada em microchips é a marca dos novos dias. Paralelo à experiência do instantâneo, do *just in time*, é tecida também uma profusão de temporalidades crescentemente dissonantes, multilaterais que tornam quase que impossível uma adaptação imediata a todas elas. Esse é o estágio em que o corpo e a mente adoecem e que a natureza impõe os seus próprios limites. O húmus por excelência de um processo de reelaboração da historicidade individual e coletiva. Temporalidades moduladas e adaptadas a situações singulares que caracterizam as peculiaridades da experiência aceleratória da contemporaneidade.

Falamos da sociedade ocidental hiperacelerada, do capital financeiro, da *mobile life*, dos eternos *upgrades*, da profusão de *selfs* e *smartphones*, das “personalidades portáteis”, da instantaneidade do fato, da tirania dos “likes”. Uma sociedade povoada pelo espectro de distopias e incertezas. Um novo cosmos que ganha contornos em um imaginário recheado pelos

¹ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). “Social Acceleration: Ethical and political consequences of a desynchronized high-speed society”, in: *High-speed society*. Social acceleration, power and modernity. Philadelphia, Pennsylvania University Press, 2009. P. 91, 98. ; ELLIOT, Anthony; URRY, John. “Mobile lives: A step too far?”, in: *Mobile lives*. London: Routledge, 2010.

temores oriundos de uma virtualidade quase real ou tão consistente quanto o que as alegorias do seriado em streaming *Black Mirror* são capazes de oferecer. Este, o tempo da modernidade tardia, passa a ser encarado sob a perspectiva daquilo que é plural, multifacetado, confuso até. O tempo dos *jet lags*, da transitoriedade do encontro. A experiência do tempo que, ao assumir pluralidades tão divergentes traz à tona a premência de um estado de assincronia permanente como forma estruturante destas sociedades.

O tempo linear, o tempo da História, demarcado pelo uso do “h” maiúsculo encontra-se em crise. Diferentes experiências temporais tangenciam o debate público e tornam as discussões sobre as políticas de tempo e o ressignificado do espaço pautas precípuas de grande parte dos apelos por reformas sociais. Mais uma vez o tempo entra em debate. No entanto, surgindo sob novas perspectivas, outros questionamentos, que não necessariamente de origem metafísica.

Essa nova forma de experiência temporal, caracterizada, sobretudo, pelo sentimento de pressa e escassez, apresenta um grande desafio: sua naturalização. O conhecido jargão “não tenho tempo” parece cair no vazio, transparecendo como que natural/normal a experiência da angústia da falta de tempo e as consequências físico-emocionais dela decorrentes. Tais vivências acabam por refletir no aparecimento de um novo vocabulário. Multiplica-se o uso de palavras como flexibilidade, dinamização, atualização e adaptabilidade nos mais diferentes âmbitos sociais como, na política, na educação, na cultura, na economia e nas relações entre pares.

O objeto escolhido para análise nesta pesquisa é o *Slow Movement*, ou Movimento *Slow*, precisamente o *Slow Food*. Uma organização cujo discurso principal é a busca pela desaceleração dos modos de vida contemporâneos. Devido ao seu posicionamento reativo, encontramos neste caso uma interessante oportunidade de leitura da aceleração no cotidiano. Tendo como um dos seus maiores interlocutores o jornalista Carl Honoré, o movimento tem como apelo primordial a busca por uma desaceleração que refreie os “custos biológicos” que o culto à velocidade tem submetido não apenas ao corpo e a mente humanos, mas também a natureza².

Se as premissas que orientam este trabalho são inegavelmente atuais e se o pano de fundo que o configura é o conjunto das experiências que já tornaram clichê frases como “agora não dá, estou com pressa”, as abordagens históricas sobre o assunto, mais precisamente sobre o movimento *slow*, ainda são incipientes. Nos levantamentos realizados para a elaboração desta

² Ver: HONORÉ, Carl. *Devagar*. Como um movimento mundial está desafiando o culto à velocidade. Record, 2005. Para informações adicionais sobre a filosofia slow: <http://www.slowmovement.com/>

dissertação, não foi possível encontrar qualquer material sobre o assunto (*slow*) que tivesse a chancela da disciplina.

Algumas das suspeitas que poderiam explicar esta situação envolvem um possível desconhecimento por parte dos historiados devido, primeiramente, à pouca informação sobre essa associação, já que embora tenha surgido ainda em meados dos anos de 1980, apenas recentemente seus ideais têm sido difundidos com maior abrangência via internet. Uma segunda suposição seria o desapareço daqueles que conhecem ao menos um pouco sobre o *slow* e o qualificam como apenas mais um dentre tantos modismos encarados sob a ótica nostálgica da moda retrô. Uma terceira hipótese, poderia ser atrelada à impossibilidade da implementação real das premissas do movimento, caracterizadas pela noção de desaceleração, desejo tão caro àqueles que vivem e dependem do *modus operandi* das grandes cidades.

Sabendo que esta perspectiva de análise sobre o tempo será um desafio, tomaremos de empréstimo algumas ferramentas conceituais encontradas na Teoria da História e alguns trabalhos dedicados ao assunto nos campos da Sociologia, da Filosofia e das atuais Ciências da Comunicação. Dito isto, apresentamos a seguir o roteiro daquele que será o nosso caminho das pedras.

Esta dissertação é composta por três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado ao debate teórico. Iniciamos nossa incursão a partir da definição de modernidade segundo Reinhart Koselleck. Ela será a nossa diretriz para que possamos identificar algumas diferenças entre modernidade clássica e tardia e as diferentes formas de experiência da aceleração a elas atribuídas. Contribuindo para a mesma questão, utilizaremos a noção de regimes de historicidade de François Hartog, perpassando os seus três modos: primeiramente, algumas comparações entre o antigo regime de historicidade e o regime moderno, chegando por fim, àquele sobre o qual recairá a nossa maior atenção: o regime de historicidade presentista.

Uma questão fulcral será pensarmos sobre a existência ou não de um tólos que qualifique tais formas de experimentação da aceleração. Dentre as apreensões suscitadas sobre o fenômeno da aceleração na modernidade, ressaltamos a noção de simultaneidade do não simultâneo que, se durante a saga imperialista foi fortemente instrumentalizada com o propósito de difundir pares dicotômicos como atrasado X desenvolvido, bárbaro X civilizado, na modernidade tardia permite identificar com clareza empírica a novidade de um tempo constituído por temporalidades múltiplas e marcadamente assíncronas.

Tendo em vista o panorama contemporâneo caracterizado por temporalidades tão múltiplas e divergentes, elencamos a teoria da aceleração social elaborada por Hartmut Rosa como profícua ferramenta de análise. O seu empréstimo se justifica especialmente por nos

apresentar variadas possibilidades de leitura quanto às experiências da aceleração e da desaceleração coexistentes nas sociedades aceleradas da modernidade tardia. Do mesmo modo, nos auxilia a compreender as temporalidades lentas e aceleradas que compõem as dinâmicas temporais dentro do movimento *slow* que, longe de se apresentarem como caóticas, funcionam de maneira simbiótica rumo aos objetivos, declarados ou não, da associação.

No capítulo 2 mergulhamos no *slow*, de fato. Começamos pela importância do ano de 1989 para o movimento e apresentamos o manifesto oficial *Slow Food* como nossa principal fonte para pesquisa. O objetivo principal desse capítulo é identificarmos como o *slow* mobilizou em seu discurso oficial e com vistas a aquisição de seus interesses, valores e ideias presentes, já de longa data, na mentalidade da sociedade italiana, na qual se originou. A fim de alcançarmos esse propósito, realizamos uma breve abordagem sobre o panorama histórico italiano que precede o surgimento da associação. Percorremos um trajeto que vai desde o fim dos anos de 1950 até a década de 1980. Nosso interesse é compreender as bases político, econômico e sociais sobre as quais o movimento se assenta, com destaque para as ideias e convicções compartilhadas durante aqueles anos de grandes transformações, dentre as quais destacamos o Movimento Operaísta, responsável por uma revisão das premissas marxistas que compunham a luta operária nos grandes conglomerados fabris.

Mas não paramos nos anos 1980. Continuamos acompanhando o caminho trilhado pelo *slow* até a atualidade. Contemplamos seus primeiros planos de ação, sua fase, diríamos, mais *gourmet*, quando a associação, então denominada Arcigola, se assemelhava muito mais a um clube de *sommeliers*, do que com o que viria a se tornar em meados dos anos do 1990, início dos anos 2000. Período quando a organização assumiu contornos mais políticos – sem, contudo, deixar de lado as sempre bastante prezadas devoções ao prazer e ao bom gosto – marcados pelo investimento em novos projetos como a realização do *Salon Internazionale del Gusto*, o projeto Arca do Gosto, as Fortalezas e, sobretudo, a criação da Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade.

Na segunda parte deste capítulo, iniciamos um diálogo mais profundo entre as premissas encontradas no manifesto *Slow Food* e as chaves teóricas sobre o tempo selecionadas para este estudo. Este é um momento de debate mais denso no qual propomos questionar até que ponto o movimento *slow* é, de fato, tão contrário às experiências da aceleração hodierna que veementemente ele busca condenar. Assim, uma questão que nos orienta é: como um ativismo que procura promover a desaceleração se relaciona com as demandas de seu tempo, em estado de aceleração contínua? No bojo dessas análises, situamos algumas críticas acerca do movimento *slow* e sua inserção no mercado globalizado. Seguindo o mesmo raciocínio, nos

dedicamos a uma investigação minuciosa quanto a quais sejam, realmente, os fatores contra os quais o *slow* se posiciona e suas reais intenções frente ao capitalismo acelerado e globalizado.

Nossa última parada, ou seja, o capítulo 3, é guiada por três perguntas fundamentais: Primeiro: Como se deu a chegada do *Slow Food* no Brasil e quais foram os elementos histórico-temporais que tornaram a sua recepção possível? Segundo: Como podemos observar as relações entre tempo e poder que constituem as dinâmicas internas entre as práticas e os diferentes atores que fazem parte da associação? Como essas relações entre tempo e poder podem ser verificadas nas atuações do movimento no Brasil? Terceiro: De que modo as ações do *slow* em território nacional podem nos auxiliar a compreendermos a experiência temporal brasileira vivenciada na contemporaneidade?

A fim de respondermos a primeira questão, sublinhamos a importância do pacto realizado entre a Associação Internacional *Slow Food* e o governo brasileiro. De maneira mais precisa, a relevância do papel exercido pelo Partido dos Trabalhadores (PT) na recepção do movimento no Brasil. Em um segundo momento, ao tratarmos sobre tempo e poder, procuramos traçar algumas distinções e diálogos entre a noção de políticas de tempo, proposta por Peter Osborne, e algumas das relações entre tempo e poder desenvolvidas por Pierre Bourdieu.

Nosso objetivo quanto a este assunto é demonstrar que ambas as formas de pensar o tempo estão interligadas e que sua diferença se encontra, essencialmente, a partir de uma perspectiva de escala. Uma vez que o nosso foco são as performances temporais presentes no cotidiano, inclinamo-nos mais sobre as contribuições de Bourdieu, as quais encontram eco nos estudos de Sarah Sharma, também consultada para este capítulo, no que se refere ao espaço social ocupado pelos indivíduos e às dinâmicas entre tempo e poder subjacentes a estas posições.

Ao indagarmos sobre as atuações do movimento no país e como estas nos ajudam a conjecturar acerca das mais recentes formas de experiência temporal na sociedade brasileira, focamos nas relações entre o *slow* e a política nacional. Não ousamos adentrar o terreno tenso das discussões político-partidárias dos últimos anos. Apenas buscamos compreender como o ideal desenvolvimentista reativado nos anos Lula foi de grande significância para o desenvolvimento dos projetos *Slow Food*.

Neste capítulo, destacamos ainda algumas das análises que atualmente têm sido desenvolvidas por pesquisadores brasileiros a fim de buscarem interpretar melhor as idiosincrasias que constituem a experiência do tempo nacional. Por fim, trazemos um breve relato etnográfico de pesquisa de campo realizada durante dois anos consecutivos (2017-2018) no evento chamado Desacelera, no Rio de Janeiro. Com esse exemplo tão próximo, buscamos

levantar alguns questionamentos sobre o *ethos* que orienta o movimento, principalmente no que se refere aos círculos sociais a que ele se direciona nas capitais brasileiras e que relações de poder e experiência do tempo ele sustenta.

Partamos, portanto, para o debate teórico que abre nossas investigações.

CAPÍTULO 1: WELCOME TO THE MACHINE³

1.1 Tempo como estranhamento

Com edição esgotada no Brasil, o livro de Carl Honoré, *Devagar: Como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*, parece-nos indicar que o apreço pela lentidão se tornou uma das pautas rentáveis do mercado editorial neste momento⁴. A profusão de títulos que se propõem a unir bem-estar e desaceleração, cujo mote se vale do “como fazer mais em menos tempo”, nos ajuda a perceber uma crescente preocupação com maneiras de adaptação e inteligibilidade voltadas a um novo formato de experiência temporal.

A vivência cotidiana enraizada em um permanente estado de pressa e cansaço revelam um incandescente anseio de revisão da maneira como lidamos com o tempo. Sublinhamos as consequências da aceleração não somente perceptíveis no desgaste ambiental impellido pelo homem, como também quanto à sobrecarga física e mental que as exigências decorrentes da super velocidade têm imputado ao sujeito. Neste sentido, verificamos que a entrega ao “demônio da velocidade” incorre em condições não mais aplicáveis à continuação da vida no planeta⁵.

É no auge da constatação da emergência de velocidades cada vez mais difíceis de acompanhar, que forças reativas começam a adquirir a simpatia coletiva demonstrando que a pretensão hegemônica de um tempo hiperacelerado precisa ser repensada. Ao verificar a abrangência desta nova forma de experiência temporal na sociedade ocidental é que nos debruçaremos sobre o desejo de contribuir para a compreensão do fenômeno da aceleração na

³ Referência à canção do *Pink Floyd*, do álbum *Wish You Were Here*, de 1975.

⁴ O mercado editorial brasileiro tem testemunhado a importância comercial destes livros. Incluídos no gênero de autoajuda, os títulos que abordam a desaceleração como uma necessidade, tangenciam os assuntos mais diversos como sexo, negócios, educação e saúde, oferecendo ao leitor variadas possibilidades de leitura dentro da temática *slow*. Se boa parte destas publicações não se manifestam diretamente relacionadas ao movimento *slow* ou qualquer uma de suas vertentes, por outro lado é possível verificar que, independente da presença ou não desta conexão, o desejo por alternativas de modos de vida mais lentos constitui a base fundamental destes discursos. Alguns títulos disponíveis no mercado: SUNIN, Haemin. *As coisas que você só vê quando desacelera*. Sextante. 2017. CALDAS, Dário. *A reinvenção do tempo: Aceleração e desaceleração na sociedade e no consumo*. E-odes. 2014. CHAMPLIN, Darrell. *iEu: Como desacelerar uma mente turbinada na era da ansiedade*. Alfa'ohm'mega. 2015. MARCONDES F., Ciro. *Perca tempo: É no lento que a vida acontece*. Col. Motivação. Paulus, 2005. MAFFEL, Lamberto. *Elogio da lentidão*. Almedina, 2018. CARLSON, Richard; BAILEY, Joseph. *No ritmo da vida – Reduzindo a velocidade frenética*. Col. Arco do tempo. Rocco. 2002. HONORÉ, Carl. *Solução Gradual*. Record. 2016. WHINNEY, Heather. *Slow cook: Culinária sem pressa*. Publifolha. 2013. PETRINI, Carlo. *Comida e liberdade – Slow Food – Histórias de gastronomia para a libertação*. Senac São Paulo. 2015. EADES, Michael R.; EADES, Mary Dan; HAHN, Fredrick. *Slow Burn: A revolução do fitness*. OMP Editora. 2004. MIEDEMA, John; CUPERTINO, Cristina. *Slow Reading: Os benefícios e o prazer da leitura sem pressa*. Editora Octavo Ltda. 2011. TAVARES, Raquel. *Slow, as coisas boas levam tempo*. Oficina do livro. 2017. MENETREY, Sylvain; SZERMAN, Stephane. *Desacelere: Ouse mudar o ritmo e viva melhor*. Senac SP. 2016. Revista: *Guia Slow Living*. Review. Belo Horizonte, Minas Gerais. Publicação anual.

⁵ KUNDERA, Milan. *A lentidão*. Editora Nova Fronteira. São Paulo. 1995. p. 137.

modernidade tardia. Tendo em vista esse propósito, nosso empenho estará focado em analisar o caráter performático das múltiplas temporalidades que constituem esse novo tempo, levando em consideração o movimento internacional pró-desaceleração *Slow Food*, como objeto e eixo de aprofundamento deste estudo.

Fundamentado sobre um discurso que se almeja transformador, o movimento *slow* iniciou suas atividades a partir da modalidade *Slow Food*, cujo maior protagonista foi e continua sendo o jornalista e sociólogo italiano Carlo Petrini. Esta associação, que hoje abarca mais de 150 países, incluindo o Brasil, iniciou, quando em 1986, a rede de *fast-food* norte-americana *McDonalds* tentou instalar, em Piazza di Spagna, Roma, uma de suas filiais. Sob o discurso pautado na preservação dos hábitos agrícolas e culinários locais, os protestos de Petrini e dos ativistas que o acompanhavam se puseram a denunciar os intentos industrialialistas homogeneizantes que esse empreendimento intentava difundir em terras italianas. Foi assim que, com escorredores de macarrão e o manifesto *Slow Food* em mãos, o projeto de instalação de mais um restaurante *McDonalds* precisou ser repensado para um outro lugar. Deste modo, surgiu o *Slow Food*, cujos princípios norteadores se caracterizariam pelo consumo e desfrute da culinária boa e lenta.

Considerando que nossas análises terão como objetivo perscrutar a experiência da aceleração em sua dimensão das temporalidades do cotidiano, preferimos então traduzir nossa investigação como uma busca pela inteligibilidade das performances do tempo no contexto da modernidade tardia. De acordo com essa perspectiva, a palavra performance se remete à ideia de ação, de mobilidade de corpos em função do tempo. Características estas que constituem as interações contemporâneas entre sujeitos e os múltiplos vetores temporais que definem a experiência ordinária do dia a dia. A partir de uma análise do movimento *slow* almejamos dar forma a alguns pontos de tensão que constituem esse cenário.

O propósito deste primeiro capítulo é apresentar um diálogo entre algumas categorias teóricas sobre o tempo a fim de aplainarmos o terreno do debate sobre a análise da experiência do tempo atual e o movimento *slow* que será melhor contemplado no capítulo 2. Por essa razão, buscaremos destrinchar conceitos como: modernidade, modernidade tardia, aceleração, dessincronização. E, noções como: “espaço de experiência”, “horizonte de expectativa”, “simultaneidade do não simultâneo”, “regimes de historicidade” e “presentismo”.

Para darmos início a esta tarefa, o primeiro nome selecionado é o do historiador alemão Reinhart Koselleck, mais conhecido pelo seu trabalho com a *Historik*, ou simplesmente, Teoria

da História⁶. Atualmente bastante popular nos círculos acadêmicos brasileiros, Koselleck ganhou notoriedade quando entre 1972 e 1997, trabalhou com Otto Bruner e Werner Conze na organização do dicionário da História dos Conceitos (*Geschichtliche Grundbegriffe. Historisches Lexicon der politisch-sozialen Sprache in Deutschland*). Outro nome significativo para esta pesquisa é o do historiador francês François Hartog, reconhecido pelo seu trabalho voltado para a história intelectual e, mais notoriamente, pela sua tese dos regimes de historicidade, destacando-se o presentismo, como nova modalidade de experiência do tempo na contemporaneidade. Por último, mas não menos importante, selecionamos as contribuições do sociólogo alemão Hartmut Rosa devido à sua profícua teoria da aceleração social e suas mais recentes análises sobre as formas de pensar a “boa vida” na atualidade e como essa se encontra tangenciada pelas maneiras mais recentes de apreensão do homem ocidental sobre o tempo.

Colaborando com os atuais diagnósticos acerca da experiência do tempo hodierno, tomamos como ponto de partida o artigo da filósofa e professora da UNIFESP, Olgária Matos, intitulado O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo⁷. Claramente reportando-se ao título da conhecida obra O mal-estar da civilização, de Sigmund Freud, neste texto a autora aponta, de maneira precisa e contundente, para alguns dos sintomas que ratificam a experiência de inquietação com o tempo vigente.

O permanente estado de heteronomia em relação a um tempo pautado em “mudanças incessantes” corresponde, segundo a autora, à exaustão dos corpos que se veem inexoravelmente ligados à lógica do desempenho, da prontidão, da necessidade de estar sempre atualizado e/ou eternamente disponível. Condicionada a um universo de mensagens e imagens sobrepostas, a sociedade ocidental da modernidade tardia acabou por sucumbir à exaustão de sua capacidade de assimilação e à plenitude de sua monotonia. Prova disso é a difusão do sentimento de angústia e impotência que, indiscriminadamente, afetam não somente indivíduos de qualquer classe social, como além de adultos, também crianças e idosos. Somado ao tempo do relógio que se sente esvaír a cada movimento do ponteiro, incide o espectro do futuro. O mais claro sinônimo dos medos e incertezas com os quais é obrigado a lidar o sujeito contemporâneo. Segundo Matos,

⁶ DUARTE, João Azevedo Dias. A modernidade segundo Reinhart Koselleck. In: 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado, 2010, Ouro Preto. *Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia*, 2010, p. 1.

⁷ MATOS, Olgária. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. *ComCiência* [online]. 2008, n.101. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 4 de abril de 2018. As ideias presentes neste artigo também podem ser consultadas em formato vídeo. Ver: Tempo sem experiência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pVXl6c_MiAM. Acesso em: 5 de maio de 2018.

A temporalidade contemporânea assim constituída produz – não o tédio, mas monotonia. Se o tédio [...] é a temporalidade do passado que se repete continuamente no presente – como a moda – isso não significava perda do futuro. [...] Já a monotonia é um tempo estagnado, como se a eternidade do céu se plasmasse na Terra. É uma temporalidade que se exprime na necessidade de ‘matar o tempo’. Tempo patológico, seu vazio de significado tem o stress como ideal porque na monotonia o tempo não passa, pois está alienado na perda do sentido das ações. [...] Tempo que se comprime no desejo de consumo ilimitado⁸.

Na impossibilidade de contemplar um futuro ainda disponível à agência humana, as sociedades da modernidade tardia alçaram ao presente a responsabilidade de tudo conter. Nele são aglutinados o passado, o agora e algo parecido com o pressuposto do devir. Estagnamos frente a um “presente monstro”, conforme afirma Hartog, no qual as dimensões do passado, presente e futuro parecem plasmadas em um bloco destituído de sentido, de abertura para a história.

Ao nos depararmos com esse panorama, verificamos o surgimento da noção de crise do tempo na contemporaneidade. É nesse sentido que sublinhamos as referências feitas ao fechamento do futuro e à indisponibilidade da história. De acordo com a concepção de Matos, no que se refere à experiência temporal recente, a “Modernidade significa, assim, a passagem de um mundo com regras conhecidas a um mundo instável e incerto”⁹.

Ainda segundo a autora, acima de tudo, o que nos causaria tamanho mal-estar é o profundo contrassenso de presenciarmos um tempo em que, se de um lado, tudo a princípio acelera, por outro, o que permanece é a aparência da inércia, o sabor mal deglutido do vazio. Trata-se da pungente sensação de falta de sentido, de ausência de projeto, da difícil resposta para as questões “estamos correndo para quê”? “Aonde desejamos chegar”?

Como afirma Walter Benjamin em seu ensaio de 1933, *Experiência e Pobreza*, é a percepção de um tempo pobre de experiências, um tempo em que a apreensão do acontecimento não dialoga mais¹⁰. Benjamin, que falava sobre a experiência moderna do período entre guerras, já alertava para uma reconfiguração da experiência temporal, em função da impossibilidade narrativa do vivido nas trincheiras e do duro e infeliz prenúncio de uma nova guerra.

O que para Benjamin consistia na evidência de um tempo homogêneo e vazio, na contemporaneidade se revela como um tempo que se quer novo, mas que nada de efetivamente novo anuncia. Há, portanto, o testemunho compartilhado de que, embora o avanço tecnológico tenha asseverado novas formas de sociabilidade e notáveis sucessos científicos, tais

⁸ MATOS, Olgária. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo, *op. cit.*

⁹ *Ibid.*

¹⁰ BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”, in: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas;1).

transformações não foram capazes de manifestar reais mudanças de paradigmas. Ou seja, foram e são incapazes de, por exemplo, alterar a estrutura das desigualdades sociais ainda dominantes.

Nesse sentido, Matos afirma: “A adesão ao presente não permite que o sonho dirija-se à abertura de um novo tempo histórico, a um novo futuro. O sonho, pelo contrário, almeja o alcance e a manutenção do status quo dominante”¹¹. Estaríamos, por conseguinte, condenados a contemplar um quadro destituído de rupturas e novos projetos, sobre o qual repousa a sombra de que o declínio do sonho soviético teria levado consigo também a capacidade imaginativa de que um mundo melhor é possível. Em tom metafórico, é o tempo como prece em sua forma de ladainha, a canção do “mais do mesmo” que continua a tocar no arranhado disco de vitrola.

Agente soberano deste enredo, segundo defende a filósofa, é a *governamentalidade* do capitalismo neoliberal, a qual foi muito bem definida por Pierre Dardot e Christian Laval, na obra *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*¹². Se a revolução industrial teve como uma de suas principais características a domesticação do tempo da agricultura, transformando-o em tempo da produção de máquina, de acordo com o projeto neoliberal, o tempo necessita ser equacionado em função das previsões de ininterrupta produção e consumo a fim de satisfazer e estimular o mercado.

“A maneira do mercado financeiro, o homem não deve dormir nunca”¹³. Esta é a lógica do tempo 24/7 de que trata Jonathan Crary¹⁴. Segundo o autor, a constatação de uma sociedade arquitetada por um ritmo 24/7 manifesta em si uma nova forma de apropriação da experiência do tempo inaugurada por novas intensidades e demandas, profundamente consoantes com as ambições dos projetos da nova ordem neoliberal.

Um ambiente 24/7 aparenta ser um mundo social, mas na verdade é um modelo não social, com desempenho de máquina – e uma suspensão da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia. [...] A novidade está na renúncia absoluta à pretensão de que o tempo possa estar acoplado a quaisquer tarefas de longo prazo, inclusive fantasias de ‘progresso’ ou desenvolvimento. Um mundo sem sombras, iluminado 24/7, é a miragem capitalista final da pós-história – do exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica.

O tempo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal a ideia do trabalho sem pausa, sem limites. *É um tempo alinhado com as coisas inanimadas, inertes ou atemporais*. Como slogan publicitário, institui a disponibilidade absoluta – e, portanto, um estado de necessidades ininterruptas, sempre encorajadas e nunca aplacadas¹⁵.

¹¹ MATOS, Olgária. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo, *op. cit.*

¹² DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹³ MATOS, Olgária. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo, *op. cit.*

¹⁴ CRARY, Jonathan. *24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

¹⁵ *Ibid.*, p. 18-19. Grifo nosso.

Detentor de uma linguagem própria, o sistema neoliberal é capaz de nomear até mesmo as instâncias de ação mais cotidianas para além da simples cronologia dos acontecimentos¹⁶. Não se trata de alocar algo ou alguém antes ou depois. Trata-se do *just in time*, do *up to date*. São novos os termos que decodificam as experiências moduladas pelas temporalidades do mercado financeiro. É a supremacia da mediação dos *bits* e das altas e baixas do mercado de ações que demarcam novas formas de comportamento, de atenção ao tempo. É a reformulação do trato com o tempo orientado segundo os parâmetros das exigências temporais dos fluxos do capital.

Assim, sendo capaz, não somente de requalificar a experiência do tempo presente, a “racionalidade neoliberal” conduz o sujeito contemporâneo a uma nova elaboração de sua historicidade, portanto, de leitura de si em seu tempo¹⁷. É deste modo que, conforme defende Matos, “O capitalismo ultra-liberal confisca o ‘espaço de experiência’ e o ‘horizonte de expectativas’, resumindo-se a um ‘presente perpétuo’”.

Porém, em se tratando de um estudo sobre o fenômeno da aceleração, consideramos importante não direcionarmos nossa atenção somente ao conjunto de fatores que se apresenta mais próximo ao perímetro que alcança o nosso olhar. Logo, acreditamos ser necessário adentrarmos o terreno da história, a fim de, a partir dela, buscarmos reforços para compreender em que medida é possível dizer que a relação atual que temos com o tempo é, de fato, novidade. E ainda, o que tornaria a experiência da aceleração contemporânea tão diferente daquela da *démarche* dos acontecimentos das revoluções francesa e industrial.

Esta é a razão pela qual buscaremos também investigar algumas das especificidades que marcaram a modernidade clássica, assim como outras que qualificam a experiência da modernidade tardia. Aproximando-as e ressaltando suas diferenças e similaridades, esperamos poder investigar melhor a relação das sociedades ocidentais com o tempo no âmbito de suas rupturas e continuidades.

1.2 Primeiros aportes teóricos: Pensando as modernidades.

Começamos nossa incursão a partir da perspectiva de Reinhart Koselleck sobre a Modernidade. Segundo o autor, iniciado no século XVIII, este foi um momento de

¹⁶ Sobre a profusão do uso de novos termos que evidenciam uma nova forma de experiência temporal contemporânea, ver: TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. *Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, pp. 186-205, Ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042018000200186&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

¹⁷ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*, op.cit.

ressignificação da experiência do tempo, na medida em que foi responsável por qualificar uma nova forma de historicidade nas sociedades ocidentais europeias. Essa visão defendida por Koselleck pode ser encontrada nos ensaios contidos em seus livros, *Futuro Passado: contribuição semântica aos estudos históricos* e, na obra, *Estratos do Tempo: estudos sobre a história*. Fundamental para as suas indagações, é a noção de *Sattelzeit*, como sendo o lapso que constitui o conjunto das mudanças ocorridas entre 1750-1850¹⁸.

Não apenas o *Sattelzeit*, mas ainda outros conceitos e categorias são essenciais na abordagem do historiador sobre a modernidade. Dentre as chaves de leitura formuladas pelo autor e aplicadas à sua teoria sobre o tempo, sublinhamos as categorias meta-históricas de espaço de experiência e horizonte de expectativa¹⁹. Partindo de uma perspectiva antropológica, estas categorias devem ser compreendidas como as condições mínimas para todas as histórias possíveis. De acordo com Koselleck, não é possível pensar em qualquer história sem que se leve em consideração as elaborações mentais correspondentes às experiências vividas e às expectativas projetadas para o futuro.

Esses são os pressupostos mínimos que permitem a elaboração e a solução de questões do tipo: como e porquê. É importante ressaltar que essas categorias não podem ser consideradas sem que uma esteja em relação com a outra. Logo, “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”²⁰. Embora não equivalentes, ambas caminham juntas. E a resposta para que não sejam proporcionais encontra-se no fato de que, sendo o passado algo que já aconteceu, esse permanece como concluído. Ou seja, é impossível de que nele sejam realizadas novas intervenções (a menos que se trate de novas análises/revisões realizadas pelo historiador). Já o futuro, como aberto ao acontecimento, encontra-se como que disponível para as ingerências possíveis.

Diretamente relacionada com o acima exposto, está a noção de estratos do tempo, também elaborada por Koselleck. A sua importância para nossas análises a respeito da modernidade considera que ela que nos permite pensar sobre a questão que dá título a um dos ensaios do historiador, denominado: “Quão nova é a modernidade?”. De acordo com o autor, o uso da metáfora geológica dos estratos nos permite dar um passo além na compreensão do tempo, complexificando a dicotomia das análises de um tempo linear ou circular. Segundo essa

¹⁸ GUIMARÃES, Géssica . *Sattelzeit: modernidade e história*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 1, n. 2, Dez. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/25>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

¹⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2006.

²⁰ *Ibid.*, p. 307.

tese, os estratos temporais equivalem às camadas de tempo da qual se constitui a história. Nesse sentido, Koselleck propõe que “assim como ocorre no modelo geológico, os ‘estratos do tempo’ também remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente”²¹.

A repetição desses estratos seria responsável pela existência de estruturas de repetição encarregadas de desvelar o novo, mediante a extrapolação do horizonte de expectativa até então imaginado. Em outra definição, isso corresponderia à lógica de que “algo que seja absolutamente novo não pode ser previsto”²². Por outro lado, tais estratos equivalem também à observação da permanência de disposições que, embora possam ser de algum modo alteradas, continuam a fazer parte da vivência coletiva comum.

Deste modo, mesmo que circunscreva o surgimento da modernidade entre o período de 1750-1850, Koselleck nos adverte que é necessário pensarmos sobre quantas camadas temporais repousam sob ela. Embora na maior parte do tempo não seja possível percebê-las de maneira evidente, elas estão ali, na permanência dos ritos, instituições e ainda tangenciando práticas consideradas como totalmente novas pelo pensamento moderno²³.

Retomando a noção de *Sattelzeit*, ou os “anos de sela”, verificamos que ainda que algumas estruturas permaneçam sólidas no cerne da organização social, como a família, o patriarcado e o catolicismo como religião dominante, este é um momento de profundas transformações. É nesse período que ocorrem as grandes revoluções que marcaram o século XVIII, cujos reflexos repercutiram por todo o globo. É ainda neste momento que se vislumbra o rápido desenvolvimento da técnica dos meios de produção e comunicação, assim como a proliferação da crítica contra o estado absolutista e a crescente crença na capacidade de ação e transformação do meio pela vontade humana.

Na modernidade, em decorrência das descobertas técnicas e científicas e sua aplicação na vida cotidiana, a vivência direta de uma velocidade nunca antes vista alcançou dimensões impensáveis, capazes de traduzir como inédita qualquer visão que se projetasse do futuro. Não mais sob a máxima da celeridade do trote dos cavalos e dos padrões do ritmo de produção sazonal, o aperfeiçoamento tecnológico trouxe o espanto da rapidez da máquina a vapor, o

²¹ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo. Estudos sobre História*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 9.

²² *Ibid.*, p. 215.

²³ É interessante lembrar as considerações de Koselleck sobre a instauração de um novo calendário em decorrência da revolução francesa. Se por um lado o estabelecimento de um calendário novo evoca o desejo de começar do zero, ou seja, a vontade de desligar-se por completo de tudo que pudesse remeter ao período anterior, por outro, a função do calendário, enquanto estrutura de repetição, permanece sendo a mesma, qual seja, organizar e normatizar a estrutura cronológica de dias, meses e anos. Ver: *Ibid.*, p. 223-228.

aumento da produtividade e a possibilidade extraordinária do encurtamento de distâncias inimagináveis.

Com a rapidez das transformações em curso, as dimensões do passado, presente e futuro começaram a ser ressignificadas. O passado, que até então emanava luz sobre o futuro, devido à sua função de exemplaridade, foi realocado à posição de objeto de estudo dos historiadores. O presente, que nada mais era do que a reprodução do passado e a referência do que se esperar para o futuro, revestiu-se de uma outra perspectiva: foi alçado à função de meio. Transfigurou-se no caminho a ser percorrido rumo a um futuro glorioso. É, deste modo, que o futuro adquire a qualidade de objeto da expectativa secularizada do porvir. A sacralidade da espera pelo Juízo Final ou da redenção pela morte foi substituída pela esperança do gozo material no espaço da vivência terrena²⁴.

Mudança, *mutatio rerum*, pode ser constatada em todas as histórias. No entanto, a mudança moderna é aquela que provoca uma nova experiência temporal: a de que tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido esperado antes²⁵.

Considerado o conjunto das novidades elencadas acima, o *Sattelzeit*, compreendido como o momento de transição para a consolidação da modernidade, é o período definido, segundo Koselleck por um profundo descolamento entre espaço de experiência e horizonte de expectativas. A tensão surgida entre essas duas categorias meta-históricas contribui para tornar evidente que as experiências vividas no passado deixaram de ser suficientes a fim de serem utilizadas como modelo ou para instruírem naquilo que se esperava do futuro. As mudanças – rápidas demais em comparação com as referências vividas – representaram um estado tão repleto de novidades, que nem mesmo o imaginário da época foi capaz de assimilar com facilidade. Para compreendermos melhor esse momento de transformações é interessante considerarmos a chave de leitura proposta pelo historiador François Hartog, mediante a sua teoria sobre os regimes de historicidade.

Relembrando Proust na epígrafe da obra *Regimes de Historicidade*, François Hartog aponta para a condição imprescindível da existência humana: se somos, somos apenas “.... no tempo”. Como consequência dessa inexorável condição existencial, todo indivíduo carrega em si uma leitura própria do seu tempo, uma consciência da passagem deste, que se traduz em formas específicas de ser em diferentes tempos e locais. A isto chamamos historicidade, ou

²⁴ KOSELLECK, Reinhart. “Abreviação do tempo e aceleração. Um estudo sobre a secularização”, in: *Estratos do Tempo*, op. cit.

²⁵ *Ibid.*, p. 153. Grifo nosso.

seja, a compreensão que sociedades e sujeitos têm sobre o decurso do tempo, sobre a sua própria experiência temporal.

Uma das entradas de acesso à essa noção tem sido ofertada por Hartog a partir da sua tese sobre os regimes de historicidade. Segundo o autor, a relevância de sua proposta reside em oferecer um instrumento heurístico, cujo valor fundamental se assenta na possibilidade de comparação entre diferentes formas de se relacionar com o tempo. Trata-se de uma ferramenta, cuja finalidade é auxiliar para que possamos compreender melhor como “de acordo com as relações respectivas do presente, do passado e do futuro, determinados tipos de histórias são possíveis e outros não”²⁶.

Assim posto, Hartog nos apresenta dois regimes de historicidade que por hora nos interessam. Em primeiro lugar, o antigo regime de historicidade. Esse regime define-se pela crença de que “o passado esclarecia o futuro”²⁷. Ganha vez aqui o *topos* ciceroniano da chamada *historia magistra vitae*. Quando a história, como mestra da vida, ocupava o espaço de onde deveriam ser extraídos os exemplos para as condutas tanto do dia a dia quanto para situações futuras. No entanto, com o surgimento da modernidade e a rapidez das mudanças, tornou-se impossível que o passado continuasse servindo como referência para o devir. Espaço de experiência e horizonte de expectativa se afastavam na medida em que a experiência do tempo acelerado e projetado teleologicamente para o futuro adquiria cada vez mais destaque.

Desse modo, o regime moderno de historicidade é descrito enquanto cenário de profundas transformações nas relações com o tempo quando, “o exemplar como tal desaparece para dar lugar ao que não se repete. O passado é, por princípio ou por posição, ultrapassado”²⁸. O que é manifesto também nos escritos de Koselleck, já que segundo ele “temporalizada e processualizada em uma unicidade contínua, a história não podia ser mais ensinada como exemplo”²⁹.

Na modernidade, surge “um novo conceito emancipado da cronologia natural”³⁰. A modernidade cria o tempo histórico. Este, “não redutível ao tempo mensurável e natural” é marcado pela transformação a que é submetida a história sendo substituída de seu caráter plural para um coletivo singular – ou seja, transformando-se de *Historie* para *Geschichte* – adquire uma temporalidade que lhe é própria. Segundo Koselleck,

²⁶ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 39.

²⁷ *Ibid.*, p. 129.

²⁸ *Ibid.*, p.137.

²⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 319.

³⁰ DUARTE, João Dias de Azevedo. *A modernidade segundo Reinhart Koselleck*, op. cit., p. 3.

O tempo histórico [...] está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações. Todos eles, homens e instituições, têm formas próprias de ação e consecução que lhe são imanentes e que possuem um ritmo temporal próprio. [...]

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido³¹.

O tempo histórico surge como o momento em que a ideia de progresso, conforme elaborada por Kant, aparece como conceito fundamental para o planejamento das ações humanas. O progresso representa o “primeiro conceito genuinamente histórico” pois é a partir dele que é possível observar o profundo distanciamento temporal entre experiência e expectativa que particularizam a historicidade moderna³².

O progresso pode ser definido como o conceito descritivo por excelência de um período calcado na experiência da elaboração de um “novo tempo” orientado para o futuro. Um futuro como produto da “autoconfiança moderna” e resultado da “criação do trabalho humano”, ao qual fora conferida a capacidade de “mover o mundo para frente”, de fazer a história acontecer³³. A partir da paulatina desqualificação do passado como modelo, seguiu-se a devoção ao devir, imaginado de acordo com a seta desenvolvimentista que deveria orientar os povos rumo à evolução conforme os pressupostos civilizatórios do mundo europeu, branco e cristão³⁴.

A utopia, agora temporalizada no futuro, passou a abarcar todos os discursos que se propunham a instaurar no porvir as condições de uma sociedade que fosse diferente do passado, imaginada como melhor. Corroborando com este propósito, a filosofia da história teve papel fundamental. Como promotora de ideais de progresso, fomentou a crença na racionalidade e na

³¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 13-14.

³² *Ibid.*, p. 320.

³³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 165-167.

³⁴ Um significativo adendo a esta questão pode ser encontrado em uma das críticas de Claude Lévi-Strauss aos pressupostos do pensamento moderno. Segundo ele, o problema do escalonamento das sociedades em uma linha de desenvolvimento temporal orientada pelo eixo eurocêntrico sugeria uma tentativa de elipsar o fato de que os povos aborígenes, ditos bárbaros ou selvagens, também têm história. De uma maneira peculiar, cada um desses povos está inserido na história, possuindo, nesses termos, sua própria forma de lidar com o tempo, de vivenciá-lo, ou seja, de elaborar a sua própria historicidade. Assim, a construção de uma seta do tempo pensada segundo um norte civilizatório teria repercutido na falsa alegação de legitimidade para que os povos europeus, autointitulados, como povos “com história”, conduzissem as experiências de dominação e massacre de outros povos, erroneamente caracterizados como “sem história”. Cf.: HARTOG, François. O olhar distanciado: Lévi-Strauss e a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 12, p. 9-24, Jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v7n12/2237-101X-topoi-7-12-00009.pdf>. Acesso em: 5 de maio de 2018. IEGELSKI, Francine. Dentro e fora da história. A distinção teórica entre sociedades quentes e sociedades frias no pensamento de Claude Lévi-Strauss. In: *XIX Encontro Regional de História ANPH-SP*, 2008, São Paulo. Poder, violência e exclusão, 2008. Disponível em: <https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Francine%20Iegelski.pdf>. Acesso em: 5 de maio de 2018.

capacidade do poder de transformação dos homens sobre o seu destino³⁵. Com isso, conceitos foram ressignificados e neologismos criados a fim de darem conta dos novos anseios fomentados. É a esta constatação que Koselleck se refere quando cita o surgimento de conceitos de movimento impregnados de expectativa: “Quanto menor a experiência tanto maior a expectativa – eis uma fórmula para a estrutura temporal da modernidade, conceitualizada pelo progresso”³⁶.

Aqui podemos encontrar a ambivalência que caracteriza a visão de Reinhart Koselleck sobre a modernidade. Se, por um lado, este novo tempo inaugurou novas possibilidades para o conhecimento da história, por outro, a crítica que dele se faz destina-se às filosofias da história consideradas responsáveis pela legitimação da barbárie em função dos projetos de futuro que se desejava alcançar. Entenda-se aqui a “perpetuação de uma crise, que se estende da Revolução Francesa até o final da Guerra Fria”³⁷. Dialogando com o historiador alemão, Hartog cita,

Passou-se então da perfeição à perfectibilidade [ou *perfectibilité*, segundo Rousseau] e ao progresso. Chegando a desvalorizar, em nome do futuro, o passado ultrapassado, mas também o presente. Não sendo nada mais do que a véspera do futuro, melhor senão ‘radiante’, ele podia, até devia ser sacrificado³⁸.

Convém ressaltar que todas as transformações e as novas maneiras de pensar e se dispor em relação ao tempo na modernidade só foram possíveis mediante um elemento fundamental. Trata-se da aceleração, enquanto novidade da experiência humana em relação ao tempo. Dito isso, queremos, entretanto, primeiro sublinhar que a aceleração não foi exclusividade da modernidade. A originalidade da aceleração vivenciada a partir dos oitocentos deve-se ao fato de que o imaginário escatológico de encurtamento do tempo em função do juízo final foi substituído pela fé no progresso aqui mesmo, no espaço intraterreno. O télos que antes mobilizava a aceleração em função da redenção no além foi suplantado, dando lugar a aceleração que aparecia como sinônimo da perfectibilidade. “A salvação não estava mais no fim da história, mas na realização da própria história”³⁹.

O objetivo pelo qual a aceleração foi articulada acabou sendo o grande diferencial na forma como os homens perceberam o seu tempo como distinto de períodos anteriores. A

³⁵ “Se a história inteira é única, também o futuro deve ser único, portanto diferente do passado. Este axioma da filosofia da história, que resulta do Iluminismo e faz eco à Revolução Francesa, serve de base tanto para a ‘história em geral’, quanto para o ‘progresso’. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, *op. cit.*, p. 319.

³⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, *op. cit.*, p. 326.

³⁷ DUARTE, João de Azevedo e Dias. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 8, p. 70-90, 2012, p. 78. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/312/243>. Acesso em: 2 de maio de 2018

³⁸ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*, *op. cit.*, p. 33.

³⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*, *op. cit.* p. 176.

aceleração proveniente da experiência moderna orientada pelas premissas da novidade e do aperfeiçoamento traduziu-se não só em uma nova forma de organização das sociedades ocidentais, como fundamentalmente configurou a elaboração de uma nova forma de historicidade.

Esta é, portanto, a qualidade das mudanças alçadas à modernidade. Mudanças aconteceram e acontecem em todos os tempos. No entanto, a diferença assombrosa da modernidade, verificou-se não apenas pela constatação de um estado de transformações contínuas, mas, acima de tudo, aceleradas. Entendida a aceleração como um conceito aplicado sempre em perspectiva (acelera-se em relação a algo ou a alguém), foi a comparação com a velocidade das experiências passadas o que possibilitou afirmar que esse era, de fato, um momento novo. Totalmente diferente do que havia sido vivenciado anteriormente quando a ocorrência de qualquer alteração não era suficiente para que a organicidade social e as perspectivas quanto ao passado, presente e futuro fossem alteradas. Assim, Koselleck considera que,

A abreviação do tempo, determinada extra-historicamente, transforma-se no início da modernidade em um axioma intra-histórico de aceleração. Deus é substituído pelo homem, que agora deve forçar essa aceleração pela transformação da natureza e da sociedade⁴⁰.

Uma vez possibilitando a comparação entre experiências com cadências temporais distintas, a aceleração trouxe à tona “um dos fenômenos históricos mais reveladores”, qual seja, a observação prática do conceito de simultaneidade do não simultâneo⁴¹. Noção essa que, uma vez utilizada por Koselleck, assume relação direta com a sua teoria dos estratos do tempo.

A ideia de simultaneidade do não simultâneo ou a contemporaneidade do não-contemporâneo, foi formulada por Ernst Bloch, na obra *Herança desse tempo*, em 1935, tendo adquirido eco até hoje nas mais diferentes investigações no campo das humanidades. Seu empréstimo pode ser verificado nos trabalhos de Jacques Derrida, também nos do já referido Koselleck, ainda em Gumbrecht, assim como em algumas das obras de François Hartog (principalmente *Crer em História*) e com frequência nos trabalhos de Hartmut Rosa (assíduo leitor de Koselleck).

A simultaneidade do não simultâneo trata da experiência em que diferentes temporalidades coexistem no mesmo tempo e espaço⁴². Este conceito, baseado na premissa da comparação, tornou possível uma análise que ultrapassasse o eixo diacrônico e considerasse

⁴⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*, op. cit., p. 182.

⁴¹ *Ibid.* p. 9.

⁴² *Id.*, *Futuro Passado*, op. cit., p. 121.

também as sincronias das experiências históricas situadas nos mais diversos estratos temporais⁴³.

Foi assim que, uma vez orientada por “filosofias lineares de progresso”, a história, como única e universal, passou a ser compreendida como o caminho a ser percorrido rumo aos avanços que somente o futuro poderia propiciar⁴⁴. Dessa forma, os povos que não se encontravam no mesmo estágio de desenvolvimento do universo europeu passaram a ser considerados como inferiores na escala evolutiva, por conseguinte, antigos, atrasados, não civilizados e, acima de tudo, destinados às intenções de domínio daqueles que se autointitulavam desenvolvidos.

As comparações ordenaram a história do mundo, que passava a fazer parte da experiência, interpretada como um progresso para objetivos cada vez mais avançados. Um impulso constante para a comparação progressiva proveio da observação de que povos, estados, continentes, ciências, corporações ou classes estavam adiantados uns em relação aos outros, de modo que por fim – desde o século XVIII – pode ser formulado o postulado da aceleração ou – por parte dos que havia ficado para trás – o do alcançar ou ultrapassar. Esta experiência básica do “progresso”, que pôde ser concebida por volta de 1800, têm raízes no conhecimento do anacrônico que ocorre em um tempo cronologicamente idêntico⁴⁵.

O progresso reunia, pois, experiências ou expectativas afetadas por um coeficiente de variação temporal. Um grupo, um país, uma classe social, tinham consciência de estar à frente dos outros, ou então procuravam alcançar os outros ou ultrapassá-los. Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos⁴⁶.

O que estava em jogo, era que a aceleração moderna tornava cada vez mais clara a existência de múltiplas temporalidades. Além desta observação ter sido utilizada como forma de legitimação de domínio – haja vista o imperialismo que, no século XIX, espoliou boa parte da Ásia e África – originou-se, a partir de então, ainda um novo problema. Aprofundando cada vez mais o fosso que separava experiência e expectativa, a aceleração das mudanças em vigor acabou por, gradualmente, comprometer aquilo que Koselleck, chamou de “arte do prognóstico”⁴⁷.

⁴³ Esse é o método de análise que Koselleck também utilizou para a elaboração do Dicionário dos Conceitos. Deste modo ele cita: “A história dos conceitos põe em evidência, portanto, a estratificação do significado de um mesmo conceito em épocas diferentes. Com isso ela ultrapassa a alternativa estreita entre diacronia ou sincronia, passando a remeter à possibilidade de simultaneidade do não simultâneo que pode estar contida em um conceito”. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 115.

⁴⁴ GUIMARÃES, Géssica. *Sattelzeit: modernidade e história*, op. cit.

⁴⁵ KOSELLECK, Reinhart, *Futuro Passado*, op. cit., p. 284-285.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 317.

⁴⁷ KOSELLECK, Reinhart., *Estratos do tempo*, op. cit., p. 189.

A rapidez com que aconteciam as mudanças acabavam por abalar as estruturas formadas por condições estáveis que serviam de referência para previsões sobre o futuro. Assim, mesmo que no decurso da modernidade o futuro fosse almejado como glorioso e melhor, pouco se podia prevê-lo. Tornava-se cada vez mais difícil planejar decisões para longo e médio prazo, já que os extratos das experiências passadas se tornavam progressivamente inacessíveis ao cálculo das previsões. Ou seja: “Sem as constantes, de duração variada, presentes nos eventos vindouros [tornou-se] impossível prognosticar qualquer coisa”⁴⁸.

O cotidiano apresentava a cada dia novas possibilidades, o que significava dizer que o projeto escrito ontem necessitaria de novas readaptações continuamente. O que pode ser compreendido como a constância do inconstante ou a impossibilidade de acompanhar as mudanças ofertadas diariamente pela celeridade. Algo que permite ser interpretado pela percepção de um futuro que se refaz diariamente. Tendo em vista que esse quadro se prolongou por toda a modernidade clássica e ainda abrange os dias atuais, agora no que demonstra ser a sua constatação mais extrema, Koselleck, nas entrelinhas, parece tentar sugerir uma possível solução para a questão.

Por isso, permitam-me um epílogo em retrospectiva histórica: a certeza prognóstica deveria aumentar se conseguíssemos introduzir mais efeitos retardantes em relação ao futuro, efeitos retardantes que se tornarão mais calculáveis assim que as condições gerais, econômicas e institucionais, das nossas ações adquirirem uma constância maior. Mas isso é, provavelmente, apenas uma utopia. Não pode ser deduzido da nossa história⁴⁹.

Tendo em mente que a alternativa da desaceleração se encontra fora de cogitação, Koselleck adverte sobre as consequências em um futuro não muito distante caracterizado por uma aceleração sem limites. O autor reitera que a impossibilidade na elaboração de prognósticos desdobra-se em um problema ainda maior – entendido aqui que o prognóstico tem como função precípua viabilizar a reflexão sobre como agir/decidir em relação ao futuro. Uma vez que somos obliterados na nossa capacidade de refletir, nos é dada apenas a condição de reagir.

Assim, como a reação sugere mais a atenção a problemas atuais que pululam a cada dia do que efetivamente o planejamento do novo, encontramos-nos como que paralisados quanto à implementação de propostas que realmente tragam alguma novidade a fim de solucionarmos questões, para as quais, não enxergamos saída no futuro. Esse é o caso de problemas como a atual crise ambiental e a crise dos refugiados.

⁴⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 193.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 205.

Uma vez explorada a noção de modernidade, de acordo com Koselleck e os trabalhos de Hartog, convém traçarmos algumas comparações entre o que se compreende por modernidade e o que tem sido tratado como modernidade tardia. Um exercício fundamental para a nossa análise é o cotejamento entre a experiência da aceleração na modernidade e aquela que se refere ao fenômeno da aceleração atual.

Sendo assim, destacamos que, se a aceleração tal como vivenciada pela modernidade foi guiada por premissas de inovação e progresso, a aceleração como marca do cotidiano contemporâneo pode ser traduzida por outras formas bastante diferentes de apreensão. Embora não se queira omitir a perseverança dos entusiastas com os progressos tecnológicos ligados à medicina e ao desenvolvimento dos mais avançados *softwares* e computadores (afinal já assistimos o diálogo entre inteligência artificial e transumanismo) faz-se cada vez maior o número daqueles que desafinam o coro dos contentes⁵⁰.

Exímio estudioso sobre a modernidade, no livro *Tempos líquidos*, Zygmunt Bauman aponta para uma importante mudança atribuída ao conceito de progresso na modernidade tardia. Segundo ele, em nossos tempos, “o progresso não é mais imaginado no contexto de um impulso para uma arrancada à frente, mas em conexão com um esforço desesperado para permanecer na corrida”⁵¹.

O ‘progresso’, que já foi a manifestação mais extrema do otimismo radical e uma promessa de felicidade universalmente compartilhada e permanente, se afastou totalmente em direção ao polo oposto, distópico e fatalista da antecipação: ele agora representa a ameaça de uma mudança inexorável e inescapável que, em vez de augurar a paz e o sossego, pressagia somente a crise e a tensão e impede que haja um momento de descanso. O progresso se transformou numa espécie de dança das cadeiras interminável e ininterrupta, na qual um momento de desatenção resulta na derrota irreversível e na exclusão irrevogável. Em vez de grandes expectativas e sonhos agradáveis, o ‘progresso’ evoca uma insônia cheia de pesadelos de ‘ser deixado para trás’ – de perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração⁵².

A desconfiança para com a rapidez própria de nossa atualidade e a nebulosidade que encobre o futuro caracterizam hoje o lado escuro da lua do progresso no qual são tingidos o diagnóstico de um presente cada vez mais caótico e um amanhã não muito diferente deste mesmo quadro. Em função disso, não é raro que nos deparemos, com certa frequência, com afirmações que apontem para uma inevitabilidade ou até mesmo, já emergente crise do tempo⁵³.

⁵⁰ Cf. <http://humanityplus.org/>. Também aborda a questão o documentário: *Quanto tempo o tempo tem*. Direção: Adriana L. Dutra. Brasil: Arthouse, 2015, 72 min.

⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007^a, p. 108.

⁵² *Ibid.*, p. 16-17.

⁵³ Sobre fim da temporalidade e crise do tempo ver, respectivamente: JAMESON, Fredric. “O fim da temporalidade”, in: *ArtCultura*, v. 13, n. 22, p. 187-206, jan.-jun., 2011. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/jameson.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018; HARTOG, François. *Regimes de historicidade*, op. cit.

Referência sobre o assunto, o teórico e crítico literário Fredric Jameson afirma que estaríamos vivendo o fim da temporalidade. De acordo com o autor, esse fim deve ser compreendido como “um alarmante encolhimento do tempo existencial, como a redução a um presente que não mais se qualifica enquanto tal, dado o virtual apagamento daquele passado e do futuro que podem, primeiramente e por conta própria, definir um presente”⁵⁴. Algo muito próximo do que François Hartog definiu como a crise do tempo, seguindo a sua tese do regime de historicidade presentista. Entretanto, convém salientar que crise do tempo não é sinônimo de ausência do futuro. Esse certamente chegará. O que está em questão na alusão a esse termo é uma revisão quanto à ordem temporal dominante, hoje caducante, em face às mudanças percebidas quase que de modo planetário, especialmente nos últimos trinta anos.

Dito isso, falar sobre crise do tempo significa trazer à discussão que o paradigma do tempo linear enquanto instituído pela disciplina histórica do século XIX já não é mais suficiente para elucidar e/ou tentar normatizar os fluxos e tensões temporais que comportam o pensamento e as práticas atuais nas sociedades ocidentais. Não é à toa que a sua capacidade de sincronização tem sido objeto de estudo e revisão⁵⁵.

Realmente, vivemos um novo tempo, não mais configurado de acordo com o imaginário da modernidade. Na confluência de inúmeras temporalidades que ora aceleram ainda mais, ora são intencionalmente (ou não) refreadas, a seta passado>presente>futuro se revela ineficaz para comunicar experiências alicerçadas em adjetivos como flexibilidade, alta mobilidade, eficiência e adaptabilidade.

A aceleração empregada na crença em um projeto válido para o futuro originalmente sublinhada pelo progresso foi substancialmente minada devido à crítica à razão e à ciência decorrente das grandes catástrofes que caracterizaram o século XX. A aceleração antes anunciada como o baluarte da modernidade, propulsora de tempos gloriosos, converteu-se, no cenário contemporâneo, na sombra do medo e da incerteza. Sobre este horizonte que, pouco a pouco, tingia-se de cinza, já em 1903, George Simmel era capaz de alertar para uma “intensificação da vida nervosa”⁵⁶. No espaço de apenas duas gerações, cerca de oitenta anos depois, Andreas Huyssen ratificava:

⁵⁴ JAMESON, Fredric. *O fim da temporalidade*, op. cit., p. 198.

⁵⁵Cf.: TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 586-601. Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-101X2016000200586&script=sci_abstract. Acesso em: 13 de março de 2018 ; JORDHEIM, Helge. Multiple Times and the work of synchronization. *History and Theory*, v. 53, n. 4, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/hith.10728>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

⁵⁶ SIMMEL, George. “As grandes cidades e a vida do espírito”, in: *Mana*, 11, 2, 2005, p.573.

Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar⁵⁷.

Chegamos então à conclusão de que a aceleração atual é bastante diferenciada daquela que orientou a experiência da modernidade clássica. Seu fator de mais significativa distinção deve-se à ausência de um tólos que qualifica a experiência temporal da modernidade tardia⁵⁸. Explicando de outro modo, de acordo com Koselleck, a aceleração observada na modernidade clássica convergia para um projeto de formação do sujeito – o que na literatura alemã fora traduzido por *Bildung*– a partir do qual esperava-se e acreditava-se – que era possível planejar uma vida para o futuro e que este seria melhor do que havia oferecido os estratos das experiências passadas.

Do mesmo modo, Hartmut Rosa afirma que na modernidade tardia a aceleração, diagnosticada pelo imperativo da pressa e do imediatismo, acabou por revelar uma impossibilidade de planejamentos de longa data, expressa pela ausência de um programa teleológico a ser elaborado e conquistado. “De alguma forma perdemos o senso de futuro. A ideia de progresso foi perdida”⁵⁹. Assim, não há um destino para o qual seguir. Aqui a ausência de sentido é percebida de forma dolorosa, reiterando a emergência de um novo sujeito cujo perfil é constantemente reeditado a fim de que possa corresponder às demandas oriundas de contingências múltiplas e cada vez mais aceleradas. Segundo Rosa, “Este, para mim, é o sinal da condição pós-moderna: nós não estamos mais correndo em direção a um horizonte brilhante no futuro, nós estamos fugindo do abismo escuro atrás de nossas costas”⁶⁰.

Em que pesem, as diferenças supracitadas, cabe ainda mencionarmos mais uma observação. Se na modernidade clássica, o que mais se pode perceber é uma essencial mudança na maneira de apreensão do tempo histórico, na modernidade tardia, embora a ordem temporal em vigor também seja questionada, o que mais chama a atenção de nossa pesquisa são as transformações e multiplicações das temporalidades do cotidiano. As performances do tempo

⁵⁷ HUYSEN, Andreas. “Passados presentes: mídia, política e amnésia”, in: *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000, p. 32.

⁵⁸ KOSELLECK, Reinhart, *Futuro Passado*, op. cit., p. 176.

⁵⁹ TZIMINADIS, João Lucas Facó. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v.22. n.4,3 p.365-383, Jul.- Dez. 2017, p.371. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10462>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

⁶⁰ No original: “This, for me, is the sign of the postmodern condition: we are no longer running towards a bright horizon in the future, we are running away from the dark abyss behind our backs”. GALLO, Claudio. *Social acceleration and the Need for Speed*. Claudio Gallo interviews Hartmut Rosa. 28 Jun. 2015. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/social-acceleration-and-the-need-for-speed/#!>. Acesso em: 11 de novembro de 2018 Tradução nossa.

da vida diária e vulgar. Uma característica marcante desse novo panorama é a dessincronização temporal, fator esse fundamental, para tentarmos compreender um pouco mais sobre o modo operacional das sociedades hiperaceleradas no ocidente.

1.3 Aceleração e crise.

Representante da nova teoria crítica, o sociólogo alemão Hartmut Rosa tem alcançado enorme relevância nos círculos acadêmicos atuais em função da pertinência e abrangência dos seus estudos sobre a sociedade ocidental na modernidade tardia. Ao tratar sobre o tempo, seu interesse não está em querer defini-lo, tal como na aporia agostiniana. Sua principal teoria refere-se à experiência da aceleração social nas sociedades contemporâneas ocidentais.

De acordo com o autor, o fenômeno da aceleração social deve ser explicado em função de sua relação com a modernidade. Rosa defende que a modernidade tardia se difere da modernidade clássica fundamentalmente por seu elevado grau de aceleração e dessincronização. De maneira sintética, o autor afirma que: “Nós podemos dizer que a modernidade tardia não é nada além do que a sociedade moderna acelerada (e dessincronizada) para além do ponto de uma possível reintegração”⁶¹.

Neste tipo de sociedade hiperacelerada é impossível encontrar uma aceleração determinada por “um padrão único”. Do mesmo modo que, a partir da noção da simultaneidade do não simultâneo é possível problematizarmos a presunção de homogeneidade temporal da aceleração, assim também o faz Rosa, porém fundamentado sob outro viés. Ao sublinhar a necessidade de explorar não apenas as formas de aceleração social, mas também seus vértices desaceleratórios, o autor nos convida a contemplar nesta investigação as multitemporalidades que entremeiam o processo de autopoieses da aceleração atual.

A confluência de diferentes temporalidades, tanto rápidas quanto lentas, que constituem o sistema autoalimentado da aceleração, seria responsável por culminar em um estado de “inércia polar”, mais facilmente identificado pela sensação de “tempo congelado”. Um tempo eivado de medidas mais reativas do que, de fato, novas. Algo que Hartog resume como a constatação de um tempo em que “mais se reage do que se age”. Esta sensação de imobilidade pode ser compreendida paralelamente à noção de crise do tempo, conforme citado pelo mesmo

⁶¹ No original: “[...] we can say that late modernity is nothing other than modern society accelerated (and desynchronized) beyond the point of possible reintegration”. ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*. Social acceleration, power and modernity. Philadelphia, Pennsylvania University Press, 2009, p. 97. Tradução nossa.

autor, quando de suas investigações sobre os sintomas que o ajudam a definir o regime de historicidade presentista. Segundo Rosa,

Assim, nenhuma análise de aceleração social será completa a menos que leve em conta [o que Rosa chamará de *paradoxal flipside*] estes estranhos fenômenos correspondentes da desaceleração social e retardamento que têm se tornado particularmente visíveis a partir da virada para o século XXI, com o aumento das teorias de “hiperaceleração”, “turbo-capitalismo”, e a “revolução da velocidade digital” de um lado, e concepções de “inércia polar”, o “fim da história”, o “fechamento do futuro”, e a inescapabilidade esclerótica de uma “gaiola de ferro” por outro⁶². (Tradução nossa)

Alocada no papel de vilã, a aceleração na modernidade tardia passou a ser questionada sobre seus limites. Uma das preocupações mais evidentes sobre as problemáticas que dela decorrem é a sua capacidade de subtrair não só o tempo da reflexão individual como também o tempo necessário à análise para a tomada de decisão no que se refere a instituições políticas, econômicas e sociais. Ou seja, o tempo indispensável para o exercício da democracia. Inclui-se também nesse panorama as apreensões suscitadas com a diminuição do tempo disponível para a resolução de problemas ambientais em uma realidade marcada pela notória escassez de recursos e a destruição da natureza pela interferência humana.

Em consonância com o último item mencionado, ganha força a teoria do Antropoceno. Esta, define-se pela condição inédita de uma era geológica onde o homem, além de ser um agente biológico – como ser que interage com a natureza – passa a ser considerado também como uma “força geológica” – capaz de causar impactos diretos na superfície do planeta⁶³. A aceleração na modernidade tardia, leva-nos, portanto, a reconsiderar, além dos “limites ecológicos do capitalismo”, também o “fim da velha distinção humanista entre história natural e história humana”⁶⁴.

É assim que, no fervor desses debates, a propaganda *slow* começa a adquirir destaque. Defensores de que uma nova ordem temporal é possível e desejável – o tempo desacelerado – os adeptos a este movimento propõem que uma mudança de mentalidade, ancorada em novas práticas no cotidiano, seria a condição necessária e suficiente para a construção de um mundo sustentável, menos apressado e mais preocupado com as condições socioambientais do planeta.

⁶² No original: “Hence, no analysis of social acceleration will be complete unless it takes into account those strange corresponding phenomena of social deceleration and slowdown that have become particularly visible toward the turn of the twenty-first century, with the rise of theories of ‘hyperacceleration’, ‘turbo-capitalism’, and the ‘digital speed revolution’ on the one hand, and conceptions of ‘polar inertia’, the ‘end of history’, the ‘closing of the future’, and the sclerotic inescapability of the ‘iron cage’ on the other”. ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society, op. cit.*, p. 80.

⁶³ CHAKRABARTY, Dipesh. O Clima da História: quatro teses. *Sopro*, 91, jul., 2013, p. 9. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>. Acesso em: 5 de outubro de 2017.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 4-5.

Segundo Hartmut Rosa, a “condensação da modernidade tardia” encontra-se no bloco que demarca os anos 1990. Esse foi o período em que foi possível verificar três grandes ondas de aceleração. A primeira, alude às “Revoluções políticas que levaram à queda do muro e do bloco comunista”. A abertura econômica e política dessas regiões possibilitaram a sua entrada na corrida da aceleração desenvolvimentista segundo a lógica ocidental. Em segundo lugar, observam-se as desregulamentações e privatizações que transformaram o mercado financeiro e se consubstanciaram com a implementação da ordem neoliberal. Por último, a “revolução digital” e a internet que possibilitaram o tráfego de informações e serviços em velocidades extraordinárias⁶⁵.

Outro ponto importante a ser destacado na teoria de Rosa é a afirmação de que existem diferentes tipos de aceleração tanto *na* sociedade, quanto *da* sociedade. E, por mais que esses termos pareçam tratar da mesma coisa, pelo contrário, destinam-se a instâncias diferenciadas. No caso da aceleração localizada dentro da sociedade, o destaque deve ser dado para aquela de viés tecnológico, especialmente a aceleração inaugurada pela internet e o uso de computadores portáteis. Essa é a modalidade aceleratória em que mais se percebe um progressivo aniquilamento do espaço, já que a conexão de dados em rede proporciona um quase que instantâneo alcance geográfico ilimitado.

Em um segundo quadro, visualizamos duas formas de aceleração da própria sociedade. A primeira delas é denominada como a aceleração das mudanças sociais. Sua definição abrange as transformações que englobam as esferas do trabalho e da família. Mudanças que antes aconteciam em “ritmo intergeracional” e que, na modernidade tardia, passam a ser notadas em “ritmo intrageracional”. “Aumento das taxas de divórcio e novos casamentos são evidências disso”. O segundo caso, é a aceleração dos ritmos de vida, ou seja, o tempo rápido atribuído à realização de atividades, do andamento de fluxos.

Aqui se encontra o paradoxo da aceleração, como o define Rosa, quando a intensificação do desenvolvimento tecnológico em vez de contribuir para a abundância do tempo livre, incide no aumento de sua escassez. Em tom metafórico, o sociólogo se refere a esse paradoxo, como uma escada rolante em declive, em face da qual somos impostos a acelerar, embora não seja possível mudarmos de posição. Aliás, se pararmos ou relaxarmos, a única alternativa é ficarmos para trás.

De acordo com Rosa, nas sociedades contemporâneas existem quatro motores responsáveis pelo estímulo contínuo à aceleração. A referência a um processo autoalimentado

⁶⁵ TZIMINADIS. João Lucas Faco. *Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa*, op. cit., p.371.

leva em consideração, em primeiro lugar, o motor econômico, ou seja, o capitalismo, hoje em sua versão neoliberal, como um de seus mecanismos principais e para o qual não há perspectiva de fim. “O sistema capitalista repousa na acelerada circulação de mercadorias e capital em uma sociedade orientada para o crescimento. Assim a lógica do capitalismo conecta crescimento e aceleração [...]”⁶⁶.

É importante ressaltar que, para o autor, “crescimento refere-se a todos os tipos de ações e processos demorados”⁶⁷. Ou seja, o aumento do fluxo de atividades, assim como da produção e consumo corroboram para o incentivo à aceleração. Em outras palavras: mais aceleração, mais tarefas a serem realizadas, mais artefatos sendo produzidos, mais serviços sendo ofertados. Enfim, tudo o que pressupõe uma inesgotável gama de atividades à disposição da escolha do indivíduo que, por sua vez, vê-se cada vez mais incapaz de acompanhar tal ritmo de disponibilidades.

Paralelo ao fator econômico, observa-se o motor cultural. Profundamente interessado em saber sobre os impactos da aceleração contemporânea no âmbito subjetivo dos indivíduos, Rosa tem dedicado boa parte de suas obras a discorrer sobre esse aspecto específico. Uma vez que a aceleração anda de mãos dadas com os processos de “individualização” e “racionalização” da modernidade, seria um tanto quanto previsível que a aceleração interferisse também nas formas de processamento mental e organização de sujeitos e grupos, refletindo sobre o remodelamento de seus desejos e objetivos enquanto membros de uma dada ordem social. Referimo-nos à constatação de que com a aceleração na modernidade tardia surgiu ainda uma nova forma de definição do que é considerado como a “vida boa” e o que é necessário para alcançá-la.

Na contemporaneidade, a “vida boa” é aquela cujo tempo é totalmente preenchido. É a vida “rica em experiências e capacidades desenvolvidas”⁶⁸. Ficar parado nesse cenário significa tornar-se rapidamente obsoleto. Podendo também ser uma sentença de morte. Seja ela na lembrança alheia, seja pela inabilidade em lidar com as mais novas tecnologias que parecem, ou tentam se impor, como cada vez mais imprescindíveis. Ao menos, para a vida daqueles forçados a viverem nas grandes capitais. Acelerar, apresenta-se como uma solução para o

⁶⁶ No original: “the capitalist system rests on the accelerating circulation of goods and capital in a growth-oriented society. Thus, the logic of capitalism connects growth with acceleration”. ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society, op. cit.*, p. 89. Tradução nossa.

⁶⁷ No original: “[...] ‘growth’ refers to all kinds of time-consuming actions and processes”. *Ibid.*, p. 87. Tradução nossa.

⁶⁸ No original: “[...] the good life is the fulfilled life, a life that is rich in experiences and developed capacities”. *Ibid.*, p. 90. Tradução nossa.

“problema da finitude e da morte”. É a partir dessa racionalidade que se busca fazer dentro de uma vida o que para tanto seriam necessárias duas, quando não, mais.

Considerando a importância dessa questão, Rosa chama atenção para a constatação de que nos disponibilizamos cada vez mais a realizar coisas que não nos fazem sentido devido ao medo que temos de perdermos nosso *status quo*, nosso lugar no ordenamento social. Essa é a concorrência da qual tomamos parte todos os dias. Esse é o corolário da corrida infundável com o qual o *self made man* moderno precisa lidar a fim de assegurar a manutenção de sua posição na sociedade hiperacelerada.

Movidos pelo medo, aceleramos e nos adornamos de experiências sem significado, apenas para que possamos garantir nosso lugar na “competição social”. É assim que não aceleramos com o propósito de alcançarmos um progresso imaginado no futuro, da conquista de um sonho. Nossa corrida está, menos ainda, atrelada à formulação de projetos pensados na forma de mudanças coletivas e sociais radicais. Aceleramos para nós mesmos. Para que o nosso “pedacinho no paraíso terrestre” possa ser garantido. Se possível for, sem vizinhos.

No século 21, contudo, o pano de fundo cultural mudou completamente: agora, a aceleração se tornou uma necessidade estrutural. Ela não serve mais ao progresso, ela é necessária para nos impedir de irmos para o ralo. [...] Nós precisamos ser inovadores, criativos, trabalhadores áridos e rápidos apenas para manter o status quo. Esta é uma situação muito frustrante e perigosa: as pessoas sentem que cada ano nós devemos correr mais rápido apenas para permanecer no mesmo lugar⁶⁹. (Tradução nossa)

Além do fator cultural, também faz parte desse conjunto o motor estrutural encarregado de viabilizar este sistema, na medida em que aponta para as inesgotáveis possibilidades de contingências e mudanças provenientes da aceleração. Isso se deve, especialmente, à alta complexidade que envolve a estruturação das sociedades modernas atuais, visto que são organizadas em sistemas funcionais (arte, economia, política) ativados cada qual de acordo com o seu próprio ritmo aceleratório. Algo que se traduz, em uma rede inesgotável de sistemas e subsistemas com velocidades não equivalentes.

Segundo Rosa, a rapidez das mudanças engendradas pela aceleração do ritmo de vida fundamentada, em grande medida, pelo advento da terceira revolução técnica, não se dá de maneira sincronizada em todos os níveis que demarcam a estrutura das sociedades ocidentais. Ao assumir temporalidades específicas, cada um destes sistemas incorre na substituição de uma

⁶⁹ No original: “In the 21st century, however, the cultural background has changed completely: now, acceleration has become a structural necessity. It does not serve progress anymore, it is needed to prevent us from going down the drain. [...] We need to be innovative, creative, hard-working, and fast just to maintain the status quo. This is a very dangerous and frustrating situation: people feel that each year we have to run faster and faster just to stay in place”. GALLO, Claudio. *Social acceleration and the Need for Speed*, *op. cit.*

regulamentação para um crescente estado de dessincronização temporal capaz de gerar um colapso generalizado em todo o sistema de aceleração social.

A dessincronização aparece então como resultado da condição de existência de cadências temporais distintas responsáveis pela sensação de desorientação individual e do enfraquecimento na crença em instituições basilares, como a política ou o direito, incapazes que são de acompanhar a velocidade das contestações populares que emergem dia a dia. Deparamo-nos com a confluência de tempos dessincronizados que se fazem perceber, sobremodo, pela lógica da simultaneidade do não simultâneo.

Consequência deste panorama, as tensões produzidas por essas dinâmicas temporais repercutem de maneira cada vez mais notória na elaboração de um novo sujeito, de uma nova forma de percepção do *self*. Profundamente fragmentado, este novo escopo do eu delinea-se cotidianamente em função das demandas de um universo exigente de atualizações e que requer respostas instantâneas⁷⁰.

Rosa atribui a esse novo modelo de elaboração do eu a noção de “identidade situacional”. Fruto do processo moderno da “destemporalização do tempo”, a “destemporalização da vida” representa a constatação de uma vida em que as decisões apenas podem ser tomadas de acordo com o fluxo das contingências. Considerando a amplitude das demandas atuais, isso equivale à confecção de um sujeito fracionário, incapaz de forjar projetos de longo prazo, conformando-se apenas à proposição de repostas que solucionem necessidades práticas e contextuais⁷¹.

Tratando sobre essa nova qualidade do *self*, Anthony Elliot e John Urry oferecem o conceito de *mobile life* ou “vida móvel”. De acordo com os autores, na modernidade tardia, a supervalorização do movimento, ou melhor da disponibilidade de locomoção, representa uma nova variante da personalidade que pode ser definida como portátil (*portable personhood*)⁷².

Essa capacidade de estar em movimento se reflete na fabricação de “novos modos de identidade que são menos atreladas a localidades fixas, padrões regulares e tradições culturais

⁷⁰ Um retrato claro sobre as demandas contingenciais que afetam a vida do sujeito contemporâneo é demonstrado por Bauman quando trata acerca da vida do trabalho: “[...] o ingrediente crucial da mudança múltipla é a nova mentalidade de ‘curto prazo’, que substituiu a de longo prazo. Casamentos ‘até que a morte nos separe’ estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos. De acordo com o último cálculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante a sua vida de trabalho – e o ritmo e a frequência de mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe. ‘Flexibilidade’ é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do ‘emprego como o conhecemos’, anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas até ‘nova ordem’. A vida do trabalho está saturada de incertezas”⁷⁰. Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, op. cit. p. 185.

⁷¹ ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*, op. cit., p. 100.

⁷² ELLIOT, Anthony; URRY, John. "Mobile lives: a step too far?", in: *Mobile lives*. London: Routledge, 2010.

residentes”⁷³. Correspondem ao ideal de vida móvel qualidades como “flexibilidade, adaptabilidade e transformação instantânea”. Atributos esses que reiteram a plasticidade que norteia o vocabulário corrente e que correspondem à lógica de uma “identidade situacional”. Alguns exemplos oferecidos por Rosa que, à primeira vista parecem ordinários, mas que facilitam o entendimento, são frases como: “ Eu estou morando com Mary” (e não, “Eu sou marido de Mary”), “Eu vou à Igreja Metodista” (e não, “Eu sou metodista”)⁷⁴.

Contudo, é necessário sublinhar que essa elasticidade do *self* é diretamente proporcional ao *network capital* ou “capital de rede” que o sujeito é capaz de possuir⁷⁵. Diferente do capital cultural pensado por Bourdieu, para o capital de rede o que realmente importa é a informação. Informação que, uma vez compartilhada, permite ao indivíduo acessar os mais diferentes lugares, a qualquer tempo, atribuindo a si um valor simbólico proporcionado pela sua prerrogativa de fluidez, já que nem todos dispõem de poderes para tal.

Complementando a resposta ao questionamento de Rosa, a vida móvel também é considerada como uma das faces da “vida boa”. Agendas cheias, smartphones abarrotados de mensagens, intenso tráfego aéreo, representam, assim, o ideal de aquisição e desfrute do homem contemporâneo. Essa é a vida que traz reconhecimento. Que permite a permanência na corrida pela manutenção do *status quo* entendido como desejável na modernidade tardia.

Qual é a atração da vida móvel? Há um mito bem conhecido que rodeia a mobilidade e a vida bem-sucedida que é algo assim: não é o que você conhece, mas quem você conhece. Assim, quanto mais você se move, viaja e conhece outras pessoas e faz e mantém contatos, o mais bem-sucedido você pode esperar se tornar, em ambos os termos profissional e pessoal. [...]

*A multiplicação de vidas móveis – atual, imaginativa e virtual – agora serve como chave de recursos para a acumulação de reconhecimento, respeito e prestígio. Uma vida ‘em movimento’ é vista como um indicador fundamental de alcance da ‘vida boa’. De fato, nós podemos dizer que as múltiplas mobilidades têm se tornado motores de poder simbólico*⁷⁶. (Tradução nossa)

Atentando para os fatores supracitados pensados por Rosa, não é de surpreender que, para ele, esse momento se caracterize como a aparição de um espectral quase que escatológico. O tom de tragicidade que permeia a fala do autor pode ser percebido em trechos como o seguinte: “[...] mudanças reais, na verdade não são mais possíveis: o sistema da sociedade

⁷³ ELLIOT, Anthony; URRY, John. "Mobile lives: a step too far?", *op. cit.*, p. 6.

⁷⁴ Cf.: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*, *op. cit.*, p. 99.

⁷⁵ ELLIOT, Anthony; URRY, John. "Mobile lives: a step too far?", in: *Mobile lives*, *op. cit.*, p. 11.

⁷⁶ No original: “What is the lure of mobile life? There is the well-known myth surrounding mobility and the successful life that runs like this: it’s not what you know, it’s who you know. Thus, the more you move, travel around, meeting others and making and sustaining contacts, the more successful you can reasonably hope to become, in both professional and personal. [...] The ‘multiplying’ mobile forms of life – actual, imaginative and virtual – now serve as key resources for the accumulation of recognition, respect and prestige. A life ‘on the move’ is viewed as a fundamental indicator of achieving ‘the good life’”. *Ibid.*, p. 9-10. Grifo nosso.

moderna está fechando o cerco, a história está chegando ao fim em uma “hiperaceleração parada” ou “inércia polar”⁷⁷.

Contudo, Rosa não está sozinho. Em sua fala é possível entrever uma notória proximidade com os diagnósticos de Hartog sobre o presentismo. Seguindo os rastros de uma perspectiva nada animadora, este último nos apresenta a capacidade “engolidora” do presente. A contemplação de um presente aglutinador que não vê nada além de si mesmo. Um presente hipertrofiado que faz de si o meio e o objetivo na medida em que, alicerçado sob a égide da aceleração, inclina-se a refutar tudo o que não seja flexível ou transitório.

Esse presente no qual estaríamos presos, a nossa “gaiola de aço”, para alguns uma “gaiola dourada” pode, por fim, ser definido, de acordo com duas projeções. Incorreríamos a um “horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante”⁷⁸. Ou seja, nada mais consonante com a ideia de crise do tempo.

1.4 Aceleração e presentismo

A partir de agora, nosso foco repousará especificamente sobre a importância das contribuições de François Hartog para a nossa pesquisa. Destacamos mais uma vez os empréstimos conceituais tomados de seus regimes de historicidade, esclarecendo, porém, que para as próximas etapas deste trabalho interessa-nos, sobretudo, o regime de historicidade presentista. A noção de presentismo será utilizada como ferramenta a fim de buscarmos compreender os indícios que corroboram com a disseminação da ideia de uma nova experiência temporal na modernidade tardia. Vale ressaltar que uma das características dos regimes se concentra na maleabilidade de seu uso, o que reitera a viabilidade de empregá-lo como instrumento de análise nos mais diferentes cenários temporais e espaciais.

Deste modo, “nada o confina apenas ao mundo europeu ou ocidental. Ao contrário, sua vocação é ser um instrumento comparatista: assim o é por construção”. Esse é o caso do capítulo 3 quando, a partir da chave presentista, tentaremos compreender, dentre outras questões, o fenômeno da aceleração no Brasil atual. Os regimes devem ser interpretados, como modelo,

⁷⁷ É necessário frisar que o fim da história, tal como citado não está necessariamente relacionado à tese de Francis Fukuyama sobre o “fim da história”. A proposta de Rosa está focada em defender que a rapidez com que ocorrem as práticas e processos do cotidiano revelam apenas a superfície de uma estrutura em que nada realmente muda. É neste sentido que ele e Hartog citam que a prática do Estado hoje é mais voltada para a reação do que propriamente para a ação. No original: “[...]real change is in fact no longer possible: the system of modern society is closing in and history is coming to an end in a ‘hyperaccelerated standstill’ or ‘polar inertia’.” ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society, op. cit.*, p. 96. Tradução nossa.

⁷⁸ HARTOG, François. *Regimes de historicidade, op. cit.*, p. 14-15.

“categoria formal, aproxima-se do tipo ideal weberiano”, cujo objetivo é facilitar a compreensão sobre as formas pelas quais grupos e indivíduos têm se comportado em relação ao tempo⁷⁹.

Um regime de historicidade nunca foi uma entidade metafísica caída do céu e de alcance universal. É apenas a expressão de uma ordem dominante do tempo. Tramado por diferentes regimes de temporalidade, ele é, concluindo, uma maneira de traduzir e ordenar as experiências do tempo – modos de articular passado, presente e futuro – e de dar-lhes sentido. [...] Contestado logo que instaurado, e mesmo nunca completamente instaurado (exceto no melhor dos mundos), *um regime de historicidade instaura-se lentamente e dura muito tempo*⁸⁰.

É necessário destacar que, embora, boa parte dos esforços do trabalho de Hartog seja identificar os sintomas que ele mesmo classifica como presentista, ainda não é possível declarar se o presentismo é uma forma transicional de experiência ou se ele pode ser considerado como um regime de historicidade já consolidado. No prefácio que abre a obra *Regimes de Historicidade*, o autor deixa em suspenso se este se trata de um “presentismo pleno ou padrão”.

Assim, ele relembra que a passagem de um regime a outro remete à tensa experiência de ter de lidar com rupturas e continuidades, já que se refere a um momento em que “produzem-se interferências, muitas vezes trágicas”. Tendo isso em conta, em diversas partes da sua obra, Hartog propõe questionarmos se estaríamos vivendo um momento de brecha (*gap*), noção elaborada e fortemente defendida por Hanna Arendt em relação ao tempo posterior à experiência da barbárie das duas Grandes Guerras.

A ideia de brecha tem por objetivo nos remeter à sensação de “fenda” no tempo quando se percebe um intervalo caracterizado por “coisas que não são mais e por coisas que não são ainda”⁸¹. Esta sensação de estar vivendo em um “tempo desorientado” pode ser verificada na fala de Paul Válerly quando em uma de suas apresentações em conferência realizada em 1935: “De um lado [...] um passado que não está abolido nem esquecido, mas *um passado do qual não podemos tirar quase nada que nos oriente no presente e nos possibilite imaginar o futuro. De outro lado, um futuro de que não fazemos a menor ideia*”⁸².

A brecha nos ajuda a pensar sobre momentos de crise, períodos em que o passado deixa de lançar luz sobre o presente, do mesmo modo que o futuro se apresenta coberto pelo véu da incerteza. Desta maneira, as noções de crise e de brecha no tempo se aproximam da constatação de um processo de rupturas em curso, assim como de uma incipiente e progressiva

⁷⁹ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*, op. cit., p. 13.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 139. Grifo nosso.

⁸¹ ARENDT, Hannah, 1972 apud HARTOG, François, *ibid.*, p. 22.

⁸² HARTOG, François. *Regimes de historicidade*, op. cit., p. 22. Grifo nosso.

reorganização das novas formas de apreensão histórico-individual das dimensões do passado, presente e futuro. Tal foram os períodos de suspensão do tempo histórico quando da Revolução Francesa, das duas Guerras Mundiais e, mais recentemente, com o processo que culminou na queda do muro de Berlim, conforme defende Hartog.

O maior incômodo decorrente desta paisagem consiste em que, embora testemunhada a existência de rupturas, isso não nos remete a qualquer garantia de que instantaneamente surja algo novo, um paradigma temporal já pronto, capaz de orientar as ações de homens e mulheres, suas expectativas, suas mentalidades. É citando Chateaubriand, como o escritor que “nadava na confluência de dois rios”, o antigo regime de historicidade e o moderno, que Hartog questionará se “a imagem do nadador, ou, igualmente aquela da brecha, são adequadas para a nossa contemporaneidade”⁸³. Relembrando Koselleck, para o qual é impossível falar sobre o tempo sem utilizar de metáforas temporais, ousamos tomar emprestado a imagem do espaço entre trincheiras, o *no man's land*, para pensarmos o regime presentista. Um espaço hostil, sem possibilidade de um vislumbre claro do passado ou do futuro, no qual paira a evidência do medo, da angústia e a necessidade incontornável de um permanente estado de atenção.

Considerando que os anos 1980 marcaram a experiência de uma progressiva ruptura com os padrões até então em vigor, Hartog salienta que a experiência, em 1989, da queda do muro de Berlim, pode ser vista como um dos mais fortes sintomas de dissolução do regime moderno de historicidade. De acordo com o seu entendimento, a crença na razão deflagrada pelo culto ao progresso e as idealizações utópicas propaladas pela filosofia da história encontrariam na agitação desses dias o seu visível declínio. Esse panorama que encontrou nos fins da década de 1980 o seu ápice, viu suas primeiras sementes florescerem ainda em meados do século XX.

Este foi o período quando a traumática experiência das Guerras Mundiais e o horror dos campos de concentração acabaram por colocar em xeque o primado da razão tão ovacionado pelo ideário iluminista. Paralelamente, os revisionismos surgidos a partir dos processos de descolonização da África e Ásia ressaltaram a necessidade de esclarecer até que ponto a ciência (no caso dos princípios da eugenia), a política e a economia haviam sido instrumentalizadas em favor de pressupostos de dominação, completamente contrários, do que se esperava de sociedades que tinham ou compartilhavam do lema dos direitos do homem e do cidadão.

O conjunto de tais experiências e críticas convergiram, pois, à uma profunda alteração dos significados das dimensões temporais do passado, presente e futuro, provocando um

⁸³ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*, op. cit., p. 131.

reexame da linearidade temporal conforme apregoado pelo discurso do tempo histórico dominante⁸⁴. O fim da Guerra Fria, a reunificação alemã e o desmantelamento da União Soviética, finalizado em 1991, mostravam, não apenas que outra configuração mundial aparecia de maneira embrionária, assim como que novas formas de pensar o tempo encontravam-se disponíveis.

No panorama que se abriu, experiência e expectativa alcançaram um descolamento tal que a consequência imediata deste processo culminou na reelaboração da historicidade das sociedades modernas contemporâneas. Na medida em que a linearidade do tempo histórico era questionada, surgiam novas formas de lidar com e perceber-se no tempo, assim como questionava-se sobre a possibilidade de ainda se fazer história⁸⁵.

De acordo com François Hartog, uma das melhores alternativas para tentarmos entender essa nova maneira de lidar com o tempo se encontra nas noções de memória e patrimônio, que alcançaram o seu apogeu na década de 1980. Esse é o momento de enorme inflação nos discursos em defesa do patrimônio não só material, como imaterial, assim como da preservação do patrimônio natural e universal.

O patrimônio orientado segundo a lógica do que é preciso lembrar, mais especificamente do que se deseja transmitir, não foge, portanto, da premissa da aceleração. Deste modo, surge a emergência de patrimonializar, de salvaguardar, ou seja, inaugura-se e difunde-se a ideia de “é preciso agir rápido, antes que seja tarde demais, antes que a noite caia e que tenha desaparecido completamente”⁸⁶. Assim, já que a década de 1980 pode ser considerada como a instauração de um momento de brecha, Hartog observa que as categorias de memória e patrimônio podem ser interessantes para refletirmos sobre essa crise do tempo. No que se refere à importância alçada a esses dois conceitos em questão (memória e patrimônio) Hartog se dispõe a pensar sobre a que modelo de historicidade eles pertencem, que experiência do tempo eles traduzem.

Anterior à tesa dos regimes elaborada por Hartog, no livro *Seduzidos pela Memória*, publicado no ano 2000, Andreas Huyssen já afirmava que uma das melhores maneiras de

⁸⁴ Nota-se aqui que, se para Hartog o regime de historicidade moderna está circunscrito entre os anos que vão de 1789 a 1989, nas considerações de Koselleck o surgimento da modernidade está voltado para o *Sattelzeit*, de 1750-1989. No entanto, como dito anteriormente, essa diferenciação temporal em nada compromete o uso na contemporaneidade das categorias elaboradas por Koselleck. Se, de fato, nos parece que a teoria da modernidade deste autor está mais densamente focada em seu momento embrionário e no seu período, dito clássico, ainda assim suas contribuições são indubitavelmente profícuas para pensarmos o desenvolvimento da modernidade desde seu estágio germinal até os dias atuais. Daí a importância da sua teoria do tempo para a teoria da história e, consequentemente para esta pesquisa.

⁸⁵ Sobre a possibilidade de fazer história depois do declínio do regime de historicidade moderna ver HARTOG, François. *Crer em História*, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

⁸⁶ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*, op. cit., p. 244.

compreender a explosão da necessidade de memória e patrimônio nestes últimos anos é a observação de como estes conceitos nos ajudam a forjar uma “ancoragem temporal”, no sentido mais claro da fabricação ou rememoração de uma identidade individual ou coletiva.

A questão, no entanto, não é a perda de alguma idade de ouro de estabilidade e permanência. Trata-se mais da tentativa, na medida em que encaramos o próprio processo real de compressão do espaço-tempo, de *garantir alguma continuidade dentro do tempo*, para propiciar alguma extensão do espaço vivido dentro do qual possamos respirar e nos mover⁸⁷.

Segundo Huyssen, esse engajamento memorialista revela, em especial, um pungente desejo de continuidade temporal, algo diretamente oposto ao estatuto da efemeridade que marca a experiência cotidiana atual. Como consequência dessa necessidade que se mostra cada vez mais frequente, a supervalorização da memória e a implantação de ostensivas políticas patrimoniais parecem surgir como um antídoto em um contexto em que a história paulatinamente perde lugar para o evento com o seu apelo por uma “auto-historicização” imediata⁸⁸.

A obsessão de recorrer ao passado, no sentido da procura por um porto seguro, pode ser identificada como um dos mais significativos sintomas do regime presentista. De modo que revela o passado como profundamente estranho ao presente, por isso sendo necessário grandes esforços para recordá-lo. Referindo-se a essa questão, Hermann Lübke propõe pensar a musealização como uma alternativa a fim de oferecer “formas tradicionais de identidade cultural a um sujeito moderno desestabilizado”⁸⁹.

Na esteira dessa perspectiva, nota-se que, tal como supõe Hartog, a memória se apresenta não mais como continuidade daquilo que se quer preservar para as gerações futuras, pelo seu valor e apreciação. Sua importância deve-se apenas à sua capacidade de anamnese, ou seja, de tentar reativar nos indivíduos a memória de suas origens ou um mínimo reconhecimento de algo que ele um dia foi ou vivenciou.

Verifica-se, assim, o papel de resgate alçado à memória e ao patrimônio como instrumentos de pretensão estabilizadora formulados com o objetivo de proporcionar o mínimo de abrigo ou muleta para o sujeito superacelerado das cidades modernas. Esse, que experimenta com frequência a dolorosa sensação de desnorteamento, não pertencimento e ausência de sentido. Sentimentos muito comuns entre indivíduos que compartilham quase que diariamente

⁸⁷ HUYSSSEN, Andreas. *Passados presentes: mídia, política e amnésia*, op. cit., p. 30. Grifo nosso.

⁸⁸ HARTOG, François, *Regimes de historicidade*, op. cit., p. 136.

⁸⁹ LÜBBE, Herman. “The contraction of the present”, in: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*, op. cit.

a experiência de *update* provenientes de uma identidade definida em função dos caprichos das contingências.

Nessa nova configuração, o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam ambos como vetores da identidade: a palavra-chave dos anos 1980. No entanto, trata-se mais de uma identidade que se reconhece como inquieta, que corre o risco de se apagar ou que já está muito esquecida, obliterada, reprimida – de uma identidade em busca de si própria, para exumar, montar ou até mesmo inventar – do que de uma identidade evidente e segura de si⁹⁰.

É nesse sentido que, se a memória e o patrimônio foram e continuam sendo utilizados com o propósito de restaurar algum ponto de contato com o passado, como no caso dos museus, arquivos, e leis de proteção ao patrimônio, assim também estes mesmos recursos são operacionalizados na tentativa de reativar o futuro. Porém, não de modo glorioso como se pensava durante o regime moderno. Ao contrário, o acesso à memória e ao patrimônio, de acordo com o panorama presentista, é justificado pelo medo que o futuro representa. Exemplo disso é o caso do meio ambiente que só foi reconhecido como patrimônio depois de ser atestada como incalculável a amplitude de sua destruição, em grande medida provocada pelas inferências humanas decorrentes da industrialização e, mais recentemente das explorações ambientais chanceladas pelo capitalismo global.

De acordo com as palavras de Hartog, “olha-se o futuro, com certeza, mas a partir de um presente contínuo, sem solução de continuidade nem revolução”⁹¹. É atentando para a paisagem que se descortina de forma crescentemente desoladora, que testemunhamos uma constante evocação a um vocabulário repleto de novas palavras de ordem, dentre as quais, alcançam cada vez mais apelo termos como: responsabilidade, proteção, preservação e, de igual modo, sustentabilidade.

Sobre essa questão, analisaremos melhor no capítulo 2 como o *Slow Food* nos ajuda a observar de modo mais acurado, alguns dos discursos atualmente em voga que se referem a pressupostos de apropriação de determinadas responsabilidades no presente (como o consumo consciente) acerca do futuro. Adiantamos que, no movimento *slow* estas preocupações assumem a tônica ambientalista da preservação da biodiversidade sob risco iminente de desaparecimento.

O olhar ao passado, no sentido da patrimonialização (que, não esqueçamos, tenta quase que tudo abarcar) nos remonta ao que foi perdido, destruído, à urgência de garantir que algo possa ser conservado, que alguma coisa da natureza e de tradições culturais remotas ainda sejam

⁹⁰ HARTOG, François, *Regimes de historicidade*, op. cit., p. 195.

⁹¹ *Ibid.*, p. 256.

passíveis de transmissão. A advertência sobre o futuro concentra-se no alarde do que é necessário fazer para que sejam resgatadas, ao menos, as mínimas condições de existência no planeta que será herdado pelas próximas gerações. O “futuro está na velocidade”, no imperativo da ação rápida, melhor dizendo, da reação, para que o homem não destrua tudo e ainda reste algo que garanta a sobrevivência dos que virão.

Isto posto, observamos que o discurso de reativação do futuro, no sentido da patrimonialização e, sobretudo da proteção da natureza e da salvaguarda da biodiversidade, é igualmente orientado pela ideia de hiperaceleração. Do mesmo modo que também aparece impregnado de argumentos de culpa e de responsabilização aos vivos de hoje, pelo que foi e pelo que será.

Assim, o presente estendeu-se tanto em direção ao futuro quanto ao passado. Em direção ao futuro: pelos dispositivos de precaução e da responsabilidade, pela consideração do irreparável e do irreversível, pelo apelo à noção de patrimônio e a de dívida, que reúne e dá sentido ao conjunto. Em direção ao passado: pela mobilização de dispositivos análogos. A responsabilidade e o dever de memória, a patrimonialização, o imprescritível, já a dívida. Formulado a partir do presente e pesando sobre ele, esse duplo endividamento tanto em direção ao passado quanto ao futuro, marca a experiência contemporânea do presente. Pela dívida, passa-se das vítimas do genocídio às ameaças à espécie humana, do dever de memória ao princípio de responsabilidade. Para que as gerações futuras tenham ainda uma vida humana e para que se lembrem também da inumanidade do homem⁹².

Submetida a novas plataformas de experiência, a noção de memória na contemporaneidade não se conforma mais com a ordinária delimitação que a alocava restrita ao passado. Embora a condição de existência da memória permaneça atrelada ao pressuposto agostiniano de “presente do passado”, ela também tem assumido, principalmente nas últimas três décadas, novas articulações temporais não apenas de caráter subjetivo (os “tempos da alma”), mas também objetivo. Outra perspectiva de análise para pensarmos as relações entre memória e presentismo é o conceito de “políticas do tempo”.

De acordo com o historiador Arthur Ávila, o termo “políticas do tempo” deve ser creditado ao filósofo Peter Osborne, o qual o define como a: “[...] organização política do tempo histórico, isto é, um dado modo de se ordenar as relações entre passado, presente e futuro e manifesta o âmbito performático de nossas relações com ele”⁹³. De maneira mais clara, trata-se do debate público acerca das temporalidades ora silenciadas em função de uma ordem dominante do tempo, qual seja aquela sob orientação da disciplina da história oitocentista

⁹² HARTOG, François, *Regimes de historicidade*, *op. cit.*, p. 257-258. Grifo nosso.

⁹³ AVILA, Arthur Lima. Povoando o Presente de Fantasmas: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 7, p. 189-209, 2016.

orientada pela persecução do progresso e pela seta temporal apontada pelo primor da racionalidade civilizatória ocidental.

No bojo desses debates, encontram-se relatos de experiências temporais que foram obliterados e que, a partir da participação democrática das mais diversas minorias começam a ser trazidas à tona na defesa por políticas de reparação e justiça. A noção de “políticas do tempo” aplica-se ao debate em que diferentes interesses se enfrentam cada qual na tentativa de defender a legitimidade de seu imaginário temporal e a perspectiva histórica a ele correspondente.

Por fim, embora Hartog não declare se o presentismo é ou não um regime de historicidade já plenamente estabelecido – afinal ele mesmo afirmou que demora muito para um regime se consolidar – nos inclinamos a concordar com o autor no raciocínio de que nas “sociedades hiperaceleradas e dessincronizadas” do ocidente seus indícios são fáceis de identificar. Um olhar atento e inquiridor consegue percebê-los sem muitas dificuldades. Algumas breves caminhadas em centros urbanos de grandes metrópoles revelam oportunidades simples que nos permitem observar como o nosso trato com o tempo se apresenta tão diferente daquilo que nos contam as experiências de nossos pais. No entanto, definir categoricamente uma dada sociedade como presentista, nos parece um problema à parte.

Como que espalhados por todos os cantos, a pressa, a angústia, o medo e a impotência se tornaram patologias triviais, condições quase que intrínsecas à experiência de um tempo “sem tempo”. É nesse sentido que frisamos o espectro da inquietação revestida pela ansiedade que paira sobre nossas cabeças. Diga-se de passagem, sobre a cabeça de todos, democraticamente: englobando tanto o assalariado, com o seu tempo “apertado” para a marmita, como o homem de negócios em sua vida estilo *jet lag*.

Nesse contexto, o *Slow Food* não se apresenta como exceção. Uma das formas mais evidentes de observarmos seus medos e preocupações encontra-se em suas falas em defesa de políticas preservacionistas, melhor definidas por tentativas de salvaguarda do amanhã. Assim, enquanto o futuro não vem e nosso horizonte de expectativas permanece míope, aceleramos no desespero de tudo tentar salvar, sejam em *storages* de infinitos *terabytes* ou em lâminas de laboratório, o que nos interessa é correr, é sermos mais rápidos do que esse futuro brumoso que não tarda a chegar. E todos esses esforços, por fim, convergem a um, nada simples, porém claro objetivo: tornar essa brecha no tempo, na qual nos encontramos hoje, um lugar, ao menos suportável para que possamos habitar.

CAPÍTULO 2: E O TEMPO NÃO ESPERA POR NINGUÉM, E NÃO VAI ESPERAR POR MIM⁹⁴.

2.1 Décadas de 1960 e 1970: Quando tudo começou.

1989 marcou um episódio único para o movimento *slow*. Até então pouco conhecida além das fronteiras italianas, a associação ganhou a atenção dos olhares do mundo quando entre os dias 8 e 10 de dezembro daquele ano, foi sediado em Paris, o primeiro encontro Internacional *Slow Food*. Esta foi a ocasião escolhida para a oficialização do movimento, como também para a divulgação de seu manifesto oficial. Por conter suas premissas essenciais, tomaremos este documento como nossa fonte fundamental a fim de, sobre ela, concentrarmos mais detidamente nossas análises sobre o *Slow Food*, buscando diálogos possíveis entre este e as perspectivas teóricas sobre o tempo anteriormente selecionadas.

Mas engana-se quem imagina que o *slow* se remeta apenas ao não muito distante fim dos anos de 1980⁹⁵. O movimento, ao contrário, tem suas raízes fincadas em um período anterior, demarcado pelas lutas da esquerda operária e pelas transformações econômicas e políticas que caracterizaram as décadas de 1960 e 1970 na Itália. Desta forma, compreendemos que ao voltarmos nossa atenção para o panorama que antecede a oficialização do *Slow Food* poderemos conhecer melhor quais foram as bases sobre as quais o movimento se originou, tal como quais foram as condições espaço-temporais que o tornaram possível.

Começamos por um breve olhar sobre a economia italiana que precede os anos 1980. O *boom* do milagre econômico dos anos pós-guerra não foi suficiente para resistir aos empasses que surgiram no final dos anos 1960. O surgimento da crise econômica marcada por um profundo conflito entre capital/trabalho acentuaria a instabilidade do período⁹⁶. O modelo de modernização dos anos seguintes à Grande Guerra constituído pelo surgimento e fomento de grandes instalações e cidades, paulatinamente, transfigurou-se em um acentuado quadro de desigualdades regionais mediante o qual era possível verificar áreas notadamente mais desenvolvidas e outras em considerável estado de subdesenvolvimento.

Com a irrupção dos protestos dos trabalhadores nos finais dos anos 1960 verificou-se que o velho modelo das megaestruturas se tornara insuficiente para o equilíbrio e o

⁹⁴ Menção à canção dos Rolling Stones intitulada *And times waits for no one*, do álbum *It's Only Rock 'n' Roll*, de 1974.

⁹⁵ É interessante ressaltar que os dados a seguir não se encontram disponíveis nos documentos de divulgação oficial *Slow Food*, nos seus vídeos e demais materiais de publicidade. As informações aqui arroladas só foram possíveis mediante o acesso a fontes diversas, incluindo outras pesquisas anteriormente realizadas sobre o movimento.

⁹⁶ GAROFOLI, Gioacchino. Industrialização difusa e pequena empresa: o modelo italiano dos anos 70 e 80. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v.14, n. 1, p.49-75, 1993. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1595/1964>. Acesso em: 15 de setembro de 2018

desenvolvimento da economia de maneira mais abrangente. Assim, começou a entrar em vigor, segundo afirma o pesquisador e professor de economia política Gioacchino Garofoli, um “novo modelo de produção espontâneo e não programado, baseado na adaptabilidade e na vitalidade da pequena empresa sobre a ampla articulação social”⁹⁷.

A este denominado “processo de desconcentração produtiva” somou-se a retomada da microestrutura, baseada na criação de pequenas empresas e na valorização dos recursos locais. A passagem de uma economia baseada no modelo de concentração produtiva para outro, atomizado e descentralizado, só se tornou possível devido a uma crescente divisão do trabalho encorajada pelo princípio da flexibilidade e do valor primordial atribuído à autonomia do processo produtivo. O objetivo deste modelo foi o de ser capaz de integrar a economia local ao mercado global, graças à “flexibilidade produtiva e economia de escala (a nível de área)” provenientes do desenvolvimento periférico que marca o cenário econômico dos anos 1970⁹⁸.

Contudo, seria superficial falar sobre o panorama econômico italiano dos anos de 1960 e 1970 sem atentar para a experiência das manifestações proletárias que marcaram essas décadas. Assim, recorreremos à uma rápida definição sobre o que foi o Operaísmo e como algumas de suas principais premissas reverberaram sobre a forma de pensar o trabalho na sociedade não apenas de sua época, mas alcançando também a década de 1980 e aquele que seria o momento embrionário de articulação do movimento *slow*.

O Operaísmo surgiu na Itália, no seio da militância da esquerda, no fim da década de 1950, como resposta à crise do movimento operário que se via progressivamente distanciado de suas instâncias de representação, como o Partido Comunista Italiano (PCI) e os sindicatos⁹⁹. A reorganização da classe trabalhadora após o fim do milagre econômico foi a grande preocupação da análise dos operaístas. Destacando a importância da luta de classes, o movimento se alicerçou sobre a ideia de que a classe operária, ao contrário de se definir como mera peça agregada ao processo de produção fabril é, acima de tudo, um sujeito político dotado de grande potencial no exercício de suas reivindicações¹⁰⁰.

⁹⁷ GAROFOLI, Gioacchino. *Industrialização difusa e pequena empresa: o modelo italiano dos anos 70 e 80*, op. cit., p. 61.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 69.

⁹⁹ VIEL, Jefferson Martins. *A formação do conceito de trabalho imaterial na filosofia de Antonio Negri*. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado). Curso de pós-graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 60. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-05012018-111710/pt-br.php>. Acesso em: 7 de outubro de 2018.

¹⁰⁰ “O operaísmo nasceu como produto e produtor das lutas operárias das décadas de 1960 e 1970. A crise do movimento operário oficial na Itália, associado ao cenário internacional de contestação do ‘socialismo real’, criou o momento oportuno para que dissidentes do PSI e PCI pudessem se lançar à tarefa de retomar a leitura da obra de Marx, aplicar as críticas da economia política ao contexto italiano e confrontar O Capital com o estudo real da fábrica”. ROCHA, Maria Cecília Lessa da. *Assalto ao céu: Operaísmo e gênese do conceito de trabalho imaterial*. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado). Curso de pós-graduação em Direito, Departamento de Direito, Pontifícia

A crescente incorporação de trabalhadores vindos do sul nas fábricas localizadas no norte do país acarretou em grande transformação no cenário da realidade fabril. A chegada de operários desqualificados, sem identificação com a vida nas fábricas, em suma, sem qualquer apreço pelas atividades do modelo industrial estimulou o desejo de alguns intelectuais de esquerda a fim de buscarem entender melhor o novo panorama operário que se revelava¹⁰¹.

Começaram a ser publicados então, em 1960, os *Quaderni Rossi*. Revista criada com o objetivo de unir teoria e prática nas ações de luta da nova classe operária que se formava¹⁰². Este seria o propósito de “um estudo real da fábrica real”. Dentre os colaboradores da publicação, se destacam nomes como: Mario Tronti (PCI), o sociólogo Romano Alquati e o filósofo Antônio Negri. Em 1964, foi criado o mensário *Classe Operaia* com a finalidade de dar prosseguimento aos estudos iniciados pela sua precedente. Em sua primeira edição é publicado o texto “*Lênin na Inglaterra*”, de autoria de Tronti, no qual é apresentada a “hipótese operaísta”. Segundo esta tese, a classe operária deveria deixar “de orbitar em torno do capital, tornando-se agora o centro da análise teórico-política”¹⁰³. Nas palavras do próprio Tronti, “é preciso reverter o problema, mudar o sinal, retomar ao princípio: e o princípio é a luta da classe operária”¹⁰⁴.

Apoiados no pressuposto de sua capacidade de autonomia, os operaístas se tornaram bastante conhecidos pela classe trabalhadora e suas ideias e engajamentos se desdobraram nas ações revolucionárias que tingiram o cenário político-social italiano daqueles tempos, principalmente as inumeráveis greves ocorridas durante os anos 1970¹⁰⁵.

Os operaístas romperam com a tradição marxista e leninista ao reler tanto Marx quanto Lênin, no âmbito da nova composição do trabalho vivo. Dessa forma, puderam compreender a ruptura expressa pelo operário-massa, o que também significava um choque no interior da classe e produzia algo que não existia anteriormente¹⁰⁶.

Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUCRJ, Rio de Janeiro, 2013, p. 43. Disponível em: http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1112605_2013_Indice.html. Acesso em: 9 de agosto de 2018

¹⁰¹ FONSECA, Thiago Silva Augusto da. 'Lênin na Inglaterra': Mario Tronti e o operaísmo italiano. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* (USP), v. 2, p. 144-157, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/cefp/article/view/124490>. Acesso em: 9 de agosto de 2018.

¹⁰² *Ibid.*, p. 145.

¹⁰³ VIEL, Jefferson Martins. *A formação do conceito de trabalho imaterial na filosofia de Antonio Negri*. *op. cit.*, p. 54.

¹⁰⁴ TRONTI, Mario, 2006 *apud* VIEL, Jefferson Martins, *ibid.*, p. 53.

¹⁰⁵ A recusa ao trabalho no operaísmo se dá mediante o entendimento de que o capitalismo reduz a vida ao trabalho. Por essa razão, entende-se que a greve é uma forma de manifestação contrária à exploração na medida em que reafirma a posição do trabalhador como sujeito político, contrário à sua objetificação tal como almeja o sistema do capital. Ver: ROCHA, Maria Cecília Lessa da. *Assalto ao céu: Operaísmo e gênese do conceito de trabalho imaterial*, *op. cit.*, p. 53-55.

¹⁰⁶ ROGGERO, Gigi. Liberdade operaísta. *Lugar Comum*, Trad. Pedro Barbosa Mendes. v. 30, p. 13-16, 2011.

Emblemático para o surgimento do Operaísmo foi o panorama político que configurou a sociedade italiana desde os fins da década de 1950. Marcada por um longo período de vigência do Partido Democrata Cristão (DC) - desde 1948 - a política italiana experimentou em 1956 um dos seus mais profundos pontos de inflexão: a aproximação entre o DC e o Partido Socialista Italiano (PSI).

A instauração de um governo de centro-esquerda deu-se em um contexto que, como citado acima, foi delineado por um processo de grandes mudanças econômicas e sociais. Caminhava-se, pouco a pouco, de um almejado “milagre econômico” para uma realidade de grave crise que desdobrou-se em grandes transformações. O modelo de industrialização fordista centrado no norte do país (Milão, Turim e Gênova) foi substituído por um novo projeto, mais flexível e majoritariamente devoto à revitalização da capacidade de produção das zonas periféricas, em detrimento das mega instalações que continuamente sofriam os abalos de greves de grandes proporções¹⁰⁷. Neste sentido, a capacidade de auto-organização das comunidades do norte foi fundamental para a continuidade de seu desenvolvimento. Por outro lado, o sul permaneceu como “mercado fácil” para os produtos advindos do norte¹⁰⁸.

À retomada dos investimentos produtivos regionais somou-se o que Robert Putnam denominou de “febre de descentralização no início dos anos 70”¹⁰⁹. Ou seja, uma série de reivindicações de instâncias regionais que buscavam maior autonomia de governo em relação à autoridade central romana. Com a promulgação, em 1977, dos 616 decretos, como ficaram conhecidos, muitas das responsabilidades que antes eram delegadas ao governo passaram a ser outorgadas às competências regionais¹¹⁰.

Na esteira dessas mudanças, o crescimento industrial e descentralizado verificado nos anos 1970 se fez acompanhar pela prática da contínua repressão e enfraquecimento dos sindicatos que, crescentemente, adquiriam o descrédito dos operários devido à sua falta de representatividade frente ao governo¹¹¹. Esse período, conhecido como os “Anos de Chumbo”

¹⁰⁷ ROCHA, Maria Cecília Lessa da. *Assalto ao céu: Operaísmo e gênese do conceito de trabalho imaterial*, op. cit., p. 33-34. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110510120540Liberdade%20Operaista%20-%20Gigi%20Roggero.pdf. Acesso em: 9 de agosto de 2018

¹⁰⁸ BAGNASCO, Arnaldo. “A teoria do desenvolvimento e o caso italiano”, in: Glauco Arbix, M. Zilbovicius & R. Abramovay (orgs.), *Razões e ficções do desenvolvimento*. São Paulo, Editora da Unesp/Edusp, 2001, p. 353. Disponível em: https://favaretoufabc.files.wordpress.com/2013/11/bagnasco_teoriadesevolvimento_e_casoitaliano.pdf. Acesso em: 7 de agosto de 2018.

¹⁰⁹ PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia*. A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro, FGV, 1996, p. 40.

¹¹⁰ *Ibid.*

¹¹¹ ROCHA, Maria Cecília Lessa da. *Assalto ao céu: Operaísmo e gênese do conceito de trabalho imaterial*, op. cit., p. 46.

(*Anni di piombo*), marcaria a experiência política da sociedade italiana do crepúsculo dos anos 1960 ao final de 1980.

A explosão das manifestações antifascistas dos anos 1960 e a latência do estado de violência armada fizeram jus à alcunha. Sob a instabilidade de uma política de centro-esquerda, a Itália desses anos se viu assolada pela deflagração dos mais variados atos de violência impetrados por grupos paramilitares tanto de esquerda quanto de direita, fazendo com que ataques terroristas se tornassem notícias recorrentes nos jornais. Exemplo de grande repercussão foi o assassinato de Aldo Moro, líder do DC, cometido pelas Brigadas Vermelhas (Organização Paramilitar Comunista), em março de 1978¹¹².

Ressaltamos que nosso objetivo em abordar, mesmo que brevemente, este cenário, não é outro senão mapearmos as bases sobre as quais se assentam os princípios presentes no discurso oficial *slow*. Ao sublinharmos as mudanças em curso nos anos anteriores à sua criação, esperamos poder compreender melhor como algumas das ideias já disseminadas no auge das transformações políticas entre as décadas de 1960-1980 foram empregadas posteriormente pelo movimento. Este esforço pode ser compreendido como a necessidade de apreendermos os princípios do *slow* em sua dimensão histórica, de tornarmos a sua análise mais aprofundada do que se apenas nos detivéssemos no seu marco inicial, a outrora bastante conhecida manifestação de 1986, contra o *McDonalds*, em Piazza de Spagna.

A mediação entre o *slow* e as considerações histórico-regionais que o precederam será, portanto, feita a partir do levantamento de algumas das ideias e valores que nortearam as mudanças econômicas e a mobilização operária daqueles anos. Ideias como a valorização dos recursos locais, flexibilização, descentralização e autonomia, possuem destaque em nossa análise.

E, por falar em autonomia, essa característica do operáismo italiano convergiu para um progressivo desinteresse pelo trabalho fabril. Não que este tenha desaparecido. No entanto, é necessário destacar o surgimento de uma nova forma de pensar o estatuto do trabalho que começou a ser visto não necessariamente como atrelado apenas aos muros das fábricas, mas também compreendendo outras dimensões.

Tanto jovens quanto ativistas intelectuais de esquerda começaram a observar a fábrica como *locus* por excelência da servidão proveniente do sistema capitalista. Foi desta maneira que o crescimento de uma não identificação com o mundo do trabalho fabril tornou possível a

¹¹² Terror acaba “juízo” e condena Moro à morte. Jornal do Brasil. Ano LXXXVIII — N. 8, p. 14. Rio de Janeiro. Domingo, 16 de abril de 1978.

imaginação de outras formas de atividades nas quais seria possível atuar¹¹³. Outras e novas modalidades de trabalho que superassem a metodologia fordista alicerçada sobre a relação do aumento produtivo por intermédio da reificação da prática do trabalho humano.

Convém ressaltar que as décadas de 1960 e 1970, não apenas na Itália, mas também em grande parte da Europa, foram marcadas por um exponencial questionamento sobre a eficácia positiva do projeto comunista, principalmente em razão dos resultados da experiência soviética. No contexto analisado, isso significa dizer que o desinteresse dos jovens e de parte da dissidência da esquerda italiana pela luta operária e o trabalho fabril se explicam também em grande medida pelo progressivo desprestígio que passava a ser atribuído às ações extremadas da esquerda.

O reflexo desse afastamento para com o engajamento político de rua manifestou-se, dentre outras formas, a partir do redirecionamento para outras atividades, tal como para diversas modalidades de manifestações artísticas e culturais. No caso italiano, essa situação se refletiu no fomento e na preservação das tradições locais, assim como nas práticas de trabalho voltadas para a produção e o consumo de alimentos regionais¹¹⁴.

Na Itália, uma das alternativas encontradas para fazer frente ao trabalho nas fábricas foi o retorno à abertura de pequenos empreendimentos gastronômicos baseados na valorização dos recursos e conhecimentos da cultura popular. Essa retomada às pequenas empresas pautava-se principalmente na “economia empreendedora” de natureza familiar¹¹⁵. No conjunto dos projetos revitalizados, destaca-se o surgimento e a reabertura de *osterias*, *trattorias* e *enotecas*, instalações estas significativas para o desenvolvimento do convívio social italiano¹¹⁶. Sobre o

¹¹³ Cf.: ROCHA, Maria Cecília Lessa da. *Assalto ao céu: Operáismo e gênese do conceito de trabalho imaterial*, *op. cit.*, p. 57-58.

¹¹⁴“O contexto sociopolítico desse grupo de ex-militantes de esquerda, cujas atividades preconizam o SF, era de crise e desânimo em relação ao comunismo e às suas formas de entender e praticar a política. Era um contexto em que emergiram novas mobilizações sociais que questionavam os princípios societários de organização, baseados na impessoalidade, na racionalidade do cálculo e no pragmatismo. Essas mobilizações se organizavam em torno de temas variados, como ecologia, feminismo, defesa da infância e ética na política. A proposta do SF de recuperar o prazer e o sentido comunitário faz parte de um momento histórico em que esses novos movimentos priorizam a recuperação do sentimento, do prazer e das práticas comunitárias”. NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. De Arcigola a Slow Food: o empreendedorismo politizado como prática alimentar militante. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, v. 6, n. 2, 2016, p. 40-41. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/31916/20237>. Acesso em: 14 de maio de 2018

¹¹⁵ BAGNASCO, Arnaldo. *A teoria do desenvolvimento e o caso italiano*, *op. cit.*, p. 355.

¹¹⁶ Osterias: Estabelecimentos voltados para o consumo de vinhos e acompanhamentos nos quais ganhava destaque o prazer do convívio e do paladar. De modo similar, as trattorias destacavam-se pelo prazer degustativo da culinária local, sobretudo pela preservação das tradições gastronômicas da cozinha familiar. Sobre as diferenças entre *osteria*, *trattoria* e *enoteca*, ver: COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. *Saberes e Memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22022010-125038/pt-br.php>. Acesso: 7 de fevereiro de 2018.

sentido das mudanças do seu tempo, Carlo Petrini, em seu livro “*Slow Food Revolution: do Arcigola ao Terra Madre*” cita:

Quantos são os companheiros que neste último ano, depois da experiência política nas fábricas e nos sindicatos, quiseram entrar para o fascinante e socializante mundo dos restaurantes abrindo osteria, trattoria e enoteca. Muitos, indubitavelmente, muitos [...] outros foram amadurecidos profissionalmente criando uma simpática rede de lugares onde a gastronomia é vivenciada sem os floreios e a prosopopeia de certos locais de alta linhagem¹¹⁷.

Consideradas as características políticas e econômicas do panorama que antecede o surgimento do *slow*, verificaremos de que modo tais fatores encontram ressonância nos princípios e práticas que sustentam o movimento. Primeiramente, sublinhamos a noção de autonomia derivada do movimento operário. Essa será uma das premissas fundamentais para a estruturação institucional do *Slow Food* como organização não governamental, logo, não subalterna de qualquer fonte de liderança externa. A estrutura organizacional da instituição é dada da seguinte maneira: o congresso (que é o “órgão deliberativo máximo do movimento”), a presidência que é constituída pelo presidente, pelo comitê executivo, pelo conselho e secretário geral; pela “direção nacional, supraregional, regional ou outra estrutura organizacional reconhecida” e por fim, pelos convívios¹¹⁸.

Contudo, não estar sujeito a instâncias estatais não significa dizer que o *slow* despreze o apoio dos governos nos países nos quais seus núcleos regionais encontram-se localizados. Essa é uma condição de apoio periférico ao movimento. Essencialmente, o *Slow Food* sobrevive por meio de doações e quotas associativas¹¹⁹. Outra forma de subsídio encontrada pela

¹¹⁷ PADOVANI; PETRINI, 2005 *apud* ”. NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. De Arcigola a Slow Food: o empreendedorismo politizado como prática alimentar militante, *op. cit.*

¹¹⁸ Cf.: Verbete: Estrutura e funcionamento. Disponível em <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/quem-somos>. Acesso em: 17 de julho de 2017.

¹¹⁹ Embora os documentos oficiais do slow food e as informações disponíveis nos sites da organização reiterem que o movimento é sustentado fundamentalmente por doações e quotas pagas pelos associados é possível perceber que há um certo comprometimento político com algumas autoridades como demonstra a citação a seguir e, como, posteriormente verificaremos no caso brasileiro. “Quando ele nasceu, em 1986, ele se chamava ArciGola e era uma costela da associação cultural mais à esquerda. Em seguida, crescendo, ele teve o primeiro financiamento de Enzo Ghigo [ex-senador da república e ex-presidente da região de Piemonte] para lançar o Salone del Gusto, em Lingotto. Então Letizia Moratti, como Ministra da Educação, apoiou o nascimento da Universidade de Ciências Gastronômicas em Pollenzo, em 2004. Finalmente, os ministros do centro-direita Alemanno e Zaia sempre apoiaram suas ideias, até se tornarem amigos pessoais de Carlin Petrini”, Cf.: PADOVANI, Gigi. Slow Food è di destra o di sinistra? Disponível em: <https://www.lastampa.it/2010/04/28/blogs/dolce-la-vita/slow-food-e-di-destra-o-di-sinistra-FXe5uTPX49NgNR5AhtsrnO/pagina.html>. Acesso em: 21 jan. 2019. Tradução nossa. No original: “Quando nacque, nel 1986, si chiamava ArciGola ed era una costola dell’associazione culturale più di sinistra. Poi, crescendo, ha avuto da Enzo Ghigo i primi finanziamenti per lanciare il Salone del gusto al Lingotto. Quindi Letizia Moratti, da ministro dell’Istruzione, ha appoggiato la nascita dell’Università di Scienze gastronomiche a Pollenzo, nel 2004. Infine, i ministri dell’Agricoltura di centro-destra Alemanno e Zaia ne hanno sempre sostenuto le idee, fino a diventare amici personali di Carlin Petrini”. No que se refere às doações, por exemplo, para apoiar a criação de uma horta na África, o Slow Food, solicita o valor mínimo de 900 euros. Cf.:

organização é o suporte advindo de celebridades – o príncipe Charles, do país de Gales, é um de seus mais proeminentes apoiadores – e entidades privadas¹²⁰. Também é necessário citar a receita gerada pelos valores cobrados na participação dos eventos e oficinas *slow* que, conforme verificado em alguns dos textos analisados, geralmente têm custo elevado¹²¹.

Citamos também a capacidade de flexibilização herdada do caráter adaptativo das ações proletárias proveniente de sua disposição para ajustar-se a novas frentes de trabalho. No *Slow Food*, essa capacidade pode ser contemplada como uma de suas qualidades mais importantes, haja vista a sua plasticidade para se adequar às demandas e idiossincrasias dos mais diversos países que abraçam a sua proposta.

Traçar um ligeiro esboço sobre o panorama que antecede o nascimento do *Slow Food* nos permite ainda investigar de onde se origina uma de suas peculiaridades essenciais responsável por distinguir o *slow* em meio a tantos outros ativismos surgidos desde então. Referimo-nos à valorização da economia e produção locais, canalizadas, principalmente, para a implementação de projetos em prol da preservação dos recursos regionais. Este fenômeno que, como pôde ser visto, remonta ao processo de descentralização econômica e desenvolvimento das zonas periféricas iniciado na década de 1970, ecoou como um dos princípios elementares das propostas *slow*. Muito embora exista hoje um grande esforço para

Slow Food for Africa: 10.000 hortas para cultivar o futuro, p. 8. Disponível em: https://fondazione-zone-blulabsrl.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2015/07/PORT_libretto_orti_2015.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.

¹²⁰ Sobre o patrocínio do Príncipe Charles ao movimento, ver.: Prince Charles to sponsor Slow Food. Redazione Ansa, 3 abril de 2017. Disponível em: http://www.ansa.it/english/news/world/2017/04/03/prince-charles-to-sponsor-slow-food_869aef7e-eaae-4921-8fcf-ff0726d57580.html. Acesso em: 21 jan. 2019. No que se refere ao apoio de empresariais ver os exemplos da rede de supermercados Eataly e do grupo multinacional de restaurante Autogrill. Disponível em: <http://ebocalivre.blogspot.com/2015/10/a-contradicao-do-slow-food.html>; <http://www.slowfoodbrasil.com/documentos/manual-do-slowfood-2013.pdf> Acesso em: 21 jan. 2019; NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. As práticas alimentares na sociedade globalizada: o caso do movimento Slow Food. 2014. 241 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2014, p. 225.

¹²¹ Sobre o alto custo das programações que fazem parte dos eventos slow food, ver: LAUDAN, Rachel. Is elitism the problem? Disponível em: <https://www.rachellaudan.com/2008/09/slow-food-is-elitism-the-problem.html>. Acesso em: 21/01/2019. Sobre esta questão Sarah Sharma escreve: “Um dos corpos mais lentos que encontrei na *Slow Food Nation* era um vendedor de *fastfood* do lado de fora do local. Ele me perguntou por quanto mais tempo duraria o evento, porque ele não conseguia vender nada nos últimos dois dias e não conseguia mudar de local (veja a figura 4.9). As únicas pessoas comendo em seu estande eram os trabalhadores dentro dos pavilhões de comida lenta que não eram "parte" do evento. Esses trabalhadores, tanto os vendedores quanto a equipe de limpeza e dentro do *Slow Food Nation*, incomodam a dicotomia lenta em que o movimento se baseia”. SHARMA, Sarah. *In the Meantime*. Temporality and cultural politics. Londres: Duke University Press, 2014. p. 127. Tradução nossa. No original: “One of the slowest bodies I encountered at Slow Food Nation was a fastfood vendor outside the venue. He asked me how much longer the event was going on as he had no business for the past two days and wasn’t able to change locations (see figure 4.9). The only people eating at his stand were the workers inside the slow food pavilions who were not “part” of the event. These laborers, both the vendors and the cleaning staff inside Slow Food Nation, trouble the slow- fast dichotomy that the movement rests on”.

relacionar o local ao global, a valorização da atividade do pequeno produtor, assim como das tradições locais, continuam sendo premissas particularmente relevantes para o movimento¹²².

Verificamos que a abertura de novos espaços de trabalho sob a forma de pequenas empresas gastronômicas, voltadas para o compartilhamento do bom vinho e da boa comida, são traços que também reverberam no *ethos* difundido pelo movimento *slow*. É na devoção à tradição da cozinha local que o *Slow Food* tece seus argumentos em defesa do desfrute do prazer e de uma culinária mais lenta. Relembrando ainda que prazer e lentidão – como manifestações contrárias às ordenações capitalistas da pressa e desumanização decorrentes do trabalho – refletem também algumas das influências da contracultura dos anos 1960, que foram tomadas de empréstimo e adaptadas ao discurso do movimento¹²³.

2.1.1 Anos 1980 e 1990: De Bra para o mundo.

Chegamos aos anos 1980 e ao período em que a associação ganha os seus contornos mais precisos. Da efervescência das duas décadas anteriores emergem os substratos que dão origem às suas características mais expressivas. Nesse processo, destaca-se a amizade entre três jovens que, nos anos 1970, deram os primeiros passos na elaboração de uma proposta de vida desacelerada que, devido ao caráter abrangente de seu apelo, tão logo ganharia o mundo.

Foi assim que os nomes de Carlo Petrini, Azio Citi e Giovanni Ravnale entraram para a história do *Slow Food*. Militantes de esquerda, os três carismáticos amigos uniram-se ao coro de 68 e buscaram ver no compromisso social, a partir da atenção à cultura, uma nova forma de engajamento político que fosse alternativa às manifestações de sangue e bala já bastante conhecidas nas ruas italianas.

Os esforços do grupo tinham como objetivo a preservação e o florescimento da cultura local fazendo disso o foco de sua luta política. Dentre as suas investidas estão, em 1975, a inauguração da estação de rádio política independente *Radio Bra Onde Rosse* (Rádio Bra Ondas

¹²² A defesa do consumo de produtos alimentares produzidos localmente encontra ressonância nos princípios do locavorismo. Esta prática se refere à premissa da preservação e promoção da produção de ingredientes regionais por meio das escolhas de indivíduos que optam por adquirir alimentos plantados e/ou produzidos localmente ao invés de comprá-los de grandes distribuidores. CASTRO, Flavia Marques de. *O alimento "bom, limpo e justo": saúde no discurso do movimento Slow Food no Brasil*. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018, p. 54. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29260>. Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

¹²³ SIMONETTI, Luca. The Ideology of Slow Food. *Journal of European Studies*, 42 (2): 168-189, 2012. p. 170-171. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0047244112436908>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

Vermelhas) e a abertura da *Livraria Cooperativa La Torre*¹²⁴. 1975 ainda é marcado pela eleição de Petrini como vereador e membro do conselho da cidade de Bra, na qual permaneceria envolvido com atividades de caráter cultural com o propósito de difundir as tradições representativas da identidade local¹²⁵. Sem dúvida, a posição de Petrini como oficialmente uma figura política trouxe maiores repercussões para os ideais que compunham o imaginário dos projetos culturais do seu grupo de amigos, assim como facilitou o crescimento de sua visibilidade dentro da sociedade.

Participantes da *Associazione Ricreativa Culturale Italiana* (ARCI), associação política de esquerda – maior associação italiana sem fins lucrativos, inaugurada em 1956, em Florença – o grupo de jovens criou a *Arci Gola*, em 1986¹²⁶. Associação que deu origem ao *Slow Food* no final da mesma década. Sua marca era a flexibilidade, a autonomia e o desprendimento em relação à rigidez dos programas de esquerda. Previam outras frentes de combate cujo foco fosse um forte compromisso com a cultura.

A *Arcigola* fez parte do núcleo regional da Arci na região do Langhe, ao norte da Itália. Sua criação seguiu os passos das investidas encabeçadas por Petrini, primeiro presidente da *Arcigola* que, em 1981, havia criado com os seus amigos a Associação Livre e Meritória dos Amigos do Barolo¹²⁷. Assim como as trufas, o vinho tinto Barolo era e ainda é um forte símbolo da pequena Bra, que muito embora não fosse uma capital gastronômica, tipificava-se por suas atividades agrárias, especialmente pela sua culinária tradicional que, não sem surpresa, tornou-se o *leitmotiv* das campanhas da *Arcigola*. Em vista disso, para os membros da associação, a industrialização das regiões do norte e nordeste não deveria ser considerada como a única alternativa de desenvolvimento econômico a ser concebida. Era necessário levar também em conta a herança cultural das tradições agrícolas e gastronômicas locais como uma alternativa de crescimento e otimização para o comércio¹²⁸.

Em 1986, uma tragédia ocorreu em Narzole, cidade localizada próxima ao sul de Bra. Uma centena de pessoas foi envenenada e 19 vieram a óbito em decorrência do consumo de um vinho adulterado que fora produzido na região. Este evento causou grande impacto nas

¹²⁴ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais. Brasília, 2016. 412 p. Tese de doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília. 2016. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20174/1/2016_ChiaaraGentile.pdf. Acesso em: 8 de setembro de 2018.

¹²⁵ ANDREWS, Geoff. *The Slow Food Story: Politics and Pleasure*, Pluto Press, 2008, p. 6.

¹²⁶ A palavra gola – cujo significado é apetite, gozo, glotonaria – que compõe o nome da organização é referente à revista *La Gola* (1982-1989) que buscava aproximar em suas publicações a cultura do vinho e da comida a disciplinas humanísticas como filosofia, literatura e sociologia. PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*. New York: Columbia University Press, 2004, p. 6.

¹²⁷ ANDREWS, Geoff. *The Slow Food Story: Politics and Pleasure*, *op. cit.*, p. 7.

¹²⁸ PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*, *op. cit.*, p. 5.

prioridades da *Arcigola*¹²⁹. Com o enorme declínio das vendas dos vinhos e a propagação do medo dos riscos de contaminação, o empenho dos membros da organização voltou-se para a certificação da qualidade dos vinhos fabricados. O que à princípio foi uma resposta à crise das vendas da bebida, passou a ser a estruturação de um novo vértice de ação do movimento: a educação do gosto. Associando qualidade e desenvolvimento da apreciação do paladar esperava-se que fosse possível retomar não apenas o ritmo das vendas de um dos produtos mais consumidos localmente, como também refinar o gosto dos consumidores de maneira que estes soubessem distinguir e valorizar ainda mais os bons vinhos que eram produzidos no mercado local¹³⁰.

Uma das maneiras encontradas pelo grupo para orientar o consumo de qualidade foi o investimento em publicações no formato de guias de degustação, nos quais era possível conhecer mais sobre quem produzia bons vinhos, onde podiam ser encontrados os melhores pratos e quais eram os melhores lugares que proporcionavam o prazer da boa cozinha e um ambiente agradável para a sociabilidade. O primeiro guia lançado foi o *Vini d'Italia*, em 1987.

Com as publicações e as ações promovidas pela associação (como viagens com o propósito de conhecer as produções de cada região, instalação de feiras locais, passeios educativos, reuniões com os pequenos produtores e artesãos) ia ficando cada vez mais clara a importância do território dentro dos projetos da organização. De acordo com Petrini, mais do que uma circunscrição espacial, o território deveria ser considerado um “sistema integrado”.

[...] e acima de tudo “território” – uma palavra que eu irei utilizar em todo esse livro [*Slow Food – The case for taste*] será exatamente no mesmo sentido que a palavra francesa *terroir*: a combinação de fatores naturais (solo, água, encosta, altura acima do nível do mar, vegetação, microclima) e fatores humanos (tradição e prática de cultivo) que dão um caráter único para cada pequena localidade agrícola e o alimento crescido, cultivado, criado e cozido lá¹³¹. (Tradução nossa)

A fundação na qual nós construímos a *Arcigola Slow Food* é o conceito de território (especificidade regional e local). Culturas locais são a resposta para a unidade de padronização inerente ao modelo *fast-food*; sua variedade e diversidade são as chaves pelas quais nossos membros de todo o mundo reconhecem e compreendem uns aos outros. Delas nós obtemos vinho, ingredientes crus, técnicas culinárias, histórias, identidades, e o hábito de trocar conhecimento, produtos e projetos¹³². (Tradução nossa)

¹²⁹ Sem esquecer que 1986 também é o ano do acidente em Chernobyl e da difusão do medo do perigo da contaminação radioativa.

¹³⁰ PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*, *op. cit.*, p. 41.

¹³¹ No original: “[...] and above all “territory”—a word I will use throughout this book in exactly the same sense as the French word *terroir*: the combination of natural factors (soil, water, slope, height above sea level, vegetation, microclimate) and human ones (tradition and practice of cultivation) that gives a unique character to each small agricultural locality and the food grown, raised, made, and cooked there”. *Ibid.* p. 7-8.

¹³² No original: “The foundation on which we have built *Arcigola Slow Food* is the concept of territory (regional and local specificity). Local cultures are the answer to the drive to standardize inherent in the fast-food model;

Em 1986, em consequência da manifestação dos integrantes da *Arcigola* contra a instalação de uma filial do *McDonalds* em Roma, foi elaborado o manifesto *Slow Food* que, poucos anos mais tarde, renomearia a organização. Fundamental para a expansão das ideias do movimento, o manifesto foi assinado por celebridades da cultura, arte e política no evento de oficialização da associação realizado na *Opera Comique di Parigi*, localizada em Paris, em dezembro de 1989.

Em 1990, é lançada a *Slow Food Editore*, encarregada da produção, publicação e venda dos títulos elaborados pelos seus membros, tendo como foco a difusão das ideias do movimento¹³³. O primeiro volume lançado foi o guia *Osterie d'Italia*. O ano de 1991, por ocasião do primeiro congresso internacional da associação, marca a mudança de seu nome que passa a ser *Arcigola Slow Food*¹³⁴. Na sequência, os anos 1990 ainda apontaram para uma série de eventos que consolidaram algumas importantes inflexões no eixo dos projetos apresentados pelo *slow*.

“Os novos epicuristas [modo como se autodenominavam os integrantes da *Arcigola*] haviam se tornado gastrônomos ecologistas¹³⁵”. Com esta citação Petrini revela a grande transformação trazida por essa nova década. Em 1996, ocorreu a primeira edição do *Salon del Gusto*. Conforme definido por documento oficial, o “*Salone Internazionale del Gusto* é um dos eventos mais importantes do mundo dedicado a produtores artesanais de alimentos e vinho, além de ser uma ocasião de trocas de experiências para produtores e coprodutores de todo o mundo”¹³⁶. Nesta ocasião, foi lançado um dos maiores projetos da associação: a Arca do Gosto. A Arca surgiu como uma iniciativa de catalogação e divulgação de espécies alimentícias em risco de extinção (frutas, vegetais, modos de preparo de comidas tradicionais, animais utilizados para fins de alimentação, queijos, bebidas)¹³⁷. Com esta proposta verificou-se uma nova

their variety and diversity are the key by which our members all over the world acknowledge and understand each other. From them we get wine, raw ingredients, culinary techniques, histories, identities, and the habit of exchanging knowledge, products, and projects”. PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*, *op. cit.*, p. 37.

¹³³ Além de ser responsável por toda publicação de materiais oficiais da organização *Slow Food*, também faz parte do seu projeto o patrocínio de outras produções vinculadas a diferentes correntes da proposta *slow*. Aqui se incluem títulos sobre o *slow living*, *slow reading* e *città slow*. Ressalta-se ainda a seção *Manuais slow*, na qual podem ser adquiridos as mais diversas publicações voltadas para a prática da desaceleração. Ver: <http://www.slowfoodeditore.it>

¹³⁴ NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. As práticas alimentares na sociedade globalizada: o caso do movimento *Slow Food*, *op. cit.*

¹³⁵PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*, *op. cit.*, p.16.

¹³⁶ Disponível em: *Eventos Slow Food Diminuir a distância entre produtor e consumidor*. Material desenvolvido pelo movimento *Slow Food*. Disponível em: https://www.slowfood.com/wp-content/uploads/2015/09/07_eventos_slow_food1.pdf. Acesso em: 19 de dezembro de 2018.

¹³⁷ GENTILE, Chiara. Os mercados da terra *Slow Food*. “Entre modelos antigos e novas demandas: experiências locais de troca e consumo alimentar”, in: *Anais XXIX Congresso Alas Chile - Crisis y 195 emergencias sociales en América Latina*. Santiago: Acta Científica Congreso de La Asociación Latinoamericana de Sociología, p. 37-43. 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/39230163-Os-mercados-da-terra-slow-food-entre-modelos->

tendência da organização que passou a ser a oficialização de seu engajamento político no que tange à preservação da biodiversidade atualmente sob iminente risco de desaparecimento.

Tão logo chegamos aos anos 2000 e o ativismo ambientalista da associação vai se tornando mais pluralizado, expandindo cada vez mais suas frentes. É neste ano que o *Slow Food* inaugura um de seus intentos mais ambiciosos: o projeto Fortalezas. Segundo as palavras de Chiara Gentile, pesquisadora na área de Antropologia e Sistemas de Desenvolvimento Sustentável, essa proposta pode ser melhor resumida como: “Projetos em pequena escala destinados a auxiliar os produtores artesanais de uma determinada região para que possam continuar produzindo alimentos de qualidade, segundo os métodos da própria tradição e de forma ambientalmente atenta: isto são as Fortalezas”¹³⁸.

Em 2002, o movimento parece ganhar seu nome definitivo e passa a ser simplesmente chamado de *Slow Food*. Comprometido com novos projetos e campanhas, o *slow* esforça-se por reiterar cada vez mais sua frente política e afirmar o seu posicionamento frente a problemas de grande amplitude social. Este é o caso do seu pronunciamento em auxílio ao combate à fome mundial e no seu compromisso na luta contra o desperdício de alimentos¹³⁹.

Seguindo esses princípios, é inaugurada, em 2003, a Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade. Braço da organização, responsável por captar recursos e financiar os projetos do movimento voltados para a proteção da biodiversidade¹⁴⁰. No ano seguinte, foi implantado o projeto Terra Madre. Um encontro internacional das chamadas comunidades do alimento, onde grupos que se utilizam da comida como modo de elaborar a sua identidade regional e sua fonte de sustento têm a oportunidade de trocar experiências e conhecimentos acerca dos seus modos de produção e consumo¹⁴¹. Também em 2004 é implantada a primeira universidade de

antigos-e-novas-demandas-experiencias-locais-de-troca-e-consumo-alimentar.html. Acesso em: 27 de agosto de 2018.

¹³⁸ GENTILE, Chiara. *Os mercados da terra Slow Food*. Entre modelos antigos e novas demandas: experiências locais de troca e consumo alimentar, *op. cit.*

¹³⁹ A contribuição mais relevante do *Slow Food* no combate à fome da mundial é o Projeto mil hortas na África, o qual em 2014 adquiriu uma nova versão: 10 mil hortas na África. Para mais informações: <http://www.slowfoodbrasil.com/educacao-do-gosto/projeto-mil-hortas-na-africa>. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.slowfoodbrasil.com/fundacao>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

¹⁴¹ “As Comunidades do Alimento envolvem todos os atores e produtos que representam a localidade: agricultores, guardiões de sementes, pescadores artesanais, coletores e extrativistas, criadores de animais, açougueiros, e coprodutores, dentre outros. O grupo compreende os problemas gerados pela agricultura industrial que degrada os recursos naturais, pela indústria alimentar e pelo modelo de distribuição que visa a homogeneização do gosto e que atua contra a agricultura familiar e a agroecologia. A Comunidade do Alimento pode produzir alimentos artesanais segundo os princípios do ‘alimento bom, limpo e justo’, ou trabalhar na construção de um modelo de produção, distribuição e consumo mais sustentáveis”. Fonte: *Biodiversidade, Arca do Gosto e Fortalezas Slow Food*. Material desenvolvido pelo movimento *Slow Food*. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/slowfood-publicacao.pdf>. Acesso em: 3 de janeiro de 2019.

ciências gastronômicas do mundo, a UNISIGS, em Pollenzo. Universidade privada cujo objetivo é “promover uma relação orgânica entre gastronomia e ciências agrárias”¹⁴².

Em 2008, são inaugurados os Mercados da Terra, nome dado às feiras elaboradas de acordo com as premissas da filosofia *Slow Food* no qual é possível o contato direto entre produtores e coprodutores (consumidores)¹⁴³. Fechando esta primeira década, no ano de 2009 é fundado o *Eurogusto*, em Tours, na França, evento de ocorrência bienal realizado com o intuito de promover a educação do gosto e o alimento de qualidade da cozinha europeia. Ainda neste ano, no dia 10 de dezembro, é lançado o *Terra Madre Day*, ocasião de comemoração do aniversário do movimento e de celebração coletiva do corolário “bom, limpo e justo”.

Em um exemplo de seu posicionamento político fundamentado no direito ao alimento, o *Slow Food* lança em 2011 o desafio das Mil Hortas na África. O projeto deu certo e, em 2014, uma nova proposta foi lançada: Dez Mil Hortas na África. Esta iniciativa, pautada na criação de hortas em escolas e comunidades africanas, tem buscado promover, por intermédio da educação e do engajamento prático, a preservação da biodiversidade e culturas tradicionais. Do mesmo modo, o projeto tem sido implantado como uma alternativa no combate à fome, segundo a qual os responsáveis pelas hortas (crianças, jovens e adultos) são vistos como agentes promotores de soluções para os seus problemas de autossustentabilidade¹⁴⁴.

Dando prosseguimento às suas realizações, citamos ainda a criação do *AsiO Gusto*, em 2013, evento voltado para a celebração e divulgação das tradições gastronômicas da Ásia e Oceania¹⁴⁵. No mesmo ano o *Slow Food* assinou um acordo de cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) a fim de juntos promoverem alternativas para a implementação de sistemas agroalimentares sustentáveis, assim como medidas que fortaleçam a luta contra a fome no mundo.

Por fim, no dia 29 de setembro de 2017, os integrantes da associação assinaram a declaração de Chengdu. Neste documento é ratificada a pretensão de alcance global do movimento, tal como mais uma vez é manifesto o seu desejo de preservar a biodiversidade. Também nesta declaração, encontra-se reafirmado o compromisso do *Slow Food* com a promoção da educação do gosto, haja vista que o movimento nunca se apartou da dimensão do

¹⁴² Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/unisig>. Acesso em: 3 de janeiro de 2019.

¹⁴³ Disponível em: *Biodiversidade, Arca do Gosto e Fortalezas Slow Food*. Material desenvolvido pelo movimento Slow Food. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/slowfood-publicacao.pdf>. Acesso em: 3 de janeiro de 2019.

¹⁴⁴ Disponível em: https://www.fondazioneSlowFood.com/wp-content/uploads/2015/07/POR_vademecum10000_b1.pdf. Acesso em: 14 de novembro de 2018.

¹⁴⁵ Disponível em: https://www.slowfood.com/wp-content/uploads/2016/03/10_Cronologia_ok_2016.pdf. Acesso em 14 de novembro de 2018.

exercício do prazer associado ao alimento. De todo modo, a grande importância do texto se refere à oficialização da busca pelo reconhecimento universal do direito de todos à alimentação, à água e à terra¹⁴⁶.

Paramos por aqui. Muitos seriam os eventos que ainda poderiam ser acrescentados à linha do tempo do *Slow Food*. Entretanto, não é nossa intenção realizarmos um inventário pormenorizado de todas as atividades dessa organização ao longo dos seus quase 30 anos de existência. Nosso critério de seleção para a elaboração da breve genealogia apresentada foi pautado em elementos que nos ajudam a compreender a historicidade que marca o surgimento do *slow* (enquanto ideia e empreendimento) e o seus desdobramentos até os dias atuais.

Do panorama anterior ao aparecimento do movimento *slow*, desejamos reter algumas ideias que consideramos fundamentais para compreendermos as bases e o desenvolvimento de seu discurso oficial. Neste sentido, sublinhamos algumas concepções previamente compartilhadas pela sociedade italiana, especialmente entre as décadas de 1970 e 1980 que, posteriormente, foram mobilizadas em função dos objetivos da associação. Insistimos, portanto, no destaque de ideias como: flexibilidade, a defesa e o estímulo à produção dos recursos locais e a capacidade de autonomia.

A marca temporal apresentada pela trajetória do movimento é a do desenvolvimento gradual, do tempo lento da maturação de projetos e perspectivas. Mas se o *slow* nasce lento não é este o cenário com o qual ele se depara. Estamos no final dos anos 1980 e o século que termina aponta para uma experiência de aceleração bastante diferente das anteriores. Como então andar na contramão? Seria o *slow* tão contrário assim à lógica da aceleração contemporânea? São essas as indagações que a seguir nos propomos a investigar.

2.2 Teoria e *slow*

Voltamos a 1989. O dia é 9 de novembro e o mundo assiste estupefato às imagens dos antigos aparelhos de tv technicolor: o muro de Berlim caiu. E com ele declinaram também projetos de um outro tempo que pareciam não mais encontrar lugar em um panorama ávido por mudanças radicais. A imagem de jovens e senhores, de camisas coloridas e o céu repleto de fogos de artifício revelavam a telespectadores de todo o globo que outra realidade era possível, algo diferente acontecia. A simples possibilidade de passar de um lado a outro de Berlim sem

¹⁴⁶Declaração disponível na íntegra em: https://www.slowfood.com/wp-content/uploads/2018/05/00_Dic_Chengdu_POR_REV.pdf. Acesso em: 17 de outubro de 2018.

o risco de ser metralhado mostrava que o comunismo não apenas era questionado como colocado a baixo. Um novo tempo e um novo mundo se descortinava.

A queda do muro de Berlim, ao corresponder com o fim da Guerra Fria, convergiu para o desmantelamento do bloco soviético. Seguindo o exemplo polonês, manifestações contra a tirania do regime que deveria garantir “um futuro radiante” pululavam nas mais variadas extensões do globo. O Outono das Nações ou as Revoluções de 1989 varreram a Europa Central e Oriental marcando o fim da supremacia comunista sobre o continente. Era o pêndulo da modernidade em movimento, oscilando para um novo caminho sem, contudo, ultrapassar os limites entre radicalismo e moderação¹⁴⁷. Esta última, traduzida pelo verbete da democracia, representou a busca por processos de transição que tornassem reais a possibilidade de um mundo livre das amarras das experiências totalitárias que marcaram de maneira tão pungente grande parte do decurso do último século¹⁴⁸.

A onda revolucionária que se seguiu à Polônia, percorreu não apenas também a Alemanha Oriental, mas ainda outras regiões a leste, como Tchecoslováquia, Bulgária e Romênia. Na Ásia, as manifestações ocorridas entre 15 de abril a 4 de junho na Praça da Paz Celestial trouxeram à tona protestos de estudantes e intelectuais chineses contra a opressão do Estado ditatorial. O resultado foi um banho de sangue e uma gigantesca aversão à permanência do Partido.

Em paralelo às transformações políticas em andamento, destacaram-se também as mudanças das perspectivas econômicas que até aquele momento vigoravam segundo o paradigma soviético. O fim da Guerra Fria e a ascensão dos Estados Unidos como ator principal da Nova Ordem Mundial consolidaram o *status quo* alcançado pelo projeto neoliberal. O modelo de planificação econômica deu lugar a políticas de abertura, sendo, neste contexto, a mais propalada delas a Glasnost, seguida da Perestroika, cuja consequência fundamental, sabe-se hoje, não foi a reforma do arquétipo soviético, mas, pelo contrário, o atestado final de seu declínio.

Em suma, é possível dizer que, se a década de 1980 foi repleta de eventos de grande repercussão mundial, o ano de 1989 pode ser considerado o seu ápice. Para além das transformações político-econômicas, uma das maiores conquistas tecnológicas também ocorreu nesse ano. Em março de 1989, o físico britânico Tim Berners-Lee criou a conexão hipertexto

¹⁴⁷ HELLER, Agnes; FÉHER, Ferenc. O pêndulo da modernidade, *Tempo Social*, Sociologia da USP, São Paulo, 6 (1-2), p. 48-67, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85044>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

¹⁴⁸ GIDDENS, Anthony. “Democracia”, in: *O mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

via WWW e transformou o uso da internet na rede tal qual hoje a conhecemos, ou seja, de fato, global. Do mesmo modo, o surgimento dos computadores pessoais na década de 1990 foi um marco para a juventude norte-americana que se aproximava das portas do novo milênio.

Segundo a perspectiva desenhada acima, 1989 representou a chegada de um novo tempo. Não se trata de uma referência a uma nova concepção metafísica do tempo, mas sim à abertura para uma reconfiguração de realidades sociais que, subitamente, se depararam com o aparecimento de uma nova configuração histórica. Contudo, as mudanças em curso não trouxeram consigo a instauração imediata de novos paradigmas. Embora os antigos modelos estivessem sendo questionados, e inclusive desmantelados, não havia nenhum projeto de futuro previamente elaborado para ser colocado em seu lugar. A sensação era muito similar à inquietação de se encontrar em um tempo de brecha, uma lacuna que reclamava por respostas ou sugestões.

No cenário que se descortinava, as dimensões entre passado, presente e futuro eram ressignificadas. Fundamental nesse processo de reelaboração da historicidade nas sociedades ocidentais foi o valor atribuído à aceleração. Para o mercado financeiro, cada vez mais em ascensão, a aceleração se tornou o motor principal para a otimização de suas transações. A alta velocidade aplicada às tecnologias de uso administrativo voltadas para a rápida tomada de decisões se tornou fator indispensável para a competitividade entre empresas e ações sob especulação nas bolsas. Em uma paisagem na qual o mercado não conhece outro tempo se não o da urgência, ser o primeiro a agir significa na maioria das vezes a conquista do maior lucro e, ao menos, uma leve segurança de distanciamento do fracasso.

No conjunto que compõe os mais ávidos pela aceleração, sem dúvida o destaque foi para a ciência, sobretudo para os campos da tecnologia da informação e robótica, assim como para as mais diversas áreas da medicina. O desenvolvimento das pesquisas nesses domínios andou *pari passu* com o fomento à aceleração. O uso de tecnologias de ponta significou maior rapidez no surgimento de novas descobertas e com elas novas formas de percepção do tempo e da realidade.

No que se refere à política, a aceleração encontrou diferentes formas de recepção. Se em alguns âmbitos do poder estatal ela foi considerada imprescindível para a nova ordem da governamentalidade neoliberal, em outros setores, quais fossem, mais voltados para o compromisso democrático, a aceleração não foi assimilada da mesma forma.

Considerando que a tempo necessário para a promulgação de leis e implementações de projetos provenientes das demandas sociais é mais lento, a democracia entrou em descompasso com os demais sistemas cuja ordenamento temporal foi sendo pautado por uma aceleração

galopante. Desta maneira, tal como propõe Hartmut Rosa, o compromisso ético do Estado democrático acabou sendo preterido devido a um contínuo estado de dessincronização temporal entre as demandas do fazer político e aquelas das demais instâncias sociais. De acordo com o sociólogo, esta situação caracterizou o desenvolvimento de uma destemporalização da política, que, tal como a personalidade do indivíduo nas sociedades da modernidade tardia, também estaria se tornando situacionista. Na ausência do tempo necessário para a elaboração de projetos políticos de longo prazo, a política acabou assumindo o papel de fundamentalmente apenas reagir às pressões sem, deste modo, conseguir promover programas, de fato, progressistas¹⁴⁹.

No quadro que se apresenta, o discurso devagar do *Slow Food* aparece como uma alternativa, uma opção inversa à experiência temporal em andamento, ou seja, fundamentada pelo desejo de acelerar. Coincidência ou não, é exatamente um mês depois da queda do muro de Berlim que a organização *Slow Food* Internacional é oficializada, ou seja, no dia 09 de dezembro de 1989. Algo que a princípio poderia passar despercebido, como apenas mais uma dentre tantas outras curiosidades, nos permite, contudo, explorar um pouco mais sobre o cenário temporal que constitui a conjuntura na qual foi oficializado o movimento. A legitimação do *Slow Food* e sua difusão a nível global em um período marcado por profundas transformações históricas nos direciona ainda a outras considerações. A primeira que destacamos diz respeito à forma como o próprio movimento concatenou à sua engenharia funcional as demandas de seu tempo.

De acordo com o exposto, algumas questões que nos ocorrem são: como implementar uma proposta de desaceleração em um ambiente inclinado ao seu contrário, disposto a acelerar? Considerando que o *slow* surge em um momento de grandes reviravoltas, como a sua análise nos permite compreender as tensões temporais que marcaram e ainda fazem parte de sua trajetória? Como o *Slow Food* nos ajuda a compreender as relações entre tempo e poder vigentes neste novo milênio?

A fim de buscarmos algumas respostas para estas perguntas optamos por um diálogo entre o manifesto *Slow Food* e algumas propostas analíticas sobre o tempo que consideramos como substanciais para nossa investigação. Para esta tarefa, sublinhamos algumas contribuições de Reinhart Koselleck, François Hartog, Hartmut Rosa e da pesquisadora e professora da Universidade de Toronto, Sarah Sharma.

2.2.1 Dimensões temporais no *Slow Food*.

¹⁴⁹ ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*. Social acceleration, power and modernity. Philadelphia, Pennsylvania University Press, 2009, p. 102.

Falar do *Slow Food* ou simplesmente da filosofia *slow* é falar do manifesto *Slow Food*. No texto que consolida sua abertura e disseminação mundo afora encontram-se as características centrais do movimento. Embora sua frente de ação tenha sofrido algumas mudanças, tornando-se, por exemplo, mais inclinada a projetos de cunho político, em suma, as diretrizes principais da organização permanecem as mesmas. Assim, mesmo que tenham se passado quase 30 anos desde sua origem, o manifesto *Slow Food* ainda é a principal fonte para acessarmos os ideais que, desde o início, têm orientado a continuidade do movimento. A seguir, transcrevemos o manifesto:

O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

Somos escravizados pela rapidez e sucumbimos todos ao mesmo vírus insidioso: a Fast Life, que destrói os nossos hábitos, penetra na privacidade dos nossos lares e nos obriga a comer Fast Food.

O Homo sapiens, para ser digno desse nome, deveria libertar-se da velocidade antes que ela o reduza a uma espécie em vias de extinção.

Um firme empenho na defesa da tranquilidade é a única forma de se opor à loucura universal da Fast Life.

Que nos sejam garantidas doses apropriadas de prazer sensual e que o prazer lento e duradouro nos proteja do ritmo da multidão que confunde frenesi com eficiência.

Nossa defesa deveria começar à mesa com o *Slow Food*. Redescubramos os sabores e aromas da cozinha regional e eliminemos os efeitos degradantes do Fast Food.

Em nome da produtividade, a Fast Life mudou nossa forma de ser e ameaça nosso meio ambiente. *Portanto, o Slow Food é, neste momento, a única alternativa verdadeiramente progressiva.*

A verdadeira cultura está em desenvolver o gosto em vez de atrofiá-lo. Que forma melhor para fazê-lo do que através de um intercâmbio internacional de experiências, conhecimentos e projetos?

Slow Food garante um futuro melhor.

Slow Food é uma ideia que precisa de inúmeros parceiros qualificados que possam contribuir para tornar esse (lento) movimento, em um movimento internacional, tendo o pequeno caracol como seu símbolo¹⁵⁰.

Comemos com o nosso espírito¹⁵¹. Com uma vida citadina marcada pela pressa, pelas filas dos metrô e pelos ônibus lotados, onde o “pra ontem” é onipresente e o agora se define pelo “não tenho tempo” é difícil pensar na comida para além de sua função básica, ou seja, servir para alimentar. Aliás, pensar em comida, nesse contexto, poderia ser melhor definido pela necessidade clínica de comer, pois, para muitos, se fosse

¹⁵⁰PORTINARI, Folco. Manifesto *Slow Food*. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/manifesto>. Acesso em 08 de janeiro de 2018. Grifo nosso.

¹⁵¹“Não comemos com nossos dentes e não digerimos com nosso estômago; comemos com o nosso espírito, degustamos segundo as normas culturais ligadas ao sistema de trocas recíprocas que está na base da vida social. É por isso que cada povo se define por suas práticas alimentares e suas maneiras à mesa tão claramente, tão certamente, quanto por sua língua, suas crenças ou suas práticas sexuais”. MOULIN, 1975 *apud* POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC; 2013, p. 146.

possível essa exigência biológica seria facilmente suprida pelas pílulas de hambúrgueres ingeridas pelos astronautas em filmes de ficção científica.

O fato é que comemos, mas pouco pensamos sobre o ato de comer. Embora alguns se autodefinam como vegetarianos, veganos ou churrasqueiros de fim de semana, poucos de nós realmente refletem sobre a cadeia de relações que envolve as etapas de produção, distribuição e consumo dos alimentos que chegam às nossas mesas. Foi pensando sobre a dimensão global que envolve o alimento e as sociedades que o *Slow Food* elaborou o seu discurso. Uma correspondência desta visão holística sobre o conceito alimentar, poderia ser definido da seguinte maneira:

Pois o alimento não é um produto de consumo banal, ele é *incorporado*. Ele entra no corpo do comedor, torna-se o próprio comedor, participando física e simbolicamente da manutenção de sua integridade e da construção de sua identidade. Comer é também um ato que religa o homem à natureza, ao real. A cozinha e as maneiras à mesa de uma sociedade são uma maneira original de regular as relações entre a natureza e a cultura¹⁵².

Se o alimento é um produto incorporado, a alimentação da qual fala o manifesto *Slow Food* seria o reflexo de que tipo de apropriação? Sem qualquer dificuldade se verifica que a crítica do documento se dirige ao padrão *fast life*, especificamente ao modelo de alimentação *fast food*. Ser um consumidor de produtos *fast food* significa incorporar a lógica da vida acelerada que se apresenta em sua forma mais elementar, ou seja, influenciando o ato tão trivial quanto necessário que é comer.

É fato que as mudanças nas formas de conceber o ritmo de cultivo e processamento de alimentos geram impactos diretos principalmente para o meio ambiente e para a saúde dos seres humanos que os consomem. Se comemos com o nosso espírito e nesta significativa apropriação há uma dinâmica de influência mútua no processo de construção social, o modelo de alimentação *fast food* se revela como resultado das transformações temporais que têm estruturado as sociedades ocidentais.

Comemos com pressa porque sentimos a escassez do tempo. A destruição dos hábitos e a violação da privacidade doméstica das quais fala o manifesto se referem ao caso de uma forma anterior da experiência temporal que não corresponde às demandas destes novos tempos. Idealizada ou não, falaremos sobre essa quase “devoção temporal” presente no *slow*, mais tarde. Como fonte documental, o manifesto *Slow Food* nos ajudará a aprofundarmos o olhar sobre os processos de mudanças na percepção do tempo que

¹⁵² POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*, op. cit., p. 48-49. Grifo nosso.

caracterizaram uma nova reconfiguração no modelo de historicidade contemporânea que, sem dúvida, vai muito além do tempo dispensado ao paladar.

2.2.2 *Slow Food* e aceleração

O que qualifica o *slow*, movimento autointitulado a favor da lentidão, como objeto de estudo para o fenômeno da aceleração na contemporaneidade? O aparente paradoxo que representa essa questão é o que, inicialmente, fundamenta as nossas investigações e nos incita a perscrutar as entrelinhas do manifesto que apontam as diretrizes da associação. Nossos interesses se concentrarão, a partir de agora, sobre o discurso oficial do manifesto *Slow Food*, já que foi a partir dele que as demais vertentes *slow* – como a filosofia *slow* (*slow living*), *slow medicine*, *slow science*, *slow teaching*, *slow sex*, *slow travel* – surgiram e nele continuam a se apoiar.

Esta questão, que já fora citada no início do primeiro capítulo, tem importância central para toda esta pesquisa. Retomá-la neste momento significa adentrarmos o ponto fulcral de todo o nosso empenho de análise. A primeira resposta que propomos para esta pergunta se concentra no fato de que, embora o *slow* se autodefinha como arduamente contrário ao modelo de vida *fast life* das sociedades ocidentais, ele não deixa de ser fundamentalmente dependente desta mesma aceleração. Melhor dizendo, dependente das multitemporalidades que compõem a experiência temporal na atualidade.

Considerando as teorias temporais apresentadas no capítulo anterior, em primeiro lugar constatamos que a desaceleração presente no *slow* se caracteriza como “uma forma intencional de desaceleração social” no sentido de uma “reação à aceleração”¹⁵³. Tentativa esta que, segundo Hartmut Rosa, assim como outras surgidas no passado, se mostraram ineficazes e acabaram sendo solapadas pelas mesmas ondas de aceleração contra as quais se posicionaram¹⁵⁴. Associadas a temporalidades aceleradas, as desacelerações encontradas no *slow* compõem e dão sentido a um sistema orgânico que comporta temporalidades assíncronas sem as quais seriam impossíveis a difusão e a continuidade do movimento. Em outras palavras,

¹⁵³ ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*. Social acceleration, power and modernity, *op. cit.*, p. 94.

¹⁵⁴ É relevante citar que, para Hartmut Rosa, a única forma de desaceleração que não se apresenta como “derivada” ou uma reação proposital à aceleração é a inércia latente sobre a qual repousa a modernidade tardia. Segundo o autor, ela é verificada pela impossibilidade de mudanças reais na história, algo que pode ser traduzido de acordo com o seguinte trecho: “[...]a enorme velocidade de eventos e alterações é um fenômeno superficial que mal encobre a inércia estrutural e cultural profundamente enraizada”. *Ibid.*, p. 96. Tradução nossa. No original: “[...] the enormous speed of events and alterations is a superficial phenomenon barely covering up deep-rooted cultural and structural inertia”.

a velocidade a qual tão ferozmente o discurso oficial *Slow Food* ataca é, aparentemente, de modo controverso, fator indispensável à sua existência.

Citando Koselleck, assim como a modernidade clássica é marcada pela experiência da simultaneidade do não simultâneo, o mesmo acontece na modernidade tardia, sendo o movimento *slow* um interessante *locus* para a observação e análise empírica desse conceito. Em constante contato e tensão, as temporalidades múltiplas do *slow* podem ser encontradas no mesmo espaço – no caso de um restaurante *Slow Food* – compartilhando a mesma ordem cronológica, ilustrando como a simultaneidade do não simultâneo é uma noção de apreensão prática e facilmente detectável no cotidiano de pequenos e macro universos que constituem os campos das ações humanas do sujeito hodierno.

O conceito koselleckiano também pode ser verificado em outras situações presentes no *slow*. Um segundo exemplo é o uso de altas tecnologias do campo da biogenética que são utilizadas como instrumentos de prevenção contra o desaparecimento de espécimes que são cultivadas segundo as normativas sazonais de alimentos produzidos pelo pequeno produtor. Também nos deparamos com um quadro de temporalidades assíncronicas quando constatamos que o *slow* se utiliza fortemente de inúmeras ferramentas dos meios de comunicação virtuais por meio das quais sua filosofia e campanhas são disseminadas (*Facebook, Twitter, Instagram*) e seus eventos ganham o conhecimento do grande público (ao menos daqueles que têm acesso à internet e se interessam pelo assunto). Também fazem parte dessa lista o grande incentivo à mobilidade, na forma de viagens de longo alcance em favor do turismo gastronômico, pois, de acordo com o *slow*, o que é produzido localmente deve ser consumido localmente.



Figura 1 - Instantâneo em printscreen retirado da página de abertura do site www.slowfood.com

Tendo em mente a noção de simultaneidade do não simultâneo e a dependência que o *slow* possui da aceleração, algumas questões se apresentam pertinentes. Se, ainda hoje, o movimento é pouco conhecido não apenas pelas classes populares, mas também por grande parte do público acadêmico (haja vista que estudos críticos sobre o *slow* ainda são incipientes), logo, como as ideias da associação chegariam a um mínimo de repercussão internacional se não fossem as suas propagandas e fóruns localizados online? E o que dizer de suas publicações que hoje, traduzidas para os mais diversos idiomas, ocupam estantes de livrarias e bancas de jornais do mundo inteiro¹⁵⁵? E quanto ao apoio financeiro recebido pela associação oriundo de entidades privadas que funcionam de acordo com a lógica do capital global financeirizado e, portanto, acelerado?

Sem contar a experiência de vida estilo *businessman* que define o cotidiano do presidente do movimento, Carlo Petrini. Em suas agendas, compromissos sem fim, inúmeros voos semanais, participações em eventos, encontros com celebridades, reuniões com chefes e ministros de Estado, palestras e seminários em universidades e centros de pesquisa, divulgação de eventos *slow*, entrevistas a jornais e revistas. A lista é extensa. Um repertório de atividades que nem de longe se aproxima de uma conduta pautada por princípios de desaceleração¹⁵⁶. Em

¹⁵⁵ Em trabalho realizado sobre a relação entre o movimento *Slow Food* e os variados suportes das mídias virtuais online, Carolyn Bender, atenta para o curioso fato de que embora o centro oficial e administrativo do movimento esteja localizado na Itália desde a sua fundação, a grande maioria dos documentos oficiais do *Slow Food* disponíveis na Internet, assim como suas páginas oficiais e em sites de relacionamento encontram-se em inglês. Salvo, os casos em que podem ser encontradas em duas línguas de acesso no mesmo site, o inglês e a língua do país a que se refere este ou aquele núcleo *slow*. De acordo com as análises de Bender, essa é uma importante evidência de como o movimento *slow* pode ser percebido em consonância com as estratégias de alcance e difusão informacionais de um mundo globalizado, empreendendo, portanto, esforços para que a dimensão de sua abrangência, seja de fato, planetária. “É notável que, para um grupo que começou originalmente na Itália e atualmente está sediado lá, o site da *Slow Food* International é inteiramente em inglês e não em italiano”. BENDER, Carolyn, *Thinking Globally, Acting Locally, Discussing Online: The Slow Food Movement Quickens with New Media*. Thesis, Georgia State University, 2012, p. 32. Disponível em: https://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1087&context=communication_theses. Acesso em: 12 de janeiro de 2019. No original: “It is notable that for a group which originally started in Italy and is currently headquartered there, the *Slow Food* International website is entirely in English and not Italian”.

¹⁵⁶ Uma curiosa exposição de um breve momento da vida desse homem, aparentemente nem um pouco desacelerado, encontra-se no capítulo 9 do livro *Slow Food Revolution* quando, enquanto aguardavam Petrini, seus entrevistadores puderam notar e transcrever apenas um pequeno excerto do dia a dia do embaixador do movimento: “Documentos em inglês, e-mails de todos os cantos do mundo, as galés de uma revista, notas breves esboçadas com um lápis: a mesa de Carlo Petrini está cheia de trabalho. [...] Ao seu redor [Petrini], sua equipe de assistentes está enchendo o calendário de Petrini com os compromissos do mês. Esperando na sala de estar está um jornalista que quer entrevistar Petrini em *Supersize Me*, o filme de Morgan Spurlock que satiriza e denuncia hambúrgueres e batatas fritas. Há uma ligação para o Palácio de Buckingham para confirmar a presença de Petrini em um jantar com o príncipe Charles e uma viagem a planejar para Washington, onde ele fará uma palestra em uma universidade. A assistente de Petrini, Laura Bonino, que é tão protetora quanto rigorosa, está tentando trazer alguma ordem para seus compromissos e suas chamadas recebidas. Valter Musso, responsável pela assessoria de imprensa, está marcando a data para uma entrevista com um jornalista americano. Uma palestra para estudantes de graduação na Universidade de Colorno será no dia seguinte. Depois disso, Petrini viajará para Udine, no nordeste da Itália, para apresentar um plano para educação do gosto das crianças no sistema escolar Friuli-Venezia Giulia. E depois em direção à Nápoles, onde ele conduzirá um seminário na Universidade Suor Orsola Benincasa. Finalmente, de volta

outros termos, a questão pode ser simplificada da seguinte forma: se a aceleração é tão importante para o *slow* porque demonizá-la?

Uma observação neste sentido é que, de acordo com Petrini, a globalização – entendida como produto do processo aceleratório inaugurado na modernidade – pode ser qualificada como “gloriosa” quando entendida como um meio de aproximação e troca de experiências e conhecimentos entre produtores locais em nível global. Segundo defende o idealizador da associação, isto pode ser exemplificado com a realização dos encontros promovidos pelo *Slow Food*, como o *Salon del Gusto*. Assim: “A globalização é absolutamente desejável quando cria redes de comunicação entre diversas realidades, em vez de nivelá-las”¹⁵⁷. De modo equivalente, em entrevista publicada no livro *Slow Food Revolution*, sobre o projeto Terra Madre, Petrini afirma:

É por isso que o Terra Madre, que agora tem uma sala de bate-papo na Internet, é uma grande novidade: nos comprometemos a criar um portal e um fórum para manter esses contatos vivos. Há também tecnologias avançadas - e não muito caras - que nos permitem colocar as pessoas em contato umas com as outras, via satélite e computador, mesmo que elas morem em aldeias remotas da África. Precisamos de um tipo de energia para manter uma conexão via áudio e vídeo. Esses são os caminhos que queremos seguir¹⁵⁸.

Tendo em vista o que já foi dito, defendemos que o *slow* só é possível devido à aceleração. E isto não se deve a uma simples relação de “causa e efeito”, como quando um ente existe simplesmente para se contrapor ou denunciar o outro, sem o qual a razão de existência do segundo não se justificaria. O ponto fundamental a que nos referimos consiste no fato de

ao Bra apenas a tempo de fazer as malas para uma viagem aos Estados Unidos”. PETRINI, Carlo; PADOVANI, Gigi. *Slow Food Revolution: A new culture for eating and living*. Milano: Rizzoli, 2005, p. 175-176. Tradução nossa. No original: “Papers in English, emails from every corner of the world, the galleys of a magazine, brief of notes sketched with a pencil: Carlo Petrini’s desk is piled high with work. [...] Around him, his staff of assistants is filling Petrini’s calendar with the month’s engagements. Waiting in the parlor is a journalist who wants to interview Petrini on *Supersize Me*, the movie by Morgan Spurlock that satirizes and denounces hamburger and French fries. There is a call to make to Buckingham Palace to confirm Petrini’s attendance at a dinner with Prince Charles and a trip to plan to Washington, where he will give a university lecture. Petrini’s assistant Laura Bonino, who is as protective as she is unbending, is trying to bring some order to his appointments and incoming calls. Valter Muso, who is responsible for the press office, is setting the date for an interview with an American journalist. A lecture for graduate students at School of Colorno is to take place the following day. After that, Petrini will travel to Udine in the Italian northeast to present a plan for children’s taste education in Friuli-Venezia Giulia school system. An then on to Naples, where he’ll conduct a seminar at the University Suor Orsola Benincasa. Finally, back to Bra just in time to pack for a trip to the United States”.

¹⁵⁷ PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*, *op. cit.*, p. 28. No original: “.Globalization is absolutely desirable when it creates networks of communication among diverse realities instead of leveling them”.

¹⁵⁸ PETRINI, Carlo; PADOVANI, Gigi. *Slow Food Revolution: A new culture for eating and living*, *op. cit.*, p. 182. Tradução nossa. No original: “This is why Terra Madre, which now has an internet chat room, is a great novelty: we have committed ourselves to creating a portal and a forum for keeping these contacts alive. There are also advanced – and not too expensive – technologies that enable us to put people in touch with one another via satellite and computer, even if they live in remote villages in Africa. We need a source of energy to maintain a connection, via audio and video. These are the paths we want to take”.

que a aceleração das sociedades ocidentais é mobilizada pelo *slow* como forma de seu sustento, em ambas as acepções que esta palavra pode oferecer.

Primeiramente, como fator de apoio. Sendo imprescindível para a sua existência e promoção, o uso de artefatos tecnológicos a fim de que, como citado no manifesto, seja possível tornar esse “(lento) movimento, em um movimento internacional”. Em segundo lugar, a aceleração se apresenta como garantia de seu sustento, na medida em que a sua inserção nos fluxos de alta velocidade característicos da ordem financeira global permite a sua participação no mercado internacional – assim como o apoio de entidades privadas que só existem porque seguem esse mesmo parâmetro – e, conseqüentemente, viabiliza a geração de receitas para que os projetos e a disseminação do movimento continuem em andamento.

Portanto, não apenas lento ou acelerado, o movimento slow é multitemporal. Se considerarmos a afirmação de Rosa quando cita que a aceleração na modernidade tardia é destituída de um padrão único, perceberemos quão pertinente é a nossa investigação sobre as temporalidades encontradas no *slow*. Especialmente sobre o *Slow Food*. Se uma primeira leitura do manifesto nos direciona a imaginar que o movimento se trata de um ativismo revolucionário, comprometido com uma postura anti-aceleração e anticapitalista, apenas o exercício do olhar distanciado é o que, de fato, nos ajuda a compreendê-lo em suas entrelinhas, para além do “dito e do não dito”, indo mais adiante do que os seus documentos oficiais têm a oferecer.

Sendo assim, é possível considerar que diferente do que prezam os seus defensores, o *Slow Food* possui um refinamento temporal que não se deixa simplificar pelo par dicotômico desaceleração é bom, aceleração é ruim. Embora deixe claro nas suas propagandas que o seu objetivo principal é atacar a aceleração, ou melhor, em suas próprias palavras, o “vírus insidioso” da *Fast Life*, é fato que o *slow* não abre mão da rapidez dado que esta é condição imprescindível para o seu funcionamento.

Traduzindo em termos teóricos, as condições de existência e ação do movimento *slow* deve-se à sua composição ser dada não somente por meio de diferentes temporalidades, como também pelos variados estratos temporais que são acionados em seu discurso. No que concerne à distinção entre temporalidade e estratos temporais, Sarah Sharma aponta – e esta é a noção que utilizamos – que “o termo temporal, aqui, não implica um senso de tempo transcendente ou o tempo da história”¹⁵⁹. Trata-se do “tempo vivido”, do tempo do cotidiano, das velocidades das ações que tangenciam diretamente o sujeito e suas práticas diárias, tanto em seus movimentos de aceleração quanto de desaceleração, o que pressupõe a mobilidade de seus

¹⁵⁹ SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, op. cit., p. 9.

corpos e qualifica o ritmo de seus afazeres. Sobre os estratos temporais, nos remetemos à tese de Reinhart Koselleck, segundo a qual estariam em contínua interação camadas temporais do passado, presente e futuro, tal como a acepção histórica desses termos.

Ao refletirmos sobre a capacidade do *slow* para mobilizar temporalidades e estratos temporais distintos em prol de um projeto único, podemos dizer que a desaceleração não é o propósito maior do movimento. Segundo alguns de seus críticos, a sua finalidade real consiste na utilização deste discurso pró-desaceleratório a fim de promover a eficácia de suas estratégias de lucro e inserção, como mais uma nova fatia de mercado.

Em síntese, os tempos empregados no *slow* são múltiplos e, sem dúvida, divergentes. Porém, mesmo sendo dessincronizados, funcionam de maneira simbiótica, o que tem garantido a continuidade do movimento e a sua propagação em uma dimensão que abrange atualmente quase todo o planeta. Se considerarmos os seus desdobramos, encontramos nas *città slow*, cidades devagar, ou ainda “cidades do bem viver”, um bom exemplo de como as multitemporalidades presentes no *slow* têm sido instrumentalizadas para diferentes fins. Alicerçadas segundo os fundamentos do discurso oficial da organização, as *città slow* são responsáveis também por desenvolverem um importante papel nos projetos *Slow Food*, já que correspondem a lugares de pequeno porte onde, do mesmo modo, procura-se preservar as tradições locais, principalmente referentes à culinária e ao bom convívio.



Figura 2 - Logo *Slow Food* e Logo *Citta Slow*. Fontes: Respectivamente: <http://slowfoodshoalhaven.com.au/> e <http://www.cittaslow.org/>

Espaços que, com a condição de não ultrapassarem cinquenta e cinco mil habitantes, partem do princípio de que o uso do instrumental tecnológico disponível é benéfico na reestruturação de cidades onde se queiram preservar ritmos menos frenéticos e com índices de qualidade de vida mais positivos. Assim, a elaboração de projetos para revitalização de espaços urbanos, somada à instalação de meios de transportes ultramodernos e rápidos, coexiste com a prática de caminhadas e o uso mais frequente de bicicletas como meios de locomoção

alternativos e saudáveis com o propósito de promoverem o bem-estar coletivo e estimularem índices mais altos de desenvolvimento social¹⁶⁰.

As primeiras cidades lentas foram fundadas em Bra, na Itália, em 1999. Atualmente esse projeto conta com a adesão de trinta países que, juntos, somam um total de duzentas e cinquenta e duas *città slow* espalhadas pelo globo¹⁶¹. Lembrando que na América Latina há apenas uma *città slow*, que é a cidade de Pijão, na Colômbia, ocorrendo o mesmo em todo o continente africano, que é o caso da cidade de Sedgefield, situada na África do Sul. Para se ter uma ideia de como funcionam as multitemporalidades nas *città slow*, transcrevemos abaixo parte do conteúdo localizado em seu site oficial:

Viver bem significa ter a oportunidade de desfrutar de soluções e serviços que permitam aos cidadãos viver a sua cidade de uma forma fácil e agradável.

Viver devagar significa ser lentamente apressado; A “festina lente” como os latinos costumam dizer, buscando todos os dias a “contrapartida dos tempos modernos”, ou seja, buscando o melhor do conhecimento do passado e aproveitando-o graças às melhores possibilidades do presente e do futuro.

Tudo isso resultará em oportunidades tecnológicas, soluções modernas em comunicação, transporte, entrada, produção e venda. [...]

O movimento Slow Cities promove o uso de tecnologia orientada para a melhoria da qualidade do meio ambiente e do tecido urbano e, além disso, a salvaguarda da produção de alimentos e vinhos exclusivos contribuem para o caráter da região¹⁶². (Tradução nossa)

Nota-se que o foco é a implementação de políticas públicas de desenvolvimento e manutenção do bem-estar social que não negam a utilização da velocidade adquirida por intermédio das mais avançadas tecnologias como meio para alcançar a qualidade de vida desejada coletivamente. O que de início pode aparentar uma contradição, se manifesta em uma relação de ação e consequência, mediante a qual a apropriação da velocidade das tecnologias de ponta permite o resgate e/ou a aquisição de maneiras mais equilibradas de experiência do tempo e de satisfação social. Segundo citado no livro *Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto à velocidade*, de Carl Honoré,

¹⁶⁰ No caso da substituição dos transportes tradicionais pelo uso de bicicletas como meio de locomoção oficial, a Holanda é internacionalmente conhecida como um grande exemplo. Neste país 8 cidades são consideradas cidades do bem viver. Disponível em: <http://www.cittaslow.org/network/dutch-national-network> Acesso em 12 de janeiro de 2018.

¹⁶¹ Fonte: <http://www.cittaslow.org/>

¹⁶² Disponível em: <http://www.cittaslow.org/content/philosophy>. Acesso em: 17 de janeiro de 2018. Grifo nosso. No original: “Good living means having the opportunity of enjoying solutions and services that allow citizens to live their town in an easy and pleasant way. Living slow means being slowly hasty ; “festina lente” latins used to say, seeking everyday the “modern times counterpart” in other words looking for the best of the knowledge of the past and enjoying it thanks to the best possibilities of the present and of the future. All of this will result in technological opportunities, modern solutions in communication, transportation, incoming, production and selling. [...]The Slow Cities movement promotes the use of technology oriented to improving the quality of the environment and of the urban fabric, and in addition the safe-guarding of the production of unique foods and wine the contribute to the character of the region”.

Apesar de ansiarem por tempos mais calmos e amenos, os militantes da *Città Slow* não renegam o progresso. Ser devagar não quer dizer ser apático, atrasado ou ter fobia de tecnologia. Sim, o movimento quer preservar as tradições arquitetônicas, artesanais e culinárias. Mas também celebra o que há de melhor no mundo moderno. Uma cidade do bem viver faz sempre a pergunta: Será que isto contribui para melhorar a nossa qualidade de vida? Se a resposta for positiva, a cidade adota. E isto se aplica também às mais novas tecnologias¹⁶³.

Tendo em vista o caráter multitemporal do movimento *slow* e o fato desta questão não ser abordada de forma clara e analítica em seus documentos oficiais, formulamos algumas críticas, assim como aprofundamos outras sobre as quais têm se debruçado alguns de seus contestadores. Um primeiro ponto que gostaríamos de citar diz respeito à insistência do *slow* em negar a importância da aceleração, da qual ele mesmo necessita. De acordo com este ponto de vista, a oposição presente no manifesto *Slow Food* quanto à *fast life* precisa ser matizada.

Se o próprio movimento se enquadra nos usos dos instrumentais tecnológicos que qualificam uma vida acelerada por que então querer execrá-la? Uma questão que nos parece propiciar um aprofundamento sobre essa postura ambígua se refere a buscarmos entender as finalidades concretas que orientam as críticas do *slow* quanto à aceleração. Um dos apontamentos mais ressaltados pelos estudiosos e críticos do movimento quanto a esta questão tem sido a investigação das motivações econômicas que subjazem o seu discurso revolucionário.

Atentando para o panorama histórico a que se remetem as primeiras linhas do manifesto é possível verificar que não se trata de uma crítica ao estilo *fast life* apenas. O que se observa não é uma contestação à vida rápida forjada em paralelo com a ascensão do paradigma fordista. De igual modo, a oposição citada não se direciona à velocidade dos fluxos de capital e à mobilidade de indivíduos, bens e serviços, advindos da ordem neoliberal implementada nos anos 1980. Ou indo além, a crítica à aceleração presente no documento não tem como objetivo atacar a revolução digital em estágio hiperacelerado atualmente. A objeção à aceleração encontrada no manifesto *Slow Food* focaliza outras questões. O objeto principal de suas críticas é outro, bastante específico.

A motivação fundamental de seus protestos é o modelo de vida resultante da industrialização, culpada por moldar as sociedades em função de um permanente estado de pressa, sendo conseqüentemente responsável pela profunda destruição dos hábitos privados, diga-se, circunscritos ao núcleo da sociabilidade familiar. Segundo suas linhas,

¹⁶³ HONORÉ, Carl. *Devagar*. Como um movimento mundial está desafiando o culto à velocidade. Record, 2005, p. 106.

O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

Somos escravizados pela rapidez e sucumbimos todos ao mesmo vírus insidioso: a *Fast Life*, que destrói os nossos hábitos, penetra na privacidade dos nossos lares e nos obriga a comer *Fast Food*.

Retomando o trecho acima, observamos que não se trata de uma crítica à indústria apenas, mas especificamente à indústria alimentícia, desde os seus primórdios, sua consolidação e perpetuação. Dentre os argumentos contra ela elencados, destacam-se o seu caráter homogeneizante, seu incentivo a uma crescente diminuição da prática culinária doméstica, o fato de ser potencialmente nociva ao meio-ambiente (uso de pesticidas e agrotóxicos, a chamada “revolução verde”) e, por fim, e como desdobramento desses fatores, os perigos que ela representa para a saúde humana. Em amplo sentido: suas maléficas consequências tanto físicas – quando alimentos considerados suspeitos podem resultar em problemas de saúde a médio e longo prazo – quanto psicológicas – quando a ausência do convívio entre pares nas práticas alimentares resulta, segundo os defensores *slow*, no empobrecimento da sociabilidade e na frouxidão dos vínculos que seriam responsáveis pelo prazer e bom desfrute do tempo.

De acordo com Luca Simonetti, conhecido pesquisador e crítico italiano sobre o *Slow Food*, a principal meta do movimento é acabar com a produção industrial agrícola¹⁶⁴. Referindo-se a Petrini, ele destaca quando o presidente da associação diz que “o que nós precisamos é ‘*des-industrializar*’ a agricultura”¹⁶⁵. Um dos pontos observados por Simonetti é a abominação do *Slow Food* em relação à industrialização agrícola, no sentido de um generalizado não reconhecimento de seus benefícios. Isso explica o porquê de o movimento nunca mencionar o papel da indústria no aumento exponencial da produção alimentícia e no barateamento da comida. Realidade esta que foi capaz de garantir mais amplo acesso à alimentação, principalmente aos que a dispunham de maneira mais deficitária, ou seja, os trabalhadores, as camadas mais pobres da população.

Se “Em nome da produtividade, a *Fast Life* mudou nossa forma de ser e ameaça nosso meio ambiente”, ela também proporcionou melhoramentos, com destaque para a ciência e a técnica, encarregadas de impulsionar novos horizontes de expectativas. Tais transformações reverberaram na engenharia alimentícia que, em decorrência de um processo de aperfeiçoamento contínuo, deixou de depender apenas das contingências

¹⁶⁴ SIMONETTI, Luca. *The Ideology of Slow Food*, *op. cit.*, p. 176.

¹⁶⁵ PETRINI, Carlo, 2005 apud SIMONETTI, Luca. *Ibid.*. Tradução nossa. No original: “[...] what we need is to ‘de-industrialize agriculture’”.

naturais, passando a oferecer novas alternativas, dentre as quais a chance de mitigar os longos períodos de fome com os quais constantemente a população precisava lidar. Citamos, nesse caso, o aprimoramento dos modos de plantio, as tecnologias químicas desenvolvidas para tratar de problemas como pragas e escassez de sementes.

É inegável que tais mudanças também trouxeram consequências negativas, como o uso abusivo de pesticidas extremamente tóxicos para o ser humano e o meio ambiente e também a questão dos transgênicos que ainda hoje levanta diversos questionamentos quando às suas consequências para a nossa saúde e a de gerações futuras. No entanto, o que desejamos frisar é que, mesmo com tantas consequências adversas, seria um equívoco negar a importância do desenvolvimento da indústria alimentícia nos seus pontos favoráveis, nos quais se constitui o emprego da aceleração com finalidade produtiva e de consumo de maior alcance.

Um problema crucial no discurso oficial do *Slow Food* apontado por Simonetti é a sua supervalorização de um tempo idílico, de práticas passadas que, em grande parte, nunca existiram da forma categórica e abrangente como postula o movimento. A isto o autor se refere às suas análises históricas que indicam que a ideia de convivialidade e contemplação do tempo à mesa sempre foram prerrogativa das classes mais abastadas. Cabendo aos pobres, aos agricultores e artesãos, o que quer que houvesse de disponível para comer, sem exclusividade de tempo ou produto.

Deste modo, incluindo o caso italiano, comer bem sempre foi uma regalia de poucos. Durante muito tempo, privilégio da nobreza, que, não esqueçamos, consumia, sobretudo, produtos vindos de outras regiões, como especiarias e demais alimentos exóticos. Com o surgimento da burguesia, a situação não foi diferente. O *mangiare bene* continuou sendo um atributo das classes mais favorecidas. Algo que corresponde à lógica de que o alimento produzido localmente, de maneira tradicional, e adquirido de forma escassa (devido as práticas de cultivo, intempéries e pragas) era destinado aos sujeitos e famílias despossuídos, não somente na Itália, mas em todo o continente europeu. Segundo entrevista concedida por Simonetti,

Historicamente é completamente errado atribuir à tradição folclórica italiana hábitos que até recentemente eram apenas atribuídos a um círculo limitado de pessoas abastadas: porque, é claro, falar de refeições saudáveis, alimentação saudável e saborosa e jantares em boa companhia, para os camponeses da Itália não diremos pré-industriais, mas mesmo antes da segunda guerra mundial, não passa de uma fantasia muito desinibida¹⁶⁶. (Tradução nossa)

¹⁶⁶ PASCALE, Antonio. *Slow Food: Un saggio per capirne la connotazione politica*. Limes – *Rivista Italiana di Geopolitica*. 26 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.limesonline.com/rubrica/slow-food-un-saggio-per-capirne-la-connotazione-politica>. Acesso em: 22 de jan. de 2019. No original: “[...] storicamente è del tutto errato

Assim sendo, constatamos que o *Slow Food* não reconhece quaisquer resultados positivos do processo de industrialização alimentícia e, por isso, em seu lugar, propõe como alternativa o retorno a práticas agrícolas “naturais” e ao ato de comer de modo desacelerado. Sobre esta afirmativa, já falamos acerca do caráter mítico que configura a imaginação de uma tradição alimentar lenta, saudável e disponível a todos. O que nos interessa agora é falar sobre a condição imprescindível de ser natural, como critério de qualidade alimentar defendida pelo movimento.

Sendo uma das mais antigas atividades humanas, a agricultura, tal como consenso no debate científico-antropológico, caracteriza-se, desde seu surgimento, como um modo de intervenção do homem na natureza. Em termos mais claros, a agricultura, como agência do homem sobre o meio em seu entorno, nunca foi uma atividade natural, ainda que seja inegável que os efeitos da revolução industrial no meio ambiente foram e continuam sendo mais profundos que a ingerência humana na natureza em momentos anteriores.

Por conseguinte, uma das incongruências percebidas por Simonetti encontra-se na observação de que o objetivo do *slow* é, na verdade, defender um estado não apenas pré-industrial, como também pré-agrícola. Trata-se novamente de uma perspectiva construída sob a máxima de um tempo idealizado, uma ucronia. Ao opor-se ao processo de desenvolvimento agrícola, dotado de incontáveis fases e transformações que, de fato, não se pode negar, continuam carecendo de revisão (a teoria do Antropoceno reflete um bom avanço dos estudos nessa direção), o *slow* se propõe a um tempo na contramão do tempo histórico.

É preciso concluir que a agricultura - como a maioria das atividades humanas - é uma intervenção artificial na natureza, uma alteração dela e até mesmo uma violência em relação a ela. [...] "Naturalidade" não existe. Por outro lado, para o SF, a agricultura tornou-se "pouco natural" apenas recentemente, com a revolução verde, ou seja, após o triunfo da química (na forma de fertilizantes, pesticidas) e "insumos estranhos aos ecossistemas milenares". [...] A verdade é que não há produtos agrícolas "adequados aos seus ecossistemas originais" porque não há ecossistemas agrícolas originais. Os produtos da agricultura e da criação são os mais globalizados na terra¹⁶⁷. (Tradução nossa)

O que o SF está pensando não é a agricultura orgânica, mas sim a agricultura 'tradicional' - retornando a métodos e técnicas preexistentes (Dizionario SF,

attribuire alla tradizione popolare italiana abitudini che fino a tempi recentissimi sono state proprie solo di una ristretta cerchia di gente agiata: perché certo parlare di pasti abbondanti, di alimentazione sana e gustosa e di desinare in lieta compagnia, per i contadini dell'Italia non diremo preindustriale, ma anche solo anteriore alla seconda guerra mondiale, è nient'altro che una fantasia assai disinvolta”.

¹⁶⁷ SIMONETTI, Luca. *The Ideology of Slow Food*, op. cit., p. 174 – 175. No original: “one must conclude that agriculture – like most human activities – is an artificial intervention in nature, an alteration of it and even a violence towards it [...] ‘naturalness’ does not exist. Conversely, for SF, agriculture became ‘unnatural’ only recently, with the green revolution, i.e. after the triumph of chemistry (in the shape of fertilizers, pesticides) and ‘inputs foreign to millennial ecosystems’. [...] The truth is that there are no agricultural products ‘well suited to their original ecosystems’ because there are no original agricultural ecosystems. The products of agriculture and breeding are the most globalized on earth”.

'Agricultura') - o que, embora não exclua toda inovação em princípio, está, no entanto, uma estrutura social considerada imutável. A própria ideia de uma agricultura "tradicional", no entanto, como a de uma agricultura "natural", está errada, dado que a história da agricultura é uma sucessão quase ininterrupta de revoluções e inovações. Portanto, estamos diante do paradoxo de um movimento que se opõe ao industrial e à agricultura intensiva, porque é incapaz de resolver o problema da fome, apenas para colocar em seu lugar uma agricultura que produziria ainda menos, ou (para manter pelo menos aproximadamente o nível atual de produção) causaria enormes danos ambientais devido à necessidade por desmatamento generalizado¹⁶⁸. (Tradução nossa)

Em termos teóricos, o espaço de experiência ativado pela memória do *Slow Food* se remete a um passado sem existência real, a um passado imaginado. Por outro lado, o seu horizonte de expectativas se concentra no medo da falta, da ameaça que o futuro representa para espécies alimentares, bastante específicas, sob risco de desaparecimento. Ou seja, sem um projeto para o futuro, o *slow* reage a este ativando formas particulares de compreender o passado. Assim, o espaço de experiência e o horizonte de expectativas do *Slow Food* se encontram muito próximos, sendo aquele sempre retomado a fim de que justificar o seu olhar e o seu receio sobre este.

Constatamos, pois, uma intercessão a favor de um tempo imóvel. Pelo menos, no que se refere à agência humana sobre o cultivo, produção e distribuição de alimentos. Tal questão ainda nos leva a um outro ponto, qual seja, a crença inabalável na tradição, como se costumes não fossem passíveis de mudanças, adaptações. Quando o *Slow Food* retoma o argumento a favor do retorno aos hábitos e às tradições da culinária local, com produtos típicos e segredos repassados de geração a geração, ignora que também fazem parte da atividade humana, o trânsito, a troca de conhecimentos e o comércio de mercadorias desde tempos imemoriais.

Não apenas isso, mas uma outra questão que o movimento parece evitar é a confrontação com o atual nível de individualização e racionalização que configuram essa nova fase da modernidade. Partindo da abstenção a este tipo de confronto, o *slow* incorre no erro ou na ingenuidade de supor que uma sociedade igualitária é algo que depende apenas da vontade do indivíduo, apontando o *Slow Food* como o caminho certo para a sua viabilização.

Considerando todos esses fatores, Simonetti ousa dizer que “a grande novidade proposta por SF é nada menos que um retorno à sociedade primitiva, na qual instituições como o *potlatch*

¹⁶⁸SIMONETTI, Luca. *The Ideology of Slow Food*, op. cit., p. 176. No original: “What SF is thinking of is not organic farming but rather ‘traditional’ agriculture – returning to pre-existing methods and techniques (*Dizionario di SF*, ‘Agricultura’) – which, although it does not exclude all innovation in principle, is nonetheless embedded in a social structure considered to be immutable. The very idea of a ‘traditional’ agriculture, however, like that of a ‘natural’ one, is wrong, given that the history of agriculture is an almost uninterrupted succession of revolutions and innovations. Therefore we are facing the paradox of a movement that objects to industrial and intensive farming because it are unable to solve the hunger problem, only to put in its place an agriculture that would produce even less, or (in order to maintain at least approximately the present level of output) would cause enormous environmental damage due to the need for widespread deforestation.”

e o presente representam a base do sistema socioeconômico”. Algo que, de fato, não parece muito distante da presunção de exequibilidade de uma sociedade que, segundo Petrini, esteja disposta a “dar sem pedir, mas ter a certeza da volta porque estamos no mesmo nível, [...] conscientes da existência de limites e tendo o cuidado de não ultrapassar apenas esses limites a fim de ganhar dinheiro e perder a humanidade”¹⁶⁹.

Outro problema que tange essa discussão localiza-se na impossibilidade de imaginarmos alimentos que sejam regionalmente genuínos. Isso seria o mesmo que negar, no escopo da modernidade, a amplitude alcançada pela mobilidade de pessoas e mercadorias e, portanto, as trocas, que se tornaram cada vez mais possíveis devido à aceleração. Relembrando Koselleck, um dos resultados do desenvolvimento das técnicas aplicadas ao transporte foi a elaboração de uma nova noção de espaço, novas maneiras de se pensar o perto e o longe, o encurtamento do tempo e o aumento de possibilidades transacionais. Ao progressivo “encolhimento do espaço”, somou-se a intensificação de intercâmbios, fazendo da mudança, especialmente aquela acelerada, uma das mais relevantes características daqueles novos tempos em que contatos inéditos eram possíveis e o compartilhamento de ideias e saberes alcançavam cada vez mais uma dimensão global.

E não existem produtos e tradições imutáveis. Nós gostamos de acreditar em produtos típicos, como resultados de tradições antigas. Mas eles são mitologias. [...] Não é que esse discurso sobre as tradições no final também diz respeito aos nossos migrantes? Eles, chegando à Itália, perturbaram ou não perturbaram os costumes? Entre outras coisas, eles são os principais consumidores de fast food ou kebab. [...]O que você faz nesses casos? Você coloca barreiras? Em suma, a ideologia do *Slow Food* não parece diferente das muitas que nos cercam, e todas são baseadas em um truque: desafiam a modernidade e os produtos obtidos a partir dela e, ao mesmo tempo, aproveitam seus benefícios¹⁷⁰. (Tradução nossa)

Do mesmo modo, Simonetti ainda provoca,

Promover o consumo de produtos típicos italianos e, ao mesmo tempo, exigir que eles sejam consumidos apenas localmente. Cebola Tropea apenas em Tropea? E eu moro em Roma? Dirijo centenas de quilômetros de carro para comer no local? Se as montanhas não forem para Muhammad...¹⁷¹(Tradução nossa)

¹⁶⁹ SIMONETTI, Luca. *The Ideology of Slow Food*, *op. cit.*, p. 178.

¹⁷⁰ PASCALE, Antonio. *Slow Food: Un saggio per capirne la connotazione politica*, *op. cit.* No original: “E non esistono prodotti e tradizioni immutabili. A noi piace credere nei prodotti tipici, come risultati di antichissime tradizioni. Ma sono mitologie. [...]Non è che questo discorso sulle tradizioni alle fine riguarda pure i nostri migranti? Loro, arrivando in Italia, sconvolgono o non sconvolgono i mores? Tra l’altro sono i principali consumatori di fast food o di kebab. [...]Che si fa in questi casi? Si mettono barriere? Si grida al barbaro consumista e omologato? Insomma, l’ideologia di Slow Food non sembra diversa dalle tante che ci circondano, e che si basano tutte su un trucco: contestare la modernità e i prodotti da questa ottenuti e nello stesso tempo sfruttare i vantaggi”.

¹⁷¹ PASCALE, Antonio. *Slow Food: Un saggio per capirne la connotazione politica*, *op. cit.* No original: “promuovere il consumo dei prodotti tipici italiani e contemporaneamente pretendere che questi vengano consumati solo localmente. La cipolla di Tropea solo a Tropea? E io che abito a Roma? Mi faccio in macchina centinaia di chilometri per mangiarla in loco? Se la montagna non va da Maometto...”

Outro ponto que nos chama à atenção durante a leitura do manifesto é a sua devoção direcionada essencialmente para a qualidade da comida e o seu deleite – “as doses apropriadas de prazer sensual [...] e lento” – que não possui qualquer correspondência real com uma preocupação quanto à quantidade do alimento ofertado. O que, com efeito, o *Slow Food* se propõe a oferecer é uma alternativa alimentar cara e de difícil acesso que, apesar de projetos como o das Dez mil hortas na África, pouco se demonstra, de fato, comprometido com os debates acerca do problema mundial de combate à fome. Em tom sarcástico, porém pertinente, Simonetti afirma,

Como alguém pode reivindicar seriamente alimentar o mundo com banha de Colonnata, cordeiro Zeri, lentilhas Ustica ou morangos Tortona (para não mencionar as douradas corcundas de Pianalto di Poirino ou a galinha branca Saluzzo), lavando tudo isso com uma garrafa de Barolo? ou Sciacchetra?¹⁷² (Tradução nossa)

A partir desses apontamentos, notamos que o *Slow Food* se escusa a compartilhar da noção de modernidade como característica de um tempo orientado pelo e para o progresso mediante a instrumentalização e a experiência da aceleração. Quando no manifesto é citado que “O Homo sapiens, para ser digno desse nome, deveria libertar-se da velocidade antes que ela o reduza a uma espécie em vias de extinção”, verificamos uma tentativa notória de qualificar a rapidez como sinônimo de insensatez, descontrole, ou simplesmente, um caminho sem retorno rumo à irracionalidade. Curiosamente, o oposto do modo como a aceleração foi concebida pelos relatos, testemunhos e vestígios deixados pela modernidade na história. A aceleração só aparece como bem-vinda para o movimento, ou seja, como sinônimo de progresso e desenvolvimento – no exemplo mais claro da globalização – quando o que está em questão é a manutenção de estratégias para a sua promoção.

Complementar ao raciocínio acima exposto, ainda não se verifica nas arguições do *Slow Food* qualquer tentativa de diferenciação das experiências temporais e sociais que constituem a modernidade. A modernidade aparece como uma só, homogênea. Sendo identificada de modo simplista apenas pelo advento da industrialização. Tanto em seu texto oficial de abertura de 1989, quanto em seus mais recentes documentos publicados online, a noção de modernidade é apresentada como destituída de qualquer distinção. Ser moderno, para o *Slow Food*, é ser industrializado, viver acelerado. De acordo com o movimento, a única experiência temporal

¹⁷² SIMONETTI, Luca. *The Ideology of Slow Food*. op. cit., p. 173. No original: “How could one seriously claim to feed the world with Colonnata lard, Zeri lamb, Ustica lentils or Tortona strawberries (to say nothing of the gilded hunchbacked tench of Pianalto di Poirino or the Saluzzo white hen), washing all that down with a bottle of Barolo or Sciacchetra?”

que qualifica a modernidade é a aceleração, encarada como a angústia de um contínuo frenesi. Não há nenhuma outra cadência temporal apresentada a não ser essa. Para o *slow*, a aceleração reina soberana, portando hoje os mesmos atributos, que lhe definiam há duzentos anos ou mais.

Entretanto, como já buscamos demonstrar, o problema principal para o *slow* não é a aceleração em si. Mas, sim, quando essa chega à mesa. Para as demais instâncias, a aceleração não aparece como uma questão. Ao nos depararmos com a afirmativa, “Nossa defesa deveria começar à mesa com o *Slow Food*”, reconhecemos a razão de o movimento não questionar outras práticas da vida acelerada moderna. Afinal, o *Slow Food* necessita delas, das temporalidades diversas da simultaneidade do não simultâneo, para que possa seguir adiante. Tanto a desaceleração, quanto a aceleração são empregadas pelo *slow* não como noções opostas, mas, de modo contrário, com a metáfora de uma bateria que necessita do lado positivo e negativo para que possa funcionar e dar vida a toda uma engrenagem.

Ao incentivar a preservação e a apreciação da comida local, o *slow* injeta nas práticas cotidianas dos pequenos produtores, artesãos, *chefs* de cozinha e auxiliares novos ritmos de trabalho, já que uma das propostas da associação é fomentar o turismo gastronômico. Numa conta matemática simples, o aumento da demanda pela comida lenta, requer trabalho acelerado.

Somos então levados a supor que a única lentidão real no *slow* repousa na mente e no exercício de contemplação do consumidor, sob o cálculo da fetichização do consumo de um alimento exclusivo, caro e, que segundo ele imagina, foi produzido de maneira lenta, sem maiores custos adicionais. Isto posto, talvez, seja possível dizer que a única temporalidade genuína no *slow* seja a própria aceleração, tendo em vista que esse é o *background* sobre o qual, de antemão, o movimento se assenta.

2.2.2 Desacelerar para produzir mais.

Em nossa análise sobre o *slow*, podemos ainda desvelar um outro lado do movimento, segundo parece, pouco estudado até o momento¹⁷³. Referimo-nos ao fato de que a desaceleração no *slow* – neste caso consideramos os diversos desdobramentos do movimento - aparece como a outra face de uma mesma moeda, ou seja, o outro lado da própria aceleração. Essa constatação encontra-se diretamente associada à lógica do sistema de aceleração social autoalimentada trabalhada por Hartmut Rosa. Ao propor a desaceleração, o que no texto de Carl Honoré é

¹⁷³ Apenas no livro *In the meantime*, de Sarah Sharma foi possível encontrar apontamentos sobre o assunto.

mostrado como a busca pelo tempo equilibrado, o *slow* corrobora com a permanência da reprodução da velocidade: ir devagar para produzir mais e melhor.

De acordo com as análises de Pierre Dardot e Christian Laval, as sociedades ocidentais da modernidade tardia qualificam-se por serem direcionadas para o desempenho ininterrupto, fator essencial para manutenção da concorrência como condição vital da continuidade da ordem neoliberal¹⁷⁴. Mas como condicionar um organismo limitado, suscetível a doenças e às fragilidades decorrente dos anos a um desempenho permanente e sem baixas? Desacelerando. A produção de pequenas pausas e de momentos específicos para a exercitar a lentidão, surgem como a garantia de uma performance ainda melhor e mais produtiva *a posteriori*. Logo, a desaceleração defendida pela filosofia devagar, pode ser compreendida, segundo salienta Rosa, como mais uma “necessidade funcional de sociedades aceleradas do que uma reação ideológica a isso¹⁷⁵”.

Alguns exemplos dessa lógica produtiva podem ser encontrados em observações bastante simples. Ao participarem de aulas de yoga, ao recolherem-se em refúgios de contemplação da lentidão ou ao se apropriarem de técnicas de descanso voltadas para o aumento de suas performances criativas ou de energia dinâmica, os sujeitos identificados com o *slow* estão, na verdade, reforçando o sistema de aceleração social, a partir de iniciativas individuais. Logo, estas estratégias de desaceleração não objetivam outra coisa, senão o aumento produtivo mediante a revalidação da necessidade do descanso físico e mental. É assim que, para Rosa, as práticas *slow* equivaleriam a uma “limitada ou temporária forma de desaceleração”.

Percebe-se que mais do que uma mudança substancial, o objetivo das variantes *slow*, consideradas de maneira geral, dá-se em função do prazer (da apreciação do tempo leve, descompromissado, do descanso, da degustação do exótico) e, conforme já insinuado, da criação de novos nichos de mercado. Segundo Honoré, “Os ativistas do Devagar não estão empenhados em destruir o sistema capitalista. O que pretendem é *dotá-lo de uma face humana*”¹⁷⁶. Deste modo, compreendemos que ao contrário de um ativismo radical e inovador, o movimento *slow* se enquadra nas estruturas de repetição que comportam o sentido aceleratório das sociedades hiperaceleradas na modernidade tardia.

¹⁷⁴ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. “A fábrica do sujeito neoliberal”, in: *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹⁷⁵ ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*. Social acceleration, power and modernity, *op. cit.*, p. 96.

¹⁷⁶ HONORÉ, Carl. *Devagar*. Como um movimento mundial está desafiando o culto à velocidade, *op. cit.*, p. 28-29.

No que se refere à apropriação de novas fatias de mercado vemos, por exemplo, que o interesse do *slow* em criar e estimular novas modalidades de consumo não se atém à defesa de que o alimento seja somente produzido de maneira orgânica ou “ecologicamente correta”. O *slow* se diferencia por uma qualidade a mais: a comida que leva o seu rótulo obrigatoriamente precisa ter sido produzida de maneira lenta, em respeito a determinadas particularidades locais e sazonais. Trocando em miúdos, o consumidor *slow* se distingue do chamado consumidor consciente por um critério adicional, o tempo. É este nicho de mercado que o movimento se propõe a construir.

Esta observação nos leva a perceber quão favorável é a organização internacional *Slow Food* com a consolidação e permanência das estruturas mercadológicas que caracterizam o capitalismo global. Isso significa dizer que, diferente de apenas sugerir formas de consumo consciente, o movimento reforça, na verdade, o aumento da ordem consumista, ao criar ainda mais produtos e ofertá-los no mercado. Não a todos, mas àqueles que podem pagar.

O *slow*, seja *Slow Food*, *slow living* ou qualquer outra vertente, é uma marca registrada, possui um logotipo. Insere-se, portanto, na lógica das estratégias de venda e publicidade, uma vez que seus discursos e slogans estimulam o surgimento de um novo perfil de clientes. Em outras palavras, o *slow* não deixa de ser um negócio. E o seu golpe de mestre é justamente se apresentar como um elixir para mentes e mãos ansiosas. Algo que se encontra de sobra em nossos dias.

Por fim, as estruturas de repetição de cunho mercadológico que podem ser observadas nos entremeios das práticas *slow* revelam o seu acordo tácito de manutenção dos sistemas de produção e consumo que caracterizam não apenas o *modus operandi* do sistema capitalista, como também a permanência das desigualdades sociais a ele inerentes. Afinal, em um ambiente com temporalidades tão diversas, não são todos que possuem o privilégio de desacelerar quando e como quiserem. Esta questão nos direciona a pensar nas relações entre tempo e poder que delineiam as performances multitemporais responsáveis por garantir, na prática, a subsistência desses mais de trinta anos de movimento.

CAPÍTULO 3: O BRASIL É O PAÍS DO FUTURO¹⁷⁷

Se o ano de 1989 foi determinante para a aventura *Slow Food* mundo afora, 2007 foi, sem sombra de dúvida, um marco para a associação em terras tupiniquins. Entre os dias 04 e 07 de outubro deste ano ocorreu o evento Terra Madre Brasil, no espaço ExpoBrasília, na capital federal. Este foi o maior Terra Madre produzido fora da Itália. De importância vital para o *Slow Food* no que se refere à implementação de um espaço de experimentações, trocas e saberes, o evento foi promovido no Brasil junto à IV Feira Nacional da Agricultura Familiar e Reforma Agrária, realizada na mesma data. Com entrada gratuita e o comparecimento de mais de 480 expositores, a ocasião contou com a participação de representantes dos mais diversos biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado, Pampa, Mata Atlântica e Caatinga. Um momento de festa, cuja maior celebração, seguramente, apontou para a demonstração real do acordo de parceria entre a Associação Internacional *Slow Food* e o governo brasileiro, mais especificamente sob a chancela do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)¹⁷⁸.

Entusiasmada pelos projetos sociais do presidente recém empossado, Luís Inácio Lula da Silva, sobretudo, pelo programa Fome Zero, a comissão italiana do movimento apresentou-se como aliada, disposta a auxiliar, principalmente em projetos de incentivo à produção e ao consumo de alimentos provenientes da agricultura familiar. Destacou-se também o seu interesse na proteção da biodiversidade brasileira, tendo como ponto de partida o propósito de promover ainda mais os alimentos nacionais sob risco de extinção, catalogando-os na Arca do Gosto¹⁷⁹.

O evento ocorrido em 2007 foi resultado de um pacto de ajuda mútua firmado em agosto de 2004 entre o MDA e a Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade. Não apenas neste acordo, mas em todos os desdobramentos dos primeiros anos do *slow* no Brasil, tem enorme importância o nome de figuras como Miguel Rosseto (Ministro do Desenvolvimento Agrário), Humberto Oliveira (Secretário do Desenvolvimento Territorial) e, especialmente, José Graziano da Silva (Ministro do Ministério Extraordinário da Segurança Alimentar e combate à Fome - MESA)¹⁸⁰.

O que convém ressaltar para essa pesquisa é a estreita relação firmada pelo compromisso de cooperação entre o *Slow Food* e o Governo, conforme apontado por Gentile, “um caso único

¹⁷⁷Referência à canção 1965 (Duas tribos) do grupo de rock da capital federal, Legião Urbana.

¹⁷⁸Disponível em: <http://www.mma.gov.br/informma/item/4385-mma-participa-da-abertura-do-1-terra-madre-brasil.html>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.

¹⁷⁹Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/mda-faz-parceria-com-organiza%C3%A7%C3%A3o-internacional-para-promover-produ%C3%A7%C3%A3o-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 16 de março de 2019.

¹⁸⁰ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais, *op. cit.*

na história do movimento”¹⁸¹. Este fato nos permite alguns questionamentos que serão basilares para as investigações deste capítulo. O primeiro deles é: por que neste momento, e não antes, o *slow* teria se aproximado do Brasil, uma vez que a diversidade tanto material quanto imaterial da culinária brasileira já era conhecida internacionalmente desde longa data? Quais foram os elementos favoráveis para a recepção do *Slow Food* no país durante este período?

A fim de esboçarmos algumas respostas para essas questões atentaremos um pouco mais para as teorias do tempo analisadas nos capítulos anteriores. Tomaremos como recorte temporal a chegada oficial da associação ao Brasil, em 2004, até os dias atuais. Tendo em mente as teses contempladas anteriormente, como o *Slow Food* nos ajuda a compreender melhor as experiências temporais no Brasil dos últimos anos? De que forma a presença do movimento em território nacional nos auxilia a entender o fenômeno da aceleração no caso da idiosincrasia brasileira? Até que ponto dizer que o mundo ocidental está acelerando é uma premissa válida para o Brasil? É possível enquadrar o conteúdo das experiências temporais vivenciado no nosso país em diagnósticos de autores europeus? Essas são as indagações que nos orientarão daqui por diante.

Mas, antes de darmos início a esta empreitada, nos sobressai um outro interesse, complementar ao já exposto, a fim de que possamos aplainar o terreno para as questões supracitadas. Meditaremos primeiramente acerca das relações entre tempo e poder que marcam, não somente as instâncias macro, como é o exemplo da interação entre o governo brasileiro e o *Slow Food*, como também as dinâmicas de aparência microscópica que tangenciam as ações dos destinatários dos programas da associação no Brasil.

Nosso intento preliminar é problematizar as relações entre tempo e poder que perfazem as relações entre os atores que dão vida ao movimento *Slow Food*: pequenos agricultores, artesãos, produtores locais, líderes de convívios e *chefs*. Pensando em escala, iremos do micro ao macro. Das relações que afluem das dinâmicas temporais internas do *slow* no Brasil às possibilidades de se pensar a experiência do tempo na contemporaneidade em âmbito nacional.

Reiteramos, contudo, que o fato de o Brasil possuir dimensão quase que continental, torna impossível uma análise que se queira homogênea e suficiente para abarcar todas as diversas realidades que nos constitui enquanto nação: as performances temporais das grandes cidades, as temporalidades que regem a vida rural ou a apreensão do tempo nas tribos e aldeamentos indígenas. Nesse sentido, entendemos que qualquer tentativa de generalização se apresenta *a priori* como um equívoco que deve ser evitado. Portanto, quando pensamos em

¹⁸¹ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais, *op. cit.*, p. 83.

analisar a experiência temporal da contemporaneidade brasileira, temos em mente, a vida cidadina, sua aparelhagem, seu cotidiano, seu fazer político e social, algo que por si só já nos remete a um quadro imenso de simultaneidades do não simultâneo.

Para esta tarefa, utilizaremos como referencial teórico algumas abordagens de Sarah Sharma quanto às multitemporalidades que integram o universo do trabalho, assim como algumas contribuições de Pierre Bourdieu sobre as dinâmicas presentes nas relações entre tempo e poder.

3.1 Tempo e poder

Dentre os termos e conceitos mais debatidos atualmente com o desígnio de analisar a experiência temporal na modernidade tardia ocidental, cada vez mais ganha destaque a noção de políticas do tempo. Como dito anteriormente, elaborado por Peter Osborne em sua obra *The Politics of Time: Modernity and Avant-Garde*, o termo representa uma possibilidade de problematização das políticas que se referem ao tempo histórico no que concerne à elaboração e a permanência de periodizações e à sua relação com as mudanças sociais¹⁸².

As políticas do tempo se apresentam como uma noção que busca trazer luz às relações entre tempo e poder, compreendendo o tempo social como algo arbitrariamente construído com o propósito de legitimar interesses e a criação e/ou manutenção de determinado *status quo*. Este é o caso, segundo assinala o autor, da elaboração da ideia de modernidade, a qual longe de ser um desdobramento natural do processo histórico, foi um “projeto histórico mundial”¹⁸³.

Percebemos que uma das finalidades da análise do tempo sob sua perspectiva política localiza-se na problematização quanto ao ordenamento linear do tempo histórico, trazendo a ênfase para o questionamento quanto às premissas e às intenções subjacentes à ideia de sincronização do tempo. A estas indagações convergem o papel da História como legitimadora de determinadas genealogias atribuídas aos Estados nacionais, do mesmo modo que a função confiada à educação nesta mesma tarefa. Assim, as políticas do tempo se concentram em trazer à análise não somente os instrumentos utilizados para que o ordenamento de uma dada lógica temporal outrora fosse instituída como oficial, mas também se aplica a dar voz a imaginários temporais de povos que duramente foram silenciados por não se enquadrarem na mentalidade imposta pelo eixo cristão ocidental europeu.

¹⁸² OSBORNE, Peter. *The Politics of Time: modernity and avant-garde*. London: Verso, 1995, p. VIII.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 21.

Ao sublinhar a necessidade de desnaturalizar as periodizações históricas, Osborne destaca a experiência do tempo no que podemos chamar de sua dimensão macro, do tempo enquanto resultado de determinada ordem temporal dominante, no nosso caso, o tempo linear moderno, compreendido pela seta temporal teleológica que orienta o passado em direção ao futuro.

Além de se apresentar como um “projeto histórico mundial”, o tempo moderno caracterizou-se pelo afinco no apagamento de outras imaginações temporais, o que correspondeu à imposição de genealogias estranhas a regiões colonizadas pelo imperialismo euro-americano e que desde os processos de descolonização iniciados em meados do século passado tem sido motivo para investigações e projetos de revisão e resistência.

Um segundo âmbito no qual tem sido crescentemente aplicada a noção de políticas do tempo é o que se refere à relação entre trauma e memória, o que se convencionou chamar de “passados que não passam”. Nesse contexto, as políticas do tempo se apresentam na forma de manifestações contestatórias que se transfiguram no desejo de justiça devido a sofrimentos vivenciados no passado cujas feridas o tempo não pôde apagar. Esse é o caso de indivíduos descendentes de vítimas de torturas, desaparecimentos, assassinatos promovidos por genocídios e ditaduras. No exemplo brasileiro, pode-se citar não apenas os traumas decorrentes da ditadura de 1964, como também os apelos por retratação quanto aos 300 anos de escravidão negra no país. Logo, o termo cunhado por Peter Osborne é utilizado com o objetivo de reparação, para que no presente seja alcançada a justiça por atos executados no passado, sendo esta a condição para que indivíduos e nações possam seguir adiante.

Exemplo interessante de aplicabilidade das políticas do tempo pode ser encontrado no recente artigo de Jérôme Baschet, intitulado *A Historia frente al presente perpetuo. Algunas observaciones sobre la relación pasado/futuro*¹⁸⁴. A partir da análise de textos do movimento neozapatista, o autor – partindo do regime presentista proposto por Hartog – se esforça em compreender a relação entre passado e presente na cidade de Chiapa, localizada no sudeste mexicano¹⁸⁵. Ali o historiador identifica a presença da simultaneidade do não simultâneo quando práticas que lembram estruturas medievais (a relação entre indivíduos e a terra, o papel da Igreja) andam lado a lado com lógicas características do capitalismo global.

Ao reconhecer a “coexistência de temporalidades discordantes”, Baschet aponta a necessidade de pensar em formas de evitar que a iminência de um presente tirânico venha a

¹⁸⁴ BASCHET, Jérôme. “La historia frente al presente perpetuo”. *Algunas observaciones sobre la relación pasado/futuro*, in: *Relaciones. Estudios de Historia y Sociedad*, Colegio de Michoacán, México, n. 93, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oi?id=13709310>. Acesso em 5 de dezembro de 2018

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 217-218.

sobrepular a experiência das alteridades temporais encontradas em Chiapa. É em função disso que o autor se propõe a questionar o esquema evolucionista da história concebida como linear. Se esta fosse a ordem temporal preponderante em Chiapa, se perderia então a riqueza e a autenticidade das vivências temporais múltiplas que particularizam a experiência histórica dos indivíduos desta cidade. Com isto, Baschet sugere que há “*presentes más presentes que otros y al inverso presentes más cargados de pasado*”¹⁸⁶. O que, em outras palavras, no caso de Chiapa, não deve ser compreendido como um problema, mas sim como uma forma de estruturação singular do tempo que deve ser mantida por políticas que a assegurem e a preservem das imposições de homogeneidade próprias do ordenamento temporal moderno.

Ainda sobre este assunto, temos a referência do artigo, já citado no capítulo 2, escrito por Arthur Ávila que designa bem as políticas do tempo que envolvem as disputas pela elaboração de genealogias históricas entre uma dada minoria e a maioria dentro de um mesmo recorte espacial. Este é caso, relatado pelo autor, da criação, em 2004, na Argentina, do Espaço de Memória e Direitos Humanos, o qual serviria para preservar a memória daqueles vitimados pelo terror do Estado e assim, defender a necessidade da lembrança como forma de evitar que os erros cometidos no passado pudessem se repetir no futuro¹⁸⁷.

O ponto de tensão encontrado neste projeto, citado por Ávila, apareceu quando o Movimento Indígena Argentino tentou integrar ao museu as suas narrativas sobre a Conquista do Deserto (1878-1885), compreendida pelos descendentes indígenas como as primeiras formas de atuação da violência do Estado. A tentativa de assegurar e incorporar à história nacional uma nova imaginação temporal genealógica por parte do movimento indígena foi, não apenas rechaçada, mas também declarada anacrônica, já que, segundo os contrários à essa integração, este seria um passado distante, já acabado, muito diferente do passado traumático da experiência da ditadura vivenciada pelo povo argentino entre os não tão-remotos anos de 1966-1973¹⁸⁸.

Este é um caso notável em que a política do tempo está relacionada à defesa de determinadas estruturas narrativas. Nesse campo de disputas, o tempo histórico concebido pelo historicismo como reta direcionada pelos princípios da modernidade – o que posiciona as narrativas de minorias, como as indígenas, em um ponto primário da régua desenvolvimentista

¹⁸⁶ BASCHET, Jérôme. “La historia frente al presente perpetuo”. Algunas observaciones sobre la relación pasado/futuro”, *op. cit.*, p. 219.

¹⁸⁷ AVILA, Arthur Lima. Povoando o Presente de Fantasmas: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina, *op. cit.*, p. 190.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 90

ocidental – “serviu para legitimar determinados processos de exclusão que acarretaram por sua vez, certas feridas históricas”¹⁸⁹.

Tendo em vista a pertinência do uso da noção de políticas do tempo no que se refere à relação entre poder e ordenamento do tempo histórico, optamos então por pensar sobre a experiência das multitemporalidades do cotidiano a partir de um outro viés, sobretudo, atentando para a proposta de análise das relações entre tempo e poder conforme elaborada por Pierre Bourdieu, em sua obra *Meditações Pascalianas*. Não se trata de descartarmos a primeira e nos determos somente sobre a segunda. Seria incoerente tentar incorrer nesta separação, diga-se, forçada, já que ambas perspectivas são complementares. Justificamos a nossa inclinação com o argumento de que, pensando em níveis de escala, as propostas de Bourdieu nos parecem corresponder melhor ao objetivo de analisarmos as temporalidades estruturantes das práticas, da temporalização do dia a dia.

De fato, tem sido comum a utilização da noção de políticas do tempo para análises sobre as multitemporalidades no panorama contemporâneo. A própria Sarah Sharma lança mão do termo em suas explanações. Do mesmo modo, o faz Peter Osborne ao dizer que “É a ideia de uma competição ou luta entre essas diferentes formas de temporalização, na vida cotidiana, que leva à ideia de uma política do tempo”¹⁹⁰. No entanto, ousamos considerar que talvez a aplicação de outra perspectiva seja mais coerente para pensarmos as temporalidades que comportam as experiências individual e coletiva no bojo de suas dinâmicas ordinárias e plurais.

Com isso, tal como já dito e insistimos em salientar, não queremos dizer que políticas do tempo e tempo e poder sejam propostas de análise excludentes. Pelo contrário, uma só existe em função da outra. Assim, temos que, embora tempo histórico e temporalidades cotidianas sejam diferentes nas dimensões das relações que ambos abarcam, a ordem temporal dominante é fator fundamental para o estabelecimento das relações rotineiras que são tecidas entre tempo e poder. Reiterando a ideia de escala citada acima, compreendemos que, assim como há poderes que regem as instâncias macro do ordenamento histórico temporal, do mesmo modo há poderes “menores”, da esfera do cotidiano, responsáveis por determinar os ritmos e as dinâmicas entre mobilidade de corpos e funções, entre sujeitos e afazeres triviais.

Sem querermos defender esta ou aquela nomenclatura epocal para o tempo contemporâneo, compreendemos que a percepção de uma ordem temporal em grande medida

¹⁸⁹ AVILA, Arthur Lima. *Povoando o Presente de Fantasmas: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina*, *op. cit.*, p.189.

¹⁹⁰ No original: “It is the idea of a competition or struggle between these different forms of temporalization, within everyday life, which leads to the idea of a politics of time”. OSBORNE, Peter. *The Politics of Time: modernity and avant-garde*, *op. cit.*, p. 116. Tradução nossa.

acelerada, capaz de ressignificar nossas apropriações quanto ao espaço de experiência e horizonte de expectativas, é responsável por designar formas correlatas de experiências temporais no dia a dia. Nestes termos, seria possível simplificar dizendo que as análises das relações entre tempo e poder apresentadas por Bourdieu estão para as experiências temporais diárias, tal como as políticas do tempo estão para a percepção do tempo histórico dominante e para as (re)elaborações mentais sobre as dimensões de passado, presente e futuro, que dele se originam.

De acordo com o sociólogo francês, a prática, no sentido das ações do dia a dia, não está no tempo, mas ela mesma faz o tempo¹⁹¹. A prática se apresenta como temporalização. Segundo manifesta a sua visão sobre tempo e poder, “‘temporalizar-se’, fazer o tempo [está] numa relação com o tempo presente diretamente percebido que nada tem a ver com um projeto”¹⁹². Notamos que o sentido da prática para Bourdieu está na construção das temporalidades que constituem o tecido do tempo ordinário, das ações rotineiras. Não atentando necessariamente para o tempo das projeções quando o sujeito é capaz de elaborar leituras e possibilidades de si no tempo, a investigação sobre as relações estabelecidas entre tempo e poder nos permite uma abordagem de uma experiência do tempo quase que tangencial, das diversas performances temporais que qualificam as práticas, de um tempo quase que corporificado nos fluxos dos processos do dia a dia.

Esta forma de experimentação do tempo não está aquém da disposição temporal dominante. Inseridos nesta ordem, os modos de experiência do tempo são também deduzidos do ordenamento social ao qual pertencem. Assim, em função de tal ou qual determinação temporal hegemônica e em segundo nível, dependendo de qual estruturação social esteja em questão, estas ou aquelas relações entre tempo e poder poderão ser estabelecidas.

Fundamental para o tempo da prática, da temporalização, é a presença do *habitus* enquanto modo de “poder-ser”, ou seja, como representação das condições objetivas da potência de ser dentro de um dado esquema social, o qual de antemão já possui as suas próprias regras e limitações¹⁹³. Este *habitus* se refere à “presença do passado no presente” que se faz perceptível ao assegurar condições de regularidades que representem uma equação estável entre as expectativas subjetivas e as condições objetivas disponibilizadas pelos jogos sociais¹⁹⁴.

¹⁹¹ BOURDIEU, Pierre. "O ser social, o tempo, o sentido da existência", in: *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 253.

¹⁹² *Ibid.*, p. 253-254.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 264.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 257.

Para Bourdieu, “o mundo social não é um jogo de sorte”. O que significa dizer que para cada jogador (indivíduo) existem condições de êxito ou fracasso já previamente disponíveis e que dependerão do seu poder – ou seja, não apenas do seu desejo subjetivo – para que as suas jogadas resultem ou não de acordo com o antecipadamente esperado. *Em outras palavras, e aqui gostaríamos de solicitar a atenção do leitor, “o acesso à experiência do tempo está submetido às condições econômicas e sociais que o tornam possível”*¹⁹⁵. Assim, depreendemos que as experiências de temporalização no cotidiano estão para além da vontade do indivíduo o que é o mesmo que dizer que há instancias sociais (o *habitus*) e econômicas (poder financeiro, capital simbólico) que o extrapolam e nos permitem entender que a experiência do tempo contemporâneo (haja vista que esta tese de Bourdieu data de obra de 1997) está diretamente relacionada aos lugares sociais nos quais se encontram os sujeitos.

Aproximamo-nos, desse modo, das contribuições de Sarah Sharma. Para a autora do livro *In the Meantime*, os estudos sobre as multitemporalidades, as análises das experiências tanto da aceleração social quanto de fenômenos de desaceleração não podem ser levadas adiante sem que se tenha em conta os lugares ocupados pelos sujeitos dentro da sociedade, especialmente, no que se refere ao universo laboral.

A chave de análise da autora é o conceito denominado *power-cronography*¹⁹⁶. Segundo Sharma, *power-cronography* é uma forma politizada de abordar as temporalidades múltiplas do contemporâneo e que leva em consideração as relações entre tempo e espaço que constituem os arranjos sociais que compõem o panorama do capitalismo global¹⁹⁷. A politização do tempo promovida por este conceito nos permite refletir sobre as formas como as temporalidades individuais são recalibradas em função de uma possível sincronização com as diversas demandas temporais que compõem o tempo das organizações sociais.

Recalibrar, no sentido defendido pela autora, significa “aprender a lidar com o tempo, estar no controle do tempo, aprender a ser rápido e a ser lento”, sabendo que uma vez que vivemos em sociedade nosso tempo sempre é dado em função de algo ou de alguém¹⁹⁸. Assim, recalibrar apresenta-se como sinônimo de sincronizar-se com as diversas temporalidades do outro. Neste processo, é determinante o locus onde se encontra o indivíduo, seu capital simbólico, sua capacidade de *network* (capital de rede). É esta competência de possuir

¹⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. "O ser social, o tempo, o sentido da existência", *op. cit.*, p. 272.

¹⁹⁶ Preferimos manter o termo no original em inglês devido à dificuldade de encontrar uma tradução apropriada para o sentido proposto pelo mesmo.

¹⁹⁷ SHARMA, Sarah. *In the Meantime*. Temporality and cultural politics. Londres: Duke University Press, 2014, p. 14-15.

¹⁹⁸ No original: “To recalibrate is to learn how to deal with time, be on top of one’s time, to learn when to be fast and when to be slow”. *Ibid.*, p. 18. Tradução nossa.

determinados recursos financeiros e simbólicos que determinará quem precisará ajustar o seu tempo em função de quem. Deste modo, “A atenção à sincronicidade como uma relação de poder antecipa as diferenças temporais disjuntivas em um mundo que, muitas vezes, afirma estar trabalhando na unidade temporal orgânica”¹⁹⁹.

Algo que nos chama a atenção sobre a recalibragem e, do mesmo modo, acerca da necessidade de um novo tipo de sincronização na modernidade tardia é a sua aparente contradição com a dessincronização temporal defendida por Hartmut Rosa. Olhando de maneira mais detida, podemos perceber que longe de serem excludentes, as observações de ambos os autores podem ser vistas como dialógicas. Primeiramente, é necessário ressaltarmos que as multitemporalidades de que fala Sharma são aquelas que permeiam as práticas do dia a dia e, que de fato, necessitam do mínimo de sincronicidade entre corpos para que possam ser viabilizadas.

Esse é o caso dos *business travelers* que dependem de que a sua necessidade de chegar no horário esteja em consonância com a habilidade e velocidade empregadas pelo motorista de taxi. Por outro lado, a dessincronização a que Rosa se refere, destina-se à pungência da simultaneidade do não simultâneo nas sociedades ocidentais atuais, tendo como foco as dimensões macro dos sistemas que organizam estas mesmas sociedades.

Assim, podemos compreender pelo diálogo estabelecido entre as diferentes perspectivas destes autores que, mesmo que os indivíduos se esforcem e se sintam na necessidade de “se adaptarem” às temporalidades externas que lhe são impostas, isso não muda o fato de que as sociedades aceleradas, pensadas de maneira holística, como um todo composto por sistemas e subsistemas, estejam, de fato, a ponto de colapsar. Em termos mais sucintos, esse é o tom apocalíptico utilizado por Rosa para asseverar que as temporalidades que regem cada uma destas instâncias se encontram não somente dessincronizadas, mas em estado de impossível reintegração.

Aqui nós tocamos na característica central da estrutura das sociedades da modernidade tardia: a dessincronização das esferas sociais e funcionais, a qual recebe duas formas. Primeiro, a uma dessincronização de diferentes grupos e seguimentos da sociedade. Nem todos os grupos sociais aceleram da mesma forma: alguns, como os doentes, os desempregados, os pobres, ou em alguns aspectos, os idosos, são forçados a desacelerar, enquanto outros como os Amish, recusam-se a adotar as estruturas temporais e os horizontes da modernidade. Esta crescente dessincronização envolve uma crescente simultaneidade do não-simultâneo: alta tecnologia e métodos de guerra, transporte ou comunicação da idade da pedra persistem lado a lado, não apenas entre diferentes países, mas até dentro da mesma sociedade e ritmos de vida rápido e

¹⁹⁹ No original: “Attention to synchronicity as a relation of power forefronts disjunctive temporal differences in a world that too often claims to be working in organic temporal unity”. SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, op. cit., p. 79. Tradução nossa.

devagar podem ser observados em uma única e mesma rua. O resultado desta “multitemporalidade” é provavelmente ser uma progressiva desintegração da sociedade. A princípio, a dessincronização de vários seguimentos pode agravar o problema da guetização, transformando a sociedade em um mosaico de guetos temporais. [...]

Assim como não há uma unificação social ou um centro substancial governando as operações subsistêmicas, também não há uma unidade de integração temporal, e isso, por sua vez, resulta no aumento de dessincronização temporal²⁰⁰. (Tradução nossa)

Se nos atermos somente às temporalidades múltiplas que atravessam o movimento *Slow Food* no que diz respeito ao seu impacto na sociedade, encontraremos pontos de concordância entre Sharma e Rosa. Segundo a leitura feita de *In the Meantime*, o *slow* pode ser considerado como um movimento defensor de um discurso demagógico, incapaz de implementar transformações radicais na sociedade. Segundo Rosa, do mesmo modo, o posicionamento de contestação do movimento ao fenômeno da aceleração não é suficiente a ponto de trazer resultados reais que alterem o panorama de dessincronização vigente, assim como das desigualdades sociais por ele produzidas. O *slow* seria então mais uma iteração de tantas outras reações contra a aceleração que surgiram ao longo da história e que, seguindo a metáfora das ondas sugeridas pelo autor foram, do mesmo modo, tragadas por ela.

Retomando o livro de Sharma, verificamos que a metodologia utilizada pela autora é a observação etnográfica de vários ritmos que comportam os lugares de trabalho de profissionais de diferentes áreas. Sharma afirma que as temporalidades experimentadas no cotidiano, além de serem múltiplas, são também desiguais. *In the Meantime* reflete a experiência da observação do dia a dia de taxistas, *business travelers*, instrutores de aulas de yoga realizadas em escritórios (algo como *yoga at your desk*) e adeptos de comunidades *slow* (principalmente *Slow Food*)²⁰¹.

No capítulo dedicado à experiência do tempo dos partidários do movimento devagar, *Slow Space: Another pace and Time*, encontramos as contribuições mais precisas da autora para as nossas análises sobre as relações entre tempo e poder presentes no movimento. Ao

²⁰⁰ No original: “Here we touch on a central structural feature of late modern societies: the desynchronization of social and functional spheres, which takes two forms. First, there is a desynchronization of different groups and segments of society. Not all social groups accelerate equally: some, like the sick, the unemployed, the poor, or, in some respects, the elderly, are forced to decelerate, while others, like the Amish, refuse to adopt the temporal structures and horizons of modernity. This desynchronization entails an increasing “simultaneity of the nonsimultaneous”: high-tech and stone-age methods of warfare, transport, or communication persist side by side, not only between different countries, but even within the same society, and fast and slow paces of life can be observed on one and the same street. The result of this “multitemporality” is likely to be a progressive disintegration of society. At first, the desynchronization of various segments might aggravate the problem of ghettoization, transforming society into a mosaic of temporal ghettos. [...] Just as there is no unifying social or substantial center governing the subsystemic operations, there is also no integrating temporal authority, and this, in turn, results in increasing temporal desynchronization”. ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society. Social acceleration, power and modernity*. Philadelphia, Pennsylvania University Press, 2009, p. 103-104.

²⁰¹ SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, op. cit., p. 16.

compreender que o arbítrio temporal não depende da escolha individual – ou seja, o contrário do que tentam nos fazer acreditar os discursos do *slow* – Sharma lembra das condições laborais daqueles que são as mãos e os pés do *Slow Food*. Aqui são evocados os trabalhadores que, como cozinheiros, agricultores, garçons e garçonetes, ajudantes de limpeza, dentre outros, não detêm o poder de escolha sobre o seu tempo.

A fim de corroborarmos com esta forma de compreensão das relações que comportam a experiência do tempo no *slow*, tomaremos como elementos para exemplificação e, posterior análise, casos concretos em que podemos perceber como o exercício do poder sobre o tempo está diretamente relacionado ao espaço que cada membro *slow* ocupa dentro do movimento. Utilizaremos um caso citado por Sharma, localizado no México e também outros três de Fortalezas do alimento situadas, respectivamente, nas regiões sul, centro-oeste e norte do Brasil²⁰². As Fortalezas selecionadas correspondem ao critério de ampla abrangência e diversificação das regiões brasileiras, tanto em seu aspecto geográfico, como sociocultural.

3.1.1 Tensões entre tempo e poder: Um olhar sobre os bastidores do *Slow Food*.

As tensões que permeiam as relações entre tempo e poder dentro do *Slow Food* não se apresentam de maneira óbvia, fácil. Com o intuito de compreendermos melhor a questão, selecionamos alguns casos concretos para observação, dentre os quais, começamos pelo exemplo apresentado por Sarah Sharma.

Por exemplo, os adeptos ao *slow food* comemoraram as variações locais da tortilha de milho no México com um documentário em destaque. A história que conta é das mulheres que acordam às quatro da manhã para começar a cozinhar. A narrativa que cativa a imaginação do *slow food* é focada nessas tradições, nas autênticas tortilhas, em vez de no fato de que a chamada produção tradicional de tortilha é também trabalho de gênero extenuante em condições de trabalho empobrecidas. A confecção da tortilha reflete uma relação diferencial com o tempo estruturado pelo contexto específico de gênero e de classe das vidas dos produtores (mulheres). O movimento local fetichiza outros, como fazendeiros, catadores de uva orgânica e fabricantes de tortilhas, sem se preocupar com a maneira como eles realmente negociam seu tempo. Eles são pessoas reais em locais cuja fixidez no espaço e

²⁰² Relembrando o que fora citado no capítulo 2, as Fortalezas do alimento são projetos voltados para dar suporte técnico ao desenvolvimento de estratégias de produção e preservação de produtos locais. Fazem parte dessa iniciativa pequenos produtores, equipes técnicas especializadas e entidades interessadas na promoção destes alimentos. O foco do projeto é a preservação de ingredientes tradicionais que carregam valor agregado como a identidade de uma determinada região e que estão sob a iminência de extinção. O objetivo final das Fortalezas é inserir tais produtos em mercados alternativos, aumentando o seu acesso e consumo. Fonte: *As Fortalezas Slow Food*. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/slowfood-livreto-fortalezas.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2019.

trabalho árduo permite que adeptos ao slow imaginem a possibilidade de tornar sua própria experiência do tempo mais “natural”²⁰³. (Tradução nossa)

Nosso primeiro caso brasileiro está localizado na Fortaleza do Pinhão da Serra Catarinense, região sul do país. Inaugurada em 2008, a Fortaleza do Pinhão situa-se em uma área de forte imigração portuguesa, alemã, leta e italiana²⁰⁴. O uso do pinhão, já amplamente conhecido pela culinária local, até um passado bastante recente, era atribuído a pessoas de baixa renda e à alimentação de animais, principalmente de porcos²⁰⁵. Somente a partir da chegada de projetos de valorização da agricultura e cultura local, como a Cooperativa EcoSerra e o *Slow Food* é que o pinhão veio a ser designado como produto alimentar símbolo da região, o que lhe conferiu maiores prestígios na sua comercialização, principalmente nas vendas voltadas para o turismo²⁰⁶. Outra razão para o prestígio atual do pinhão foi a sua inserção na Arca do Gosto, como mais um alimento brasileiro sob risco de desaparecimento, em função da exploração madeireira de sua árvore de origem.

O pinhão é uma semente encontrada nas pinhas que ficam no topo dos pinheiros de araucária. Para alcançá-las é preciso que o catador/coletor ou, como também é chamado, “tirador de pinhão” suba até o topo dos pinheiros, algo equivalente a uma média de 20 metros de altura. Conforme mostra o vídeo *Catação de Pinhão na Serra Catarinense* e também em filmagens amadoras disponíveis no site *Youtube*, esse trabalho, além de ser perigoso, é realizado sem o uso de quaisquer equipamentos de segurança, o que em muitos casos acarreta em quedas e riscos fatais. O vídeo sobre a catação de pinhão informa que em um dia de trabalho é possível que um grupo de cinco catadores consigam coletar até 900 pinhas, cujo valor de venda é de aproximadamente R\$ 200,00 a ser repartido entre os membros do grupo.

²⁰³ No original: “For example, slow foodies celebrated local variations on the corn tortilla in Mexico with a featured documentary. The story it tells is of the women who wake up at four in the morning to start cooking. The narrative that captivates the slow food imagination is focused on these traditions, the authentic tortillas, rather than the fact that so-called traditional tortilla production is also strenuous gendered labor in impoverished working conditions. The making of the tortilla reflects a differential relationship to time structured by the particular gendered and classed context of the makers’ (women’s) lives. The local movement fetishizes others such as the farmers, organic grape pickers, and tortilla makers, without a concern for how they actually negotiate their time. They are real people in locales whose fixity in space and arduous labor allows for slow lifers to imagine a possibility to make their own experience of time more ‘natural’. SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, op. cit., p. 125.

²⁰⁴ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais, op. cit., p. 276.

²⁰⁵ SEMELHANTES - Coletoras de pinhão e a visão feminina do sustentável. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RoVdu085GwA&t=1188s>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

²⁰⁶ “A Ecoserra se define como uma “Cooperativa de Agricultores e Agricultoras Familiares Agroecológicos com objetivo de promover a organização da produção, agroindustrialização, da compra e venda de produtos e insumos agroecológicos/orgânicos e artesanais”. Segundo disponível em seu sítio virtual sua missão é a “a construção da Agroecologia e do Cooperativismo Solidário como instrumento de defesa da vida, do ambiente, do bem-estar econômico, social e de saúde de seus associados, consumidores e da comunidade em geral”. Disponível em: <http://www.cooperativaecoserra.com.br/index.php/quemsomos>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

É preciso, contudo, lembrar que nem toda pinha retirada das araucárias possuem pinhões com qualidade suficiente para comercialização. O que nos leva a imaginar que o trabalho do coletor será, portanto, mais extenso e perigoso (posto que se trata de um trabalho bastante cansativo) já que ele depende da qualidade dos produtos coletados. Assim, uma vez que o resultado da colheita seja qualitativamente ruim, maior será a quantidade de trabalho. Segundo dados de Chiara Gentile, um catador de pinhão recebe entre R\$1,20 a R\$3,50 reais para cada quilo de pinhão *in natura*²⁰⁷.



Figura 3 - “Catador de pinhão” subindo em araucária. Instantâneo em printscreen retirado do vídeo *Catação de Pinhão na Serra Catarinense*. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LM7N5yiCJ4Q>

O segundo exemplo situa-se na região do Cerrado, no centro-oeste do país. A nossa referência é a Fortaleza do Barú do Urucua Grande Sertão, localizada no município de Pirenópolis, no estado de Goiás. Inaugurada em 2017, a Fortaleza do Barú, como é mais conhecida, nasceu dos esforços da antropóloga e produtora rural Kátia Karan, líder do convívio *Slow Food* em Pirenópolis que, durante os anos de 2011-2016, também participou como presidente na Comissão Brasileira da Arca do Gosto²⁰⁸.

Atuante na Rede Cerrado desde o início dos anos 2000, na comunidade do Caxambu, a mais ativa na Fortaleza do Barú, a antropóloga tomou para si a missão de levar os princípios *Slow Food* para os moradores da região que faziam da agricultura familiar a sua forma de

²⁰⁷ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais, *op. cit.*, p. 280.

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 292; TORALLES, Katia Karam. *Entre cozinhas e quitandas: patrimônio e globalização em Pirenópolis*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017, p. 23. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7837>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

subsistência. A partir do empenho de Karan e os seus trabalhos pela promoção da agricultura da região, o baru, fruto até então de pouca relevância para as próprias comunidades locais, foi selecionado para fazer parte da Arca do Gosto devido às suas qualidades nutricionais, seu potencial simbólico para a identidade regional e sua condição de alimento também sob risco de extinção em decorrência da aquisição predatória da indústria madeireira.

Como resultado das leituras das teses e dissertações consultadas para esta pesquisa, foi possível perceber que há um consenso no que se refere à realidade *Slow Food* em Pirenópolis. Pelos apontamentos feitos a partir dos trabalhos de campo realizados por Chiara Gentile, Kamila Guimarães Schneider e Manuela Alvarenga do Nascimento verifica-se que na região é bastante patente a relação entre poder e a posição social ocupada dentro do movimento²⁰⁹.

Segundo as autoras, o pressuposto colaboracionista na forma de associação comunitária não teve sucesso no caso do *Slow Food* nesta cidade. As estruturas sociais da região, caracterizadas sob a forma de um individualismo, onde cada agricultor ou família de agricultores trabalha para si, não conduziu aos resultados esperados pelos esforços da líder do movimento *Slow Food* local. Foram anos de tentativas de convencimento que resultaram em poucos frutos. O quadro que se apresenta acerca da atuação do *Slow Food* em Pirenópolis poderia ser assim resumido: de um lado a atuação da antropóloga, de uma *chef* francesa que vive na região há mais de 20 anos, de uma família que criou uma empresa de produção e comercialização do baru, chamada Promessa de Esperança e, de outro lado, os agricultores, que seguem dispersos, cada qual realizando suas atividades, independentes de qualquer filiação ao *slow*²¹⁰.

Este é um caso em que é possível perceber a dificuldade do movimento em integrar as mais diferentes realidades sociais aos objetivos da associação. Mesmo que algumas das qualidades mobilizadas pelo *slow* sejam princípios como adaptabilidade e flexibilidade, o sucesso de seu emprego não se pode generalizar a todo e qualquer contexto. O malogro dos projetos implementados na região deve-se não apenas à estruturação social que não se enquadrou no modelo colaborativo da experiência italiana, mas também na segregação resultante de um quadro bastante polarizado composto por aqueles que detém os conhecimentos técnicos que constituem o ideário do movimento e, portanto, conhecem e compartilham de seu

²⁰⁹ GENTILE, Chiara, *ibid.*; SCHNEIDER, Kamila Guimarães. *A revolução está no prato: do global ao local no movimento slow food*. Dissertação de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2015; NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. *As práticas alimentares na sociedade globalizada: o caso do movimento Slow Food*, *op. cit.*

²¹⁰ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais, *op. cit.*, p. 292.

ethos, e aqueles que não os possuem ou não assimilam tais informações. Deste modo, a falta de engajamento dos produtores locais também pode ser interpretada como a ausência do sentimento de pertencimento ao panorama de referências que fazem parte do conjunto informacional e vocabular do movimento.

Embora não entre em detalhes, o site do *Slow Food* apresenta, nas entrelinhas, os problemas enfrentados pela associação na região: “Este é um território formado de diferentes realidades econômicas, sociais, ambientais, culturais, marcado por um profundo contraditório social construído ao longo de seus anos de colonização e exploração”²¹¹. Esta é uma imagem que parece se manter e se clarifica pela relação dicotômica entre agricultores (como no caso dos extratores e quebradores de baru que se dividem entre homens e mulheres, inclusive idosos como mostra a figura abaixo) e os detentores de conhecimentos técnicos do *Slow Food* presentes no local.

O contato e a articulação dos agricultores com pessoas do domínio social dos profissionais especializados é uma maneira de esses agricultores adquirirem conhecimento técnico e aumentar o mercado de compradores de seus produtos. Entretanto, no SF, esta relação se constitui também como relação de poder. A relação entre esses agricultores e a líder do Convívio está permeada pelo conhecimento de todos de que é ela quem entende bem a filosofia do movimento, quem mantém os contatos com as pessoas chave do movimento no Brasil e na Itália e, portanto, suas decisões prevalecem sobre as demais²¹².



Figura 4 - Quebradora/descascadora de baru usando ponteiro/talhadeira de metal em tronco Instantâneo retirado em printscreen do vídeo Máquina de quebrar baru. Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=_zZ-k5mW6zY

²¹¹Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/fortalezas/fortalezas-no-brasil/106-fortaleza-castanha-baru-urucuia-grande-sertao>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2019.

²¹²NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. *As práticas alimentares na sociedade globalizada: o caso do movimento Slow Food*, op. cit., p. 213.

O último caso brasileiro que apresentamos é a Fortaleza da Farinha de Bragantina, localizada no Pará, no bioma Amazônia e inaugurada em 2017. A história do *Slow Food* e a farinha de Bragança, ou farinha d'água, como também a chamam popularmente, começa com a visita da *chef* de cozinha Tereza Corção ao Pará quando da realização do primeiro salão gastronômico na região. Em entrevistas concedidas a pesquisadores das atividades do *Slow Food* no Brasil e no site do Instituto Maniva (organização eco-gastronômica idealizada por Corção) é possível encontrar a trajetória da *chef* e seu envolvimento com projetos eco-gastronômicos com os agricultores locais²¹³.

Segundo Tereza Corção, tudo começou a partir do seu interesse quanto aos usos e à qualidade da farinha de mandioca produzida na região que, embora tivesse ampla utilização nas mais diversas receitas da culinária local, pouco era valorizada, possuindo a equivalência de mais um alimento qualquer. Outra questão percebida pela *chef* foi que nos últimos anos o modo de fazer o ensacamento da farinha passou, pouco a pouco, a se modernizar. Mudança que se traduziu no esmaecimento dos tradicionais modos de produção do alimento, assim como de seu revestimento e transporte, quando então a farinha de mandioca deixou de ser embalada nos tradicionais paneiros e passou a ser acomodada em sacos plásticos²¹⁴.

Objetivando resgatar os valores dos costumes locais, como a replicação dos modos de fazer a farinha aos agricultores mais jovens e também trazer visibilidade às qualidades do alimento produzido, a *chef* se responsabilizou por levar os princípios *Slow Food* para a região paraense. A noção de eco-gastronomia foi a premissa fundamental aplicada nas empreitadas da *chef* em sua busca pela reativação dos antigos modos de produção da farinha de mandioca a fim de torná-la conhecida mundialmente.

Foi assim que Corção foi apresentada a Seu Bené, conhecido agricultor e produtor da farinha d'água que foi imortalizado no filme produzido pela *chef* intitulado *O professor da farinha*. Neste curta são mostradas as práticas cotidianas daquilo que os locais chamam de “fazeção de farinha”. Nas filmagens são focados os trabalhos realizados por Seu Bené e família na pequena casa de farinha, de propriedade pessoal do produtor. Neste pequeno filme, assistimos às diversas etapas do processo de produção artesanal que leva à fabricação da farinha, desde a colheita da mandioca, os momentos de molho da raiz, sua peneiração, torra, a produção de cestas para sua acomodação e enfim, sua distribuição, realizada com o auxílio da

²¹³ Disponível em: <https://www.institutomaniva.org/>, *The story of the manioc*. Tereza Corção. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=WUZg0GctazI>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019

²¹⁴ O paneiro é um cesto produzido artesanalmente com técnicas indígenas, utilizando-se guarimã, planta típica da região. Fonte: <http://www.slowfoodbrasil.com/fortalezas/fortalezas-no-brasil/1408-fortaleza-da-farinha-bragantina>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

bicicleta do Seu Bené que leva o produto final para a cidade a fim de vendê-lo aos comerciantes locais.

Após o sucesso do filme que permitiu a Teresa Corção apresentar os valores nutricionais da mandioca em evento nos Estados Unidos, seu trabalho com a comunidade local cresceu e alcançou a almejada visibilidade. Tamanho destaque levou a *eco-chef* carioca à produção de novo filme, agora, com Seu Bené viajando à Itália.

O curta *Seu Bené vai à Itália*, mostra a ida do produtor rural ao evento Terra Madre realizado em Turin, no ano de 2006²¹⁵. É comovente a alegria de Seu Bené em fazer parte daquilo que, de acordo com a estrutura mostrada no vídeo, de fato parece ser o maior evento gastronômico do mundo. Nas filmagens, também de pequena duração, Seu Bené aparece como principal narrador e em muitos momentos faz questão de reiterar o seu regozijo de estar participando daquele acontecimento, de ser reconhecido pelos seus conhecimentos na produção da farinha de mandioca, àquela altura, em tão grande ascensão e apreço pelo público que ali representava uma pluralidade quase que incontável de diversos países e culturas do mundo.

A insistência de Seu Bené em reforçar o sentimento de ser reconhecido por seus pares que, segundo ele, não acreditavam que um dia o seu trabalho e as suas habilidades pudessem ser tão amplamente apreciados nos faz lembrar a vida difícil do agricultor. Nos minutos finais do filme *O professor da farinha*, Seu Bené fala sobre os resultados reais do seu ofício, algo que nos soa muito comum com a realidade de vida de grande parte dos pequenos agricultores rurais no Brasil: “Porque o que eu arrumo só dá para sobreviver”²¹⁶.



Figura 5 - Na esquerda, Seu Bené e esposa produzindo a farinha. Na direita, Seu Bené confeccionando o cesto onde será acomodada a farinha. Instantâneos em printscreen retirados do vídeo *O professor da farinha*. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=r1tsbiB9f1E>.

²¹⁵ *Seu Bené vai à Itália*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lm3VFzkAozo&t=49s>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

²¹⁶ *O professor da Farinha*. Direção: Teresa Corção. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P2F8OQeXPm0>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019

Com os exemplos apresentados, tentamos demonstrar como a relação entre tempo e poder no *Slow Food* está diretamente relacionada às condições objetivas dos lugares ocupados pelos sujeitos que fazem parte do movimento. Segundo pudemos notar, a detenção de determinados conhecimentos específicos é fator de enorme relevância para o papel designado aos participantes da associação. Segundo aponta a tese de Daniel Oliveira, “Uma das características específicas do *Slow Food* é o seu perfil ‘intelectualizado’”²¹⁷. Atentar para essa constatação significa perceber que as múltiplas temporalidades que constituem o movimento estão entrelaçadas ao *status* conferido a cada um de seus integrantes em função dos espaços sociais por eles ocupados²¹⁸.

A título de comprovação, apresentamos abaixo uma tabela retirada da tese de Oliveira que demonstra o nível de escolaridade dos líderes dos convívios por ele analisados. Destacamos o disparate entre o número de líderes com nível fundamental e médio e aqueles que possuem nível superior²¹⁹.

Tabela 6 Grau máximo de escolaridade do líder

| | Frequência | Percentual |
|--|------------|---------------|
| Ensino Fundamental completo | 1 | 4,35 |
| Ensino Médio completo | 1 | 4,35 |
| Ensino Superior incompleto | 3 | 13,04 |
| Ensino Superior completo | 6 | 26,09 |
| Pós-graduação <i>Lato sensu</i> (Especialização) | 3 | 13,04 |
| Mestrado | 8 | 34,78 |
| Doutorado | 1 | 4,35 |
| Total | 23 | 100,00 |

Fonte: Pesquisa *Convívium Slow Food Brasil*, 2013

Figura 6 – Tabela de grau de escolaridade de líderes de convívio. Fonte: Daniel Oliveira. Tese

Nesse sentido podemos inferir que o tempo dispendido e os ritmos empregados para a colheita tanto do pinhão, como do baru ou da produção da farinha de Bragança são

²¹⁷ OLIVEIRA, Daniel Coelho de. *Comida, carisma e poder: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil*. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014, p. 135.

²¹⁸ Daniel defende que para participar do slow food como adepto é necessário subsumir determinados conhecimentos prévios. Sobre a discrepância entre os lugares ocupados pelos agricultores e chefs que participam do movimento, o autor afirma que esta é uma relação que “em alguns momentos constrói pontes [como vemos no caso da chef Teresa Corção e Seu Bené] e, em outros, ergue cercas”. *Ibid.*, p. 174. Para maiores detalhes ver: *Ibid.*, p. 166-187.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 136. Um elemento interessante pontuado por Daniel Oliveira é a disponibilidade de tempo para participar das práticas que envolvem o movimento: “ Cada um dos projetos e organizações possui especificidades que exigem do associado um verdadeiro conhecimento ‘perito’, além de ‘tempo’ para compartilhar e reafirmar as proposições constituintes do movimento”. *Ibid.*, p. 189.

determinados pela necessidade quantitativa de produção dos agricultores em função da obtenção dos recursos impreteríveis para a sua subsistência. Portanto, embora o trabalho desses homens e mulheres busque atender às condições de produção de alimentos bons, limpos e justos, é possível perceber que as temporalidades que fundamentam os ritmos de suas práticas são desiguais quando comparadas àquelas da contemplação do tempo lento conforme apregado por *chefs*, líderes de convívios e consumidores de alimentos *Slow Food*.

Uma das condições vitais para o sucesso da produção do pequeno agricultor rural é a maximização do seu trabalho, haja vista que sua produção, quando dentro dos padrões ecologicamente corretos (sem uso de estimulantes, pesticidas químicos), depende da disponibilidade sazonal de cada alimento que é ditada pelas leis da própria natureza. Acordar muito cedo (exemplo citado por Sharma), trabalhar mais, plantar, colher e produzir mais rápido representa para esses trabalhadores aproveitar o máximo de uma safra que não se sabe se será a mesma no próximo ano. Caso esse, que se dá com o baru, cuja produção se apresenta na forma de um ano de colheita, para dois de “estiagem”.

No que se refere à rede de personagens que fazem parte do movimento de uma ponta a outra – do pequeno agricultor e artesão até a chegada dos alimentos aos pratos dos restaurantes *Slow Food* – percebemos uma grande discrepância não apenas nas disposições temporais já citadas, como também no reconhecimento real do trabalho daqueles que ocupam os lugares de maior fragilidade no movimento, ou seja, os agricultores e diversos outros trabalhadores rurais. Esta observação nos vem à tona quando nos deparamos com a ausência de projetos de proteção à saúde e à vida destes trabalhadores, conforme demonstrado nos riscos enfrentados pelos catadores de pinhão e do extenuante trabalho dos descascadores de baru. De modo similar, constatamos essa ausência de reconhecimento também nos valores em espécie pagos pelos trabalhos realizados, tal como bem o demonstra a fala de Seu Bené acerca das dificuldades de sua subsistência.

Segundo apontado por Bourdieu, as possibilidades de “se temporalizar” estão submetidas às condições econômicas e sociais que cada sujeito detém²²⁰. Logo, depreendemos que a prerrogativa de experimentação do tempo lento é determinada no *slow* pelo espaço ocupado pelos indivíduos que o compõem, assim como pelo cabedal intelectual que estes possuem. Isto posto, citamos o caso de Pirenópolis, onde se observa que um dos problemas enfrentados pelo *Slow Food* na região é a não identificação com os princípios do movimento, devido não somente à forma de organização estrutural da sociedade ali presente, como também

²²⁰ BOURDIEU, Pierre. O ser social, o tempo, o sentido da existência, *op. cit.*, p. 272.

pela grande desigualdade entre os níveis de conhecimento técnico de seus participantes. O que nos leva a inferir uma notória disparidade educacional entre as figuras icônicas do *Slow Food* local e os demais produtores rurais.

Esta constatação nos remete ao manifesto *Slow Food*, no qual, sendo este seu discurso oficial, já podemos perceber que não são todos que podem participar da associação – ao menos, no sentido que defendemos, em posição de igualdade. “Slow Food é uma ideia que precisa de inúmeros *parceiros qualificados* que possam contribuir para tornar esse (lento) movimento em um movimento internacional, tendo o pequeno caracol como seu símbolo”. Compreendemos, desta forma, que o fato de ser ou não qualificado (retomando o pressuposto dos recursos materiais e simbólicos previamente adquiridos) é o que determinará a posição e o valor atribuído a cada participante dentro da associação. Em suma, uma reflexão pautada em dados empíricos que nos permite perceber como o *Slow Food* reproduz as estruturas de desigualdades sociais que o seu próprio discurso se destina a combater.

Aproximamo-nos assim da asserção de Bourdieu quando afirma que “O poder temporal é o poder de perpetuar ou transformar diferentes espécies de capital pelo fato de manter ou transformar os princípios de redistribuição”²²¹. Ou seja, o poder adotado na distribuição temporal das práticas componentes do *Slow Food* corrobora para a manutenção do presente *status quo* das desigualdades dos “princípios de redistribuição” presentes em nossa sociedade arregimentada segundo os ditames do capitalismo tardio.

De acordo com Sarah Sharma, o *Slow Food* é uma opção de consumo, uma modalidade de mercantilização do tempo²²². Ao disponibilizar lugares (pagos) para desaceleração (*slow cities*, aulas de yoga, restaurantes *slow*), o movimento favorece uma despolitização do tempo. A “solução espacial” advinda desses oásis de desaceleração apenas servem para emudecer os problemas que envolvem as multitemporalidades desiguais que comportam o movimento. Sharma afirma que, ao enfatizar o discurso pró-desaceleração, o *slow* acaba por se afastar da multiplicidade temporal que, de fato, o caracteriza.

Assim, tal como as estruturas de repetição trabalhadas por Koselleck, “o *slowness* [a lentidão] não está fora da normalização da ordem temporal”. Deste modo, ele (o *slowness*) se encaixa no ordenamento temporal vigente, na medida em que reafirma condições desiguais de apropriação do tempo em função das posições sociais que correspondem a cada indivíduo²²³. A

²²¹ BOURDIEU, Pierre. O ser social, o tempo, o sentido da existência, *op. cit.*, p. 278-279.

²²² SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, *op. cit.*, p. 110.

²²³ No original: “Slowness is not outside the normalizing temporal order”. *Ibid.*, p. 111. Tradução nossa.

aparente novidade dos princípios ecogastronômicos que a associação se dispõe a difundir, oculta, portanto, estratos temporais nos quais são encontradas e reafirmadas estruturas de segregação que são estabelecidas de acordo com as dinâmicas das relações firmadas entre tempo e poder.

Neste debate, é válido inserir uma das contribuições de Hartog quando o autor afirma que a experimentação do tempo na modernidade tardia é determinada pela prerrogativa do poder, especialmente no sentido do poder de compra, de reificação e comercialização do tempo: “Aqui se indicaria um outro componente do presentismo. Tomado no tempo do consumo, também o tempo se torna um objeto de consumo”²²⁴. Amparados neste entendimento e no que defende Sharma, deduzimos que uma das características do Slow Food e as suas demais variações é a reificação do tempo como mercadoria. O tempo desacelerado pode ser compreendido, segundo este raciocínio, como algo, um produto que pode ser adquirido por aqueles que detêm as condições objetivas para tal.

Assim, a desaceleração e a contemplação meditativa de aulas de ioga, o tempo de consumo de alimentos em restaurantes *slow*, os horários dispensados em aulas de tantra (que pressupõem mais tempo disponível para o sexo) ou o tempo da prática de métodos alternativos de medicina, como reiki, acupuntura, aromaterapia, dentre outros, não deixam de ser experiências do tempo vivenciadas monetariamente. E neste conjunto está incluído também o tempo da tão sonhada pausa, do respiro para o cuidado de si que, na conjuntura da modernidade tardia, somente pode ser usufruído, mediante o pagamento do trabalho de outrem, como é o caso de empregados, babás, cozinheiras, agenciadores, etc.

O que nos interessa fixar é a referência a experiências temporais que devem ser literalmente pagas em caixa e que serão desfrutadas na proporção do valor em conta bancária de que dispõe cada um. Falando de outro modo, se você deseja desacelerar ou ter mais tempo disponível, então que você pague por isso. Uma rápida demonstração, fora do contexto *slow*, são os assistentes remotos internacionais que são contratados pelos *businessmen* norte-americanos a fim de executarem tarefas cotidianas consideradas secundárias e até mesmo entediadas, mas que alguém inelutavelmente precisa fazer: como o envio de cartões de natal e aniversários, e a obrigação inescapável e monótona de responder, diariamente, a dezenas de e-mails²²⁵.

²²⁴ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 160.

²²⁵ SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, op. cit., p. 17.

De maneira simplificada, constatamos que o deleite do tempo é sempre resultado do trabalho de alguém. Verificamos isso no exemplo da produção da tortilha mexicana, e nos casos brasileiros apresentados. Em uma equação descomplicada: para que x tenha prazer, y terá que trabalhar. Essa afirmação, que parece óbvia em um primeiro momento, adquire, contudo, contornos problemáticos no caso de uma associação internacional que, em texto oficial, se apresenta como “*a única alternativa verdadeiramente progressiva*”, o que é reforçado pelas linhas que afirmam que o “Slow Food garante um futuro melhor”. Um futuro melhor, com o tempo mais plenamente aproveitado por quem?

De maneira geral, a questão suscitada por Sharma é: quem pode desacelerar? Que lugares sociais ocupam os sujeitos que podem usufruir de temporalidades lentas? Quem pode dizer que realmente é dono do seu tempo? Em função de quem outras temporalidades são recalibradas? Para a autora, embora o *Slow Food* tenha como princípio fundamental a crítica ao caráter homogeneizante da economia neoliberal, ele não é capaz de problematizar de maneira efetiva a questão das multitemporalidades que compõem o contemporâneo e nem de propor medidas que tenham como meta a implementação de políticas que visem a experimentação e o compartilhamento do tempo de maneira democrática. Isto posto, nos parece pertinente a afirmação de Sharma quando diz que “espaços devagar sustentam temporalidades desiguais”²²⁶. Esta declaração, nos permite situar as análises da autora em consonância com a visão de Bourdieu acerca das dinâmicas que relacionam tempo e poder em nossas sociedades contemporâneas e ocidentais.

O esbulho extremado do subproletário [...] faz surgir a evidência da relação entre o tempo e o poder, ao mostrar que a relação prática com o porvir, no qual se engendra a experiência do tempo, depende do poder e das oportunidades objetivas que ele descortina. [...] Em suma, a adaptação às exigências tácitas do cosmos econômico só é acessível aos que detêm um mínimo de capital econômico e cultural, isto é, um mínimo de poder sobre os mecanismos que devem dominar²²⁷.

Ao atentarmos para os espaços ocupados pelos indivíduos que manifestam em seu dia a dia temporalidades variadas, verificamos com Sharma e as constatações apreendidas da leitura de Bourdieu que desacelerar não aparenta ser a melhor resposta para a reivindicação de uma experiência temporal mais plena e igualitária. Afinal, no caso da análise dos papéis encarnados pelos próprios membros do movimento, ao menos nos exemplos apresentados, pudemos notar que o slogan em prol do tempo desacelerado pouco corresponde à realidade daqueles que são diretamente subjugados nas articulações que a associação estabelece entre tempo e poder.

²²⁶ No original: “[...] slow spaces sustain uneven temporalities”. SHARMA, Sarah. *In the Meantime*, op. cit., p. 134. Tradução nossa.

²²⁷ BOURDIEU, Pierre. O ser social, o tempo, o sentido da existência, op. cit., p. 273.

A partir dos casos expostos, ressaltamos que a investigação da simultaneidade de experiências temporais desiguais revela-se como um elemento essencial para que possamos desnaturalizar experiências temporais encaradas como normais e imaginar intervenções práticas de caráter político, a começar pelo universo do trabalho, que visem priorizar novas formas de solucionar ou ao menos amenizar os problemas resultantes desta realidade.

Esta forma de abordagem do fenômeno da aceleração aflui diretamente para questionamentos acerca de certas premissas de interesses, algo que Koselleck resume da seguinte maneira: “Do ponto de vista político, vale saber quem acelera - ou retarda – quem ou o quê, onde e porquê”.²²⁸ Assertiva esta que se direciona tanto às políticas do tempo citadas no início deste capítulo, como às relações entre tempo e poder que abarcam as performances das temporalidades do cotidiano que conectam sujeitos e instituições.

Depois de nos dedicarmos a investigar algumas das articulações entre tempo e poder presentes no *Slow Food*, principalmente no âmbito das atividades do movimento no Brasil, retomaremos agora os questionamentos que abriram este capítulo, o que em poucas palavras significa que tentaremos responder à pergunta: Como a chegada e a permanência do *Slow Food* nos permite compreender melhor o fenômeno da aceleração contemporânea no país?

Por fim, reiteramos que, sem dúvida, esta não é a primeira pesquisa interessada em trazer ao debate questões pertinentes à experiência do tempo em nosso território. A fim de fazermos jus e traçarmos um pequeno panorama do que tem sido produzido no Brasil a esse respeito, citaremos também algumas contribuições de pesquisadores nacionais como Francine Iegelski, Rodrigo Turin e outros que – de modo até mais incisivo, já que recentemente lançaram um livro sobre o assunto, como é o caso de Valdeir Araújo e Mateus Pereira – não têm medido esforços na busca por tentar compreender as singularidades das performances do tempo na sociedade brasileira.

3.2 Tempos *brasis*

A chegada oficial do *Slow Food* ao Brasil em 2004 não foi aleatória. As etapas que levaram à sua inserção e aos seus primeiros passos em solo brasileiro situaram-se em convergência direta com as mudanças no ambiente político, econômico e social em andamento naquele período. De maneira um tanto quanto irônica e peculiar, as ideias da associação – não esqueçamos, oficialmente direcionadas a defesa do tempo lento – encontraram portas abertas no país justo no momento em que aqui se iniciavam as maiores investidas aceleratórias dos

²²⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*, op. cit., p. 188.

últimos tempos. O corolário “bom, limpo e justo” se deparou com um terreno fértil no “Brasil de Lula” e com ele caminhou *pari passu* com as transformações políticas que caracterizaram o complexo cenário brasileiro destes derradeiros 16 anos.

Os primeiros contatos do *Slow Food* com o Brasil aconteceram de maneira tímida, localizada. A primeira vez que o movimento fez parte de uma iniciativa em solo nacional foi quando conferiu apoio ao projeto “Mesas fraternas”, em 1995. Nessa ocasião, a associação italiana auxiliou o financiamento de um refeitório do hospital *Yanomami*, localizado em Roraima²²⁹. O fato, isolado, não refletiu em maiores desdobramentos naquele momento. Contudo, em poucos anos a semente plantada no norte do país acabou ressoando nos ouvidos de alguém distante, que faria uma grande diferença trazendo as ideias do *slow* para o país.

Foi em 1996 que a *chef* carioca Margarida Nogueira teve seu primeiro contato com o *Slow Food*²³⁰. Encantada com o discurso em prol de uma alimentação sustentável e também profundamente consternada pela ajuda do movimento à demanda indígena em 1995, em 1999 ela decidiu visitar Turin, na Itália. Conhecedora da língua italiana, a “mãe do *Slow Food* no Brasil”, conforme certa vez a chamou Petrini, encarregou-se das primeiras traduções dos textos para a língua portuguesa e, em 2000, inaugurou no Rio de Janeiro o primeiro convívio *slow*.

O período que se seguiu permaneceu sendo sutil para as atividades da organização em território nacional, uma vez que alguns poucos convívios iam surgindo a partir de iniciativas pontuais que mais se voltavam para a educação do gosto. No entanto, o ano de 2003 pode ser considerado um ponto de inflexão na história do *Slow Food* no Brasil. Foi neste ano que a equipe técnica italiana conheceu o trabalho promovido pelos índios *Krahô*s que, em associação com a Embrapa, conseguiram reintroduzir o cultivo de um milho antigo, relevante para a sua alimentação e cultura tribal, chamado *pôhypey*²³¹. Este foi um caso icônico no processo de aproximação do *slow* com o país, já que a iniciativa indígena despertou de tal modo a atenção do movimento que, em 2003, os membros da organização indicaram o milho *pôhypey* para o prêmio *Slow Food* para a Biodiversidade²³².

Contudo, é necessário que se diga que nem os esforços de agentes individuais, nem o benquistado milho dos *Krahô* foram tão fundamentais para a incursão do *Slow Food* no Brasil quanto um fator crucial: a vitória de Luís Inácio Lula da Silva nas urnas de 2002. Não apenas

²²⁹ OLIVEIRA, Daniel Coelho de. *Comida, carisma e poder: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil*, op. cit., p. 124.

²³⁰ *Ibid.*, p. 124-125.

²³¹ GENTILE, Chiara. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais, op. cit., p. 77.

²³² *Ibid.*, p. 78.

para as classes populares do país, mas também para projetos internacionais de cooperação mútua, o “Brasil de Lula” significou o alvorecer de um novo tempo repleto de oportunidades que até então havia permanecido obscuro em razão dos programas neoliberais de governos anteriores, que tinham trazido chances de enriquecimento apenas a uma parcela ínfima da população: investidores, especuladores, a elite financeira, a alta burguesia e o mercado das privatizações. Destaque neste contexto que precedeu a chegada de Lula ao poder, foi o período em que o país esteve sob o comando do presidente Fernando Henrique Cardoso, ocasião em que o Brasil mergulhou em um profundo mar de desestatizações e enxugamento das verbas destinadas a políticas sociais.

A conquista de Lula nas urnas descortinou não somente no imaginário nacional, como internacional, um novo horizonte de expectativas. “A esperança venceu o medo”, disse o presidente eleito um dia depois dos resultados das eleições de 2002²³³. Se para uns, esse quadro significou a deleitosa sensação de ver um de nós, de origem proletária como a nossa, no Planalto Central, para outros, revelou-se no já bem conhecido pânico da elite econômica brasileira de ver ameaçado o seu *status* e poder.

Relembramos que o nosso objetivo não é realizarmos um ensaio político. Nosso intuito nessas breves linhas é apenas desenharmos um esboço sobre o panorama dos anos que marcaram a inserção do *Slow Food* no país. Como citado na seção que abre este terceiro capítulo, nos interessa saber que fatores foram relevantes para a chegada da associação ao Brasil, precisamente no ano de 2003. Nosso argumento é que da mesma forma que as condições históricas nos ajudam a compreender a boa recepção do *Slow Food* no Brasil no início dos anos 2000, assim também as etapas que vão desde a chegada até a consolidação do movimento no país nos permitem arriscar algumas considerações sobre as singularidades quanto às formas de experimentação da aceleração do tempo em território nacional em sua dimensão mais atual.

Isto posto, nossa primeira consideração é de que o quadro oferecido pelo Brasil dos anos 2000, sobretudo a partir da chegada de Lula ao poder, nos parece bastante diferente daquele presentismo diagnosticado por François Hartog acerca da Europa pós 1989 até os dias atuais. Isso nos ajuda a compreender o porquê do tão grande entusiasmo da comitiva italiana com a eleição de Lula no pleito de 2002. A sensação de um “presente monstro”, aglutinador e engolidor não encontrou ressonância no cenário brasileiro no qual se descortinava a expectativa do novo, o anseio por rupturas e a aspiração à uma democracia, de fato, mais genuína do que aquela dos anteriores governos neoliberais.

²³³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u41584.shtml>. Acesso em: 18 de março de 2019.

A escalada de Lula à presidência situou-se na senda de uma experiência nacional que fora tecida nos últimos anos, só para nos atermos ao passado mais próximo, a partir de um processo de redemocratização, cujo ápice foi a promulgação da constituição de 1988, sendo seguido, entre os anos de 1990 e 2002 por medidas liberalizantes e de incentivo ao Estado Mínimo. Ver Lula como chefe supremo da nação traduziu-se no apelo ao resgate das iniciativas de caráter público-social que fizeram parte dos anos seguintes ao fim da ditadura, e que acabaram sendo obliteradas pelos governos posteriores. “Queremos Lula lá” era a conclamação do “ainda tem jeito”, a revalidação da esperança pela crença em um futuro melhor.

Questionando como as categorias de análise do tempo nos ajudam a compreender a experiência temporal em nosso país, Francine Iegelski contribui para o debate ao defender que os contornos das historicidades em formação no Brasil da redemocratização eram bastante diferentes daqueles que possibilitavam falar de uma experiência presentista na Europa durante aqueles mesmos anos²³⁴. Respalhando-se em Hartog quando este argumenta que é possível investigar diferentes formas de historicidade não apenas a partir de textos provenientes de historiadores, mas também de intelectuais dos mais variados domínios, a autora se utiliza de um breve aporte de Florestan Fernandes.

Seu objetivo ao tomar como ponto de reflexão um trecho do autor sobre a Constituição, publicado em 1990, é demonstrar quão divergentes são as expectativas em andamento no Brasil quando comparadas ao que Hartog observa no velho mundo, após a queda do muro de Berlim. Um interessante trecho de Fernandes, citado por Iegelski, nos ajuda a demonstrar de forma ainda mais clara o seu argumento: “A história que parece estagnada, corre veloz em seus subterrâneos e põe-nos diante de esperanças políticas que transcendem as constituições burguesas e nos obriga a pensar no futuro como antítese de um presente contraditório e enigmático”²³⁵.

Desta forma, a autora retoma a importância dos regimes de historicidade oferecidos por Hartog ao se referir ao seu potencial como instrumento comparativo a fim de tentarmos compreender diferentes experiências do tempo em sociedades distintas. Ao questionar se “Viveríamos no Brasil, hoje, uma experiência de tipo presentista?”, a historiadora lembra que a motivação de Hartog não é utilizar o presentismo como um conceito universalizante – ponto este sobre o qual se atêm muitos de seus críticos²³⁶. Se, de fato, o uso de um termo específico – presentismo – soa como uma pretensão de definição epocal, nos parece que o interesse do

²³⁴ IEGELSKI, Francine. Resfriamento das sociedades quentes? - Crítica da modernidade, *História Intelectual, História Política. Rev. Hist.*, São Paulo, n. 175, p. 385-414, Dec. 2016, p. 409.

²³⁵ FERNANDES, Florestan, 2014, p. 26 *apud* IEGELSKI, Francine, *ibid.*

²³⁶ *Ibid.*, p. 411.

historiador francês vai muito além deste objetivo. É seguindo este raciocínio que os regimes de historicidade se apresentam, segundo a nossa compreensão, como uma espécie de gatilho, um *start* que nos ajuda a pensar via contraste e/ou assimilação.

Após uma expressiva baixa durante a década de 1990, com uma série de políticas neoliberais implantadas no Brasil, o despontar de um futuro repleto de esperanças alcançou sua apoteose com a chegada de Lula à presidência. Embora a realidade que se viu no primeiro mandato da figura mais icônica do PT tenha ficado muito além do que era esperado no quesito de profundas transformações sociais, de reformas de grande monta, mesmo isso não foi motivo para a incredulidade dos mais otimistas. Isso explica em parte a reeleição do presidente no pleito de 2006 e, a partir daí sim, o vislumbre em carne e osso do desenvolvimento nacional já tão esperado pelos seus apoiadores e classes populares.

Não faz parte dos nossos propósitos discutirmos se este foi ou não um momento de políticas populistas no Brasil. Nosso foco é pensarmos acerca das medidas aceleratórias observadas durante todo o período que compreende os dois mandatos do presidente e analisarmos como estas transfiguraram-se em uma diferente experiência temporal em nosso país. Nossa defesa é a de que os projetos desenvolvimentistas implantados durante esse período foram responsáveis por reativar a crença em um futuro promissor, na medida em que a aceleração orientada para fins de crescimento econômico e desenvolvimento social foram fatores de enorme importância na elaboração de uma nova forma de percepção do tempo no Brasil. Tratava-se de uma aceleração com télos, destinada à conquista de um futuro diferente do que historicamente havia sido vivido até então.

De maneira bastante sucinta, das medidas implantadas durante a era PT – e aqui lembramos também do momento inicial quando Dilma assumiu a presidência da república – destacamos o otimismo decorrente da criação de inúmeros projetos de combate à desigualdade social e à pobreza; a melhoria no universo do trabalho com o aumento exponencial do número de ofertas no mercado formal; a reforma universitária e o surgimento do Prouni; a valorização do salário mínimo e o aumento do poder de compra e de acesso a créditos consignados, como a criação do Projeto Minha Casa Minha Vida; os programas de revitalização da indústria nacional, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o sucesso inegável conferido ao Projeto Bolsa Família, responsável por trazer novas e melhores possibilidades de vida a milhões de brasileiros que até então viviam abaixo da linha da miséria. Este conjunto de ações se refletiu no rápido crescimento econômico do país e no beneficiamento das mais amplas classes sociais, já que não apenas as camadas populares, mas a classe média, o agronegócio e as elites financeiras também lucraram.

Esse foi o momento de grande ascensão das investidas do *Slow Food* no Brasil. Embora o acordo oficial de parceria entre este e o governo brasileiro tenha se dado em 2004, o ano de 2007 foi marcado pelo crescimento dos projetos da associação no país, assim como pelo aumento da difusão de seus ideais, sobretudo, devido à realização do Terra Madre Brasil, naquele ano, e que contou com sua segunda edição em março de 2010²³⁷. Um dado relevante apontado por Chiara Gentile é que a paulatina saída de pessoas que ocupavam cargos importantes no governo foi essencial para os rumos adotados pelo movimento.

Isso significa que, com as posteriores oscilações enfrentadas pelo governo e a forma como estas refletiram na ocupação e demissão de cargos de relevância, muitos projetos foram abandonados ou simplesmente esmoreçam com a saída desses personagens. Reitera-se então quão atrelada foi a relação do *Slow Food* com o governo brasileiro desde a sua chegada. Outra informação significativa é que, no conjunto da bibliografia selecionada, há um consenso entre os pesquisadores dedicados a estudar as ações do *Slow Food* no Brasil que afirma que os projetos de maior sucesso do movimento foram aqueles implementados em lugares onde previamente já havia algum senso de cooperativismo e programas voltados para a promoção e proteção da produção local.

Algumas das campanhas implantadas pelo *slow* durante o segundo mandato de Lula foram: a Festa Junina Livre de Transgênicos, criada em 2009 e exclusiva do Brasil e a Moção das abelhas nativas elaborada ao longo do Terra Madre Brasil, realizado em 2010²³⁸. Atentando-nos para as ações do movimento apenas no âmbito do estado do Rio de Janeiro, verificamos também que este foi o momento de criação do Instituto Maniva (2007), a partir da cooperação entre as *chefs* Margarida Nogueira e Tereza Corção, membros do Movimento. E, em 2010, iniciaram-se as primeiras feiras do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas²³⁹.

O que se testemunhava era um país em rápido processo de avanço, sendo bem-sucedido não apenas aos olhos do público interno, como também à vista dos expectadores internacionais. Relembramos que enquanto a crise financeira de 2008 repercutia de maneira nefasta pelo globo,

²³⁷ Fonte: <http://www.slowfoodbrasil.com/terra-madre-brasil>.

²³⁸ Sobre a Campanha Festa Junina Livre de Transgênicos, ver: CASTRO, Flavia Marques de. *O alimento "bom, limpo e justo": saúde no discurso do movimento Slow Food no Brasil*, op. cit., p. 97. Sobre a Moção das Abelhas Nativas, ver: <http://www.slowfoodbrasil.com/campanhas/abelhas-nativas>. Acesso em: 10 de março de 2019.

²³⁹ Sobre as feiras orgânicas no Rio de Janeiro, ver: CASTRO, Flavia Marques de, *ibid.*, p. 57. Outras formas de apresentação da ideologia slow (slow living) surgem no Brasil durante este período. Dentre elas, o inusitado movimento denominado Clube de Nadismo, criado pelo designer Marcelo Bohrer, cujo objetivo seria reunir indivíduos em espaços públicos a fim de que eles nada façam durante um intervalo de 45 minutos. Com livro lançado em 2008 intitulado *A arte de desfrutar momentos sem fazer nada*, a justificativa de seu idealizador é que a pausa para o nada fazer contribui para o bem-estar físico e emocional do sujeito, assim como assevera que esta é também uma forma de aproveitamento do tempo. Para maiores informações, consultar o broadcasting disponível em: <https://reviewslowliving.com.br/2016/10/18/podcast-do-review-cinco-clube-de-nadismo-com-marcelo-bohrer/>. Acesso em: 10 de março de 2019.

a economia nacional continuava crescendo, situação esta que ia sendo cada vez mais ratificada, uma vez que o paradigma neoliberal estava sendo questionado, trazendo à pauta velhas indagações sobre a efetividade do compromisso de intervenção do Estado.

Defendemos, com os argumentos citados, a impossibilidade de considerarmos como plausíveis quaisquer generalizações de experiências temporais, ainda que vivenciadas no mesmo curso diacrônico. Uma outra observação que nos ajuda a reiterar este ponto de vista é o caso da suposição de um estado de dessincronização generalizada em que, segundo Hartmut Rosa, se encontrariam as sociedades aceleradas da modernidade tardia. Como pudemos ver, os anos que compreenderam os dois mandatos do Presidente Lula retratam uma tentativa de sincronização dos sistemas macro (política, economia e setores sociais) rumo a uma aceleração, se não única, teleologicamente bastante regulada e orientada: o crescimento econômico e social do país.

Percebemos assim o quanto são perigosas e superficiais as tentativas de identificar as peculiaridades que comportam as experiências temporais do Brasil contemporâneo com outras, completamente alienígenas ao nosso cenário político e social, fortemente difícil de prever²⁴⁰. Nisto verificamos uma lacuna na historiografia acerca de teorias sobre o tempo que nos ajudem a pensar as experiências temporais tanto passadas quanto contemporâneas latino-americanas. Mas não queremos incorrer em injustiças. Embora incipientes, pouco a pouco, pesquisas sobre este assunto têm surgido no Brasil. Um dos exemplos, são os trabalhos da já mencionada, Francine Iegelski. De grande relevância, encontramos também as pesquisas de Rodrigo Turin, Mateus Pereira e Valdei Araújo.

A lembrança destes três últimos pesquisadores não nos surge por acaso. Retomá-los, a esta altura, situa-se no centro de nossos esforços a fim de compreendermos nosso passado mais próximo, como já citado, dos anos que vão da Era Lula até a atualidade. Depois que tentamos demonstrar como as relações entre o movimento *slow* e o governo brasileiro podem nos ajudar a pensar em algumas das experiências temporais mais recentes em nosso território, consideramos necessário circunscrever o *Slow Food* também em um panorama ainda mais atual.

A eleição de Dilma em 2010 foi marcada pelo otimismo quanto à continuidade dos projetos e campanhas de crescimento do país. No entanto, conforme afirma André Singer, ao contrário de representar apenas uma continuidade do PT na presidência, a chegada de Rousseff significou um estrondo ainda maior²⁴¹. Não por acaso, com o título “Cutucando onças com

²⁴⁰ Salientamos que mesmo no panorama europeu é provável que hajam singularidades não passíveis de serem explicar ou de serem compreendidas por meio de conceitos fechados ou apriorísticos.

²⁴¹ SINGER, André. Cutucando Onças Com Varas Curtas. *Novos Estudos Cebrap*, n. 102, p. 43-71, jul., 2015.

varas curtas”, Singer tenta demonstrar a briga comprada pela presidente eleita que, ao contrário da diplomacia lulista, se lançou direto e de cabeça ao projeto desenvolvimentista, deixando apavorada a elite econômica do país, composta por banqueiros, empresários e investidores do capital financeiro global. De maneira bastante objetiva, Singer afirma que “enquanto Lula não foi confrontacionista, Dilma [decidiu] entrar em combates duros. [...] O Estado arrogava o direito de intervir na quintessência do capitalismo, a saber, o lucro”²⁴². E este confronto não foi em vão. Os primeiros 36 meses do governo Dilma reafirmaram e criaram novas políticas de aceleração de crescimento no país, estimulando ainda mais o otimismo vigente.

Para o *Slow Food* este continuou sendo um período extremamente promissor para seus projetos. Em 2011, a associação declarou apoio aos produtores nacionais de queijo de leite cru, gerando uma campanha em defesa da produção dos queijos artesanais²⁴³. No Rio de Janeiro, em junho de 2012, a associação participou da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20²⁴⁴. Em 2013, foi formalizada a Associação *Slow Food* Brasil, na cidade de São Paulo²⁴⁵. Por sua vez, a campanha *slow fish*, cujo objetivo é se contrapor à pesca predatória, ganhou contornos nacionais e, em 2013, foi criado o projeto *Slow Fish* Brasil²⁴⁶. Em janeiro do mesmo ano, chegou também ao país a campanha Disco Xepa, inaugurada em Berlim em 2012, pela Rede Jovem *Slow Food*, cujo meta é a “educação contra o desperdício alimentar”²⁴⁷. Depreendemos, portanto, que a euforia rumo a uma aceleração que possibilitasse um desenvolvimento rápido do país continuou vigorando durante os primeiros anos do governo Dilma e isso reverberou, sobremodo, nas atividades do *Slow Food* por aqui.

Mas é preciso lembrar que o Brasil de Dilma recuou. A estagnação do crescimento econômico que se iniciou em 2013 foi apenas um dos sintomas da avalanche de problemas que a presidente tão logo haveria de enfrentar. Um exemplo marcante foram as manifestações de junho de 2013 nas quais se verificou um profundo descontentamento de vários setores da própria esquerda com as últimas medidas de retrocesso tomadas pelo governo, situação essa da qual a direita soube bem se aproveitar, engrossando ainda mais o coro contrário à Dilma. Em 2014, o aumento dos juros já era questão inegável – por mais que a comitiva da presidente,

²⁴² SINGER, André. Cutucando Onças Com Varas Curtas, *op. cit.*, p. 47.

²⁴³ CASTRO, Flavia Marques de. *O alimento "bom, limpo e justo": saúde no discurso do movimento Slow Food no Brasil*, *op. cit.*, p. 95.

²⁴⁴ OLIVEIRA, Daniel Coelho de. *Comida, carisma e poder: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil*, *op. cit.*, p. 161.

²⁴⁵ CASTRO, Flavia Marques de. *O alimento "bom, limpo e justo": saúde no discurso do movimento Slow Food no Brasil*, *op. cit.*, p. 45.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 95

²⁴⁷ Cf.: *Guia Prático para organizar um Disco Xepa*. Material produzido pelo Slow Food Youth Network Brasil. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/guia-pratico-para-organizar-uma-disco-xepa.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2019.

principalmente o então ministro da Fazenda Guido Mantega, tentasse escamotear tal estado das coisas. O corte nos gastos públicos, somado ao galopante aumento do desemprego, demonstravam que os bons tempos eram passados e que um panorama bem diferente da euforia inicial desenvolvimentista estava apenas começando a se revelar.

A chegada de 2015 e o segundo mandato de Dilma trouxeram à tona o que não era mais possível de esconder. A situação ia mal. De acordo com os argumentos de Singer, Rousseff se viu sozinha. Sem o apoio dos industriais, com uma popularidade quase no fundo do poço e sem conseguir mobilizar as classes populares e proletárias a seu favor, a presidente caiu. Conforme bem ilustra Singer no resumo de seu artigo: “Com a intenção de acelerar o passo do lulismo, Dilma cutucou muitas onças com varas curtas”²⁴⁸. Em 2016, Dilma teve seu mandato cassado em decorrência de processo de impeachment e em seu lugar, assumiu o seu vice, Michel Temer.

Defensor pleno do ideário neoliberal, Temer se aproximou quase que instantaneamente dos interesses das elites financeiras do país e pôs em pauta uma série de reformas diretamente contrárias às conquistas adquiridas pelas classes populares nos anos anteriores. Dentre as de maior destaque lembramos da retomada dos debates sobre as reformas trabalhista e previdenciária, com o objetivo claro de aumentar a carga (anos) de trabalho e contribuição previdenciária, assim como de favorecer empregadores, em notório detrimento dos trabalhadores²⁴⁹. De modo similar, esse foi um momento de enxugamento dos gastos públicos, contenção que se fez sentir dolorosamente pelos setores da educação, saúde e cultura²⁵⁰.

No cenário que se desenhava, as campanhas e projetos do *slow* no Brasil foram se afastando do impulso inicial tomado pelo movimento. A sua dependência a instâncias governamentais ligadas à Lula e posteriormente à Dilma, nos leva a supor que os problemas enfrentados pelo governo federal influenciaram de maneira decisiva as atividades da associação, situação que pode ser traduzida por uma sensação de desespero em face dos novos quadros federais instituídos.

De um modo geral, pelos menos para aqueles diretamente afetados pelas decisões de Temer no poder, o período posterior à saída de Dilma foi caracterizado por uma sensação de profunda suspensão, de incerteza quanto ao que seria do amanhã. O horizonte de expectativas

²⁴⁸ SINGER, André. Cutucando Onças Com Varas Curtas, *op. cit.*, p. 39.

²⁴⁹ Sobre as reformas e medidas acionadas por Temer ver: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/27/politica/1474932406_531685.html. Acesso em 22 de março de 2019. <https://www.cartacapital.com.br/politica/rejeicao-as-reformas-de-temer-beira-a-unanimidade-aponta-pesquisa/>. Acesso em 22 de março de 2019.

²⁵⁰ Sobre os cortes públicos ver: <https://veja.abril.com.br/economia/para-compensar-preco-do-diesel-governo-onera-empresas-exportadoras/>. Acesso em: Acesso em 22 de março de 2019. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/31/politica/1527790717_851019.html. Acesso em 22 de março de 2019.

vislumbrado entre os anos de 2016 e 2017 apresentava-se como profundamente diferente dos anos anteriores, quando o país, de fato, crescia. Os anos de otimismo haviam chegado ao fim. O mal-estar causado pela persistência da sensação de ataques consecutivos, trouxe à tona não apenas um estado de cansaço compartilhado por milhões de brasileiros, como também de exaustão e medo.

A fim de buscar compreender as experiências temporais em fluxo no Brasil ao longo destes últimos anos, Rodrigo Turin tem atentado sobre o papel das Humanidades neste contexto²⁵¹. Segundo o historiador, com pesquisa em andamento sobre o assunto, a ausência de télos que caracteriza o fenômeno da aceleração na modernidade tardia tem implicações diretas para o sentido de ser, o lugar e a função das Humanidades.

Em um universo acadêmico visivelmente marcado pela inserção dos modos de governamentalidade neoliberal, como pensar o papel da História já que o corolário de formação e projeto, próprios da narrativa histórica, é substituído progressivamente por novos paradigmas de ensino focados em critérios como: capacidade, flexibilidade e disponibilidade? Ao observar as formas como indivíduos e instituições são incitados a agir em função dos delineamentos do ordenamento político, financeiro e tecnológico dominante, Turin nos convida a analisarmos o tempo para além de uma perspectiva uniforme, ressaltando as multitemporalidades e as assimetrias que dão o tom da experiência do tempo na contemporaneidade, com recorte específico para a atual realidade acadêmica brasileira.

Lançado no X Seminário Brasileiro de Teoria da História e História da Historiografia, realizado no mês de outubro de 2018, o livro *Atualismo 1.0 – Como a ideia de atualização mudou o século XXI* representa mais um interessante esforço de compreensão da experiência do tempo contemporâneo, realizado por pesquisadores brasileiros. É deste modo que os historiadores Mateus Pereira e Valdei Araújo partem da obra *Ser e Tempo*, de Heidegger, a fim de elaborarem novas possibilidades de leitura sobre a experiência do tempo presente a partir das temporalidades do *Dasein* trabalhadas pelo filósofo alemão.

Ao levantarem alguns pontos de crítica sobre o regime presentista de Hartog, Pereira e Araújo se lançam na tarefa de propor alternativas de análise acerca do tempo, concentrando-se na dimensão tecnológica/virtual das relações contemporâneas²⁵². Os autores apontam a

²⁵¹ TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades, *op. cit.*

²⁵² Algumas das críticas dos autores ao regime presentista de François Hartog, se referem a este ser mais um juízo de valor por parte do historiador francês do que realmente uma hipótese de trabalho. Outra questão seria a incoerência entre a continuidade da aceleração do tempo, quando a perspectiva sobre o futuro permaneceria obliterada, devido à sua apreensão como ameaça. Também faz parte de suas críticas, a incongruência de se imaginar um tempo histórico destituído de futuro. Para maiores detalhes, ver: ARAUJO, Valdei Lopes de;

capacidade de “abertura” do Ser-aí, quando este é capaz de decidir e se projetar quanto ao futuro²⁵³.

Esta temporalidade “própria”, focada na compreensão, quando o Ser-aí tem a possibilidade de se lançar ao devir, decidindo sobre ele, seria diretamente contrária à temporalidade imprópria, caracterizada pela espera e a sucessão de “*agoras*” vazios de sentido. Esse modo de temporalização do presente, seria definido por Heidegger como atualização²⁵⁴. De acordo com os autores: “o futuro é entendido apenas como espaço em que as coisas “surgem”, “emergem” e podem ser vistas na atualidade”²⁵⁵. De modo sucinto, a relação do *Dasein* com a temporalidade imprópria, definida pela contínua “atualização do atual” ou “atualismo”, implica na impossibilidade do Ser-aí de voltar a si²⁵⁶:

Cheio de novidades que passam a sensação de uma aceleração crescente, mas que são incapazes de transformar ou abrir a realidade para possibilidades de diferença, na decadência [ou seja, o presente], resta ao Ser-aí estar sempre por dentro do novo, up to date com uma realidade em constante “surgimento”. Por isso, a “atualização automática” que parece simplesmente surgir em nossos celulares e computadores torna-se irresistível, uma metáfora e uma estrutura “arquetípica” das temporalizações do atualismo²⁵⁷.

A imagem da capa que abre o artigo de Mateus Pereira e Valdei Araújo que tomamos como referencial, demonstra bem a relação pensada pelos autores entre a perspectiva do atualismo e a configuração política brasileira do período quando o texto foi publicado. Trata-se de fotografia da votação do *impeachment* de Dilma Rouseff, realizada no Senado. A sensação de impotência quanto a uma sucessão de *agoras* incontornáveis por parte daqueles que eram contra o que para tais foi qualificado como golpe, reflete o sentido de desorientação do tempo, como algo destituído do próprio eu, aquém do poder de ação e decisão do indivíduo.

A chegada de 2018, trouxe as expectativas próprias de um ano de eleições, mais ainda: de eleição presidencial. Os debates nas redes sociais, o espetáculo das *fake news*, a polarização nas ruas, um presidenciável esfaqueado, tudo isso marcou a singularidade das últimas eleições brasileiras. Cada lado, a sua maneira, defendia a sua postura e a visão quanto ao que seria um futuro melhor para a nação – ou, segundo a fala de alguns, um “um futuro menos pior”.

PEREIRA, Mateus. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, 2016, p. 277-279.

²⁵³ *Ibid.*, p. 286.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 283.

²⁵⁵ *Ibid.*, p. 284.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 285.

²⁵⁷ *Ibid.*

De todo modo, não se pode negar que a apatia resultante dos golpes sucessivos recebidos durante o governo Temer foi substituída por um enérgico engajamento em debates políticos sobre o pleito em disputa. Fossem *bolsominions*, petistas, centro-esquerda ou moderados, cada um defendeu a sua própria perspectiva na crença de um horizonte para o país, fosse novo ou conservador. Seria uma retomada na credulidade quanto à abertura para o futuro? Compreendemos que não. O vigor com que foram assumidos os debates e as disputas ideológicas podem ser entendidas mais como parte da competitividade e acirramento das diferentes mentalidades e propostas em questão do que propriamente a abertura para projeções de maior alcance.

Em janeiro de 2019, assume o cargo máximo no planalto o candidato mais direitista que o país já teve desde o golpe de 1964. De seus defensores ainda se ouvem os ecos de que o país voltará aos rumos quando todas as reformas retrógradas e projetos conservadores foram implementados. Nesse barco vale tudo: militarização das escolas, concessão de posse de armas, livre arbítrio para a polícia, submissão da política nacional aos interesses de Trump no Brasil. Por outro lado, para os cerca de 89 milhões de brasileiros que não votaram neste candidato ficou a obstinação da resistência, do sentimento de uma luta que só está começando²⁵⁸. Uma batalha árdua que, se não ofusca completamente o horizonte de expectativas, o torna bastante míope até para os mais esperançosos.

O último posicionamento do *Slow Food* quanto ao cenário atual se encontra em carta publicada no site nacional da associação, em 17 de outubro de 2018, ou seja, antes do segundo turno das eleições²⁵⁹. Embora seja um tanto longo, consideramos pertinente citarmos alguns trechos do documento:

Querida rede Slow Food Brasil,

Frente ao resultado das eleições deste 1º turno e à polarização política em que nos encontramos, com o crescimento de discursos de ódio, violência e intolerância, e diante do debate que emerge em nossos canais de comunicação, se faz necessária e urgente nossa manifestação.

Vivemos um momento crítico, de sério risco à democracia. Enquanto ativistas por uma agricultura de bases agroecológicas e pelo reconhecimento e valorização da cultura alimentar dos povos e seus territórios, entendemos o ato de comer como um ato político. A busca coletiva pelo alimento bom, limpo e justo para todos só é possível de se realizar num Estado Democrático de Direito, por meio do diálogo com os mais diversos setores da sociedade e pela construção de políticas públicas que reconheça [sic] e valorize as nossas sociobiodiversidades.

²⁵⁸Cf.: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/29/58-milhoes-votaram-em-bolsonaro-89-milhoes-nao-brasil-quebra-recorde-de-votos-nulos/>. Acesso em: 20 de março de 2019.

²⁵⁹ Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/textos/noticias-slow-food/1469-carta-a-rede-slow-food-brasil-sobre-segundo-turno-das-eleicoes-presidenciais>. Acesso em: 20 de março de 2019.

Nos dois últimos anos foram notáveis os numerosos retrocessos nas políticas públicas para a agricultura familiar em nosso país, como o corte brutal no orçamento do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e o avanço de projetos de lei que flexibilizam a regulamentação de agrotóxicos. [...]

Diante do atual cenário, um olhar atento faz-se necessário. Ao compararmos os planos de governo e analisarmos os discursos dos presidenciáveis e suas equipes, percebemos que apenas um dos candidatos se mostra aberto ao diálogo e à construção democrática e participativa das políticas públicas, necessárias para superarmos os desafios da agricultura e alimentação.

O candidato Jair Bolsonaro sequer manifesta em seu plano de governo a palavra alimentação. Para a agricultura, tem olhos apenas para o agronegócio de produção de commodities e já demonstrou que está fortemente aliado à bancada ruralista, com a qual se mostra ideologicamente alinhado sendo favorável à flexibilização da regulamentação de agrotóxicos, à manutenção da lei Kandir (que isenta de IPI e ICMS os agrotóxicos), à qualificação de movimentos sociais como o MST como terroristas, ao fim do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas, ao avanço das fronteiras agrícolas na Amazônia, à fusão dos Ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, além de um discurso racista que não respeita os direitos de povos indígenas e quilombolas, dentre outros pontos que consideramos grave. Como deputado, votou a favor de diversos projetos de lei que são verdadeiros retrocessos na pauta socioambiental, como a transferência ao poder legislativo da responsabilidade pela demarcação de terras indígenas (PEC 215) ou do fim da rotulagem de alimentos transgênicos (PL 4.148/2008), e na pauta dos direitos sociais como a Emenda Constitucional 95/2016, que impõe um teto dos gastos públicos do governo federal vinculando-o à inflação por 20 anos, mesmo que o país volte a crescer no período. No país em que mais se mata defensores da natureza e dos direitos humanos, ele pretende armar a população, o que certamente aumentará os já altos índices de violência no campo e na cidade.

Seria então, finalmente coerente falar de uma experiência presentista para o Brasil dos dias atuais? Com a vigência de um quadro político oposto e o arrefecimento na fé em um futuro melhor – algo que fica implícito na carta publicada pelo movimento antes mesmo do resultado final do pleito eleitoral – é possível enquadrarmos o país em um diagnóstico presentista? Por mais que nos seja tentador utilizarmos deste conceito para explicar nossa experiência temporal corrente – poderíamos falar de desaceleração como sinônimo de retrocesso? – argumentamos, por fim, que ainda que alguns sintomas presentistas se apresentem como gritantes, como a sensação de tentarmos nos mover em um mar de areia movediça sem nenhum resgate à vista, mesmo assim seria precipitado classificarmos a atual experiência temporal brasileira nesses termos.

Portanto, tal como são inúmeras as temporalidades que modelam a prática e permitem diferentes formas de temporalização no cotidiano, conforme salientado por Bourdieu, assim também são inúmeras as experiências do tempo na contemporaneidade brasileira, em todos os níveis que almejemos perscrutá-las, o que torna extremamente precário qualquer intuito de rotulação que tente nos enquadrar em modelos pré-concebidos. Assim, do mesmo modo que somos um país de dimensão colossal, de igual maneira deverão ser os esforços para a compreensão de nossas idiossincrasias temporais diversas e desiguais, nossas assimetrias.

3.3 Desacelerando no Rio de Janeiro²⁶⁰

Chegamos aos momentos finais desta dissertação. Mas antes, gostaríamos de deixar registrado o trabalho de campo que realizamos visitando e, de certo modo, também vivenciando, duas edições do evento *Desacelera* ocorridas, respectivamente, no dia 07 de outubro de 2017 e, no dia 25 de maio de 2018. Esclarecemos que a decisão de relatar brevemente esse testemunho aqui, no final dessa pesquisa, é porque identificamos nessas vivências algo que pode ser considerado como um resumo dos principais tópicos abordados ao longo de todo o nosso trabalho.

A partir de nossas observações etnográficas pudemos perceber em caráter empírico, tal como tratado no capítulo 1, a percepção, quase que consensual, da aceleração na contemporaneidade. O mal-estar dela decorrente, as angústias que fomenta no corpo e na alma. Outro aspecto de enorme valor para as nossas investigações diz respeito às relações entre poderes e temporalidades do cotidiano, conforme apresentado no capítulo 2. Questão que presenciamos de maneira bastante clara mediante a nossa participação nos eventos e a distribuição dos papéis neles observados. Por último, com essas experiências pudemos contemplar de perto o *ethos* que compõe o ideário devagar ou pró-desaceleração instaurado e em andamento hoje no Brasil.



Figura 7 – Imagem de divulgação do Desacelera realizado no dia 07 de outubro de 2017.

²⁶⁰ Encontramos em São Paulo um projeto similar, porém abertamente vinculado ao movimento slow e de atividades mais recorrentes. Este é o Desacelera SP. Segundo informações do site do movimento, tal como é apresentado: “Assim, desacelerar parece ser a única opção viável...Desacelerar não diz respeito, necessariamente, a ser devagar. Mas, sim, a prolongar o presente e viver sem pressa. É o resgate do natural, do orgânico, do artesanal. É a vida simples, o consumo consciente, a economia criativa e solidária, conceitos que vem ganhando força em todo mundo com o movimento *slow*”. Grifos do texto original. Para maiores informações ver: <http://www.desacelerasp.com.br/>. Acesso em 25 de março de 2019.



Figura 8 - Imagem de promoção do Desacelera realizado no dia 25 de maio de 2018



Figura 9 – Valores das atividades da 1ª Edição do Desacelera - Instantâneo em printscreen retirado do site oficial do evento. Fonte: <https://movimentodesacelera.wixsite.com/desacelera>

A fim de mergulharmos nas ideias propostas pelo evento, em sua primeira edição optamos por realizar duas oficinas: uma de meditação e uma palestra acerca do consumo consciente. Conforme mostrado na figura acima, os valores eram altos (palestras com duração de apenas 45 minutos cada), o que nos permitiu apenas a realização destas duas. Nossa escolha levou em conta a forte propaganda conferida à meditação como forma de desaceleração do corpo e da mente. Em relação à palestra selecionada, nossa decisão se deu em função de essa ser uma das premissas mais empregadas pelo *Slow Food*, o consumo politizado.

Sobre a participação nestas duas experiências, destacamos alguns pontos. Quanto à oficina de Yoga, em uma turma de cerca de 30 pessoas, havia apenas 3 pessoas negras. Em segundo lugar, grande parte dos alunos era composta por casais jovens e pessoas de meia idade que, aparentemente, nos sugeriam pertencer a uma classe social um pouco mais abastada, precisamente integrantes de diferentes estratos da classe média. Observamos isso pelos modos de se vestir, de se comportar e pelas conversas ocasionais escutadas durante os curtos momentos de diálogo durante a oficina. Ao final, a professora responsável fez menção ao instituto de Yoga onde leciona, na zona sul, convidando os alunos a conhecer mais profundamente o seu trabalho.

Quanto à palestra sobre consumo consciente, a participação do público foi bem menor, tendo em torno de 10 alunas. Ao contrário do que esperávamos, ou seja, uma palestra, de fato, mais politizada e de âmbito mais abrangente, o foco da apresentação foi a demonstração de opções de consumo de cosméticos sustentáveis, orgânicos, em outras palavras “ecologicamente corretos”. Durante a apresentação, foram citadas experiência de consumo de produtos produzidos no exterior cujas marcas, segundo apontado, eram mais comprometidas com o respeito à sustentabilidade e à preservação do meio ambiente do que outras, de origem brasileira.

A fim de explorarmos ainda mais nossa experiência etnográfica realizamos uma entrevista com a produtora do evento, cujo nome, por princípios éticos, manteremos em sigilo. O roteiro de nossas perguntas encontra-se no apêndice A, disponível no final da dissertação para conferência.

A produtora do Desacelera que chamaremos de V., contava em 2017 com 56 anos, era formada em jornalismo, moradora do Bairro do Flamengo e professora de Yoga em um dos mais conceituados *studios* do Rio de Janeiro. Segundo ela, a ideia para o evento não surgiu de qualquer relação com o movimento *slow*, embora ela o conhecesse pouco, mais especificamente, o *Slow Food*. De acordo com V., a vontade de criar um evento em prol da desaceleração surgiu depois de uma viagem aos Estados Unidos, quando lá estudou durante 5 anos em uma comunidade budista.

Para a surpresa de V., ao chegar ao Brasil, ela constatou que muitos de seus amigos próximos estavam fazendo uso de medicamentos psicotrópicos como algo completamente natural, como por exemplo, antes de reuniões de trabalho. Após essa observação ter lhe causado grande estranhamento, V. começou a idealizar o projeto do que viria a ser o evento que, segundo ela, tinha como meta levar às pessoas outras alternativas de práticas de vida que fossem mais calmas, mais atentas ao bem-estar sem a necessidade de recorrerem ao uso maciço de tais

substâncias. Durante toda a entrevista, a fala de V. referiu-se à desaceleração como um sinônimo de bem-estar, de experiência de conexão consigo mesmo.

Segundo afirmou V., “então a ideia do evento é essa: é você desacelerar para se conectar com o que é importante”. Seguindo este raciocínio V. fez várias alusões às demandas por respostas rápidas às mensagens recebidas via aplicativos tecnológicos e como o tempo dedicado a estes se reflete no empobrecimento do tempo dispensado a outros assuntos e situações de maior relevância, como a experiência da interação real entre pessoas.

Sobre o apoio recebido para a realização da ocasião, ela citou que no ano anterior possuía um *studio* alugado no local onde estava sendo realizado o Desacelera e, devido ao seu trabalho como professora de Yoga, foi fácil realizar os contatos necessários para conseguir a adesão de profissionais de áreas similares para que colaborassem com o evento.

Ainda de acordo com V., a venda dos ingressos para a participação nas atividades pagas foi um pouco aquém do esperado, mas ela concluiu que fosse normal, em um momento financeiro bastante complicado para o país, que a maior procura se desse em relação às atividades gratuitas. Tanto que este primeiro resultado não a desmotivou e quando questionada sobre a realização de outros eventos com a mesma temática, a sua resposta foi positiva, no que ela incluiu também a possibilidade de que o Desacelera ocorra ainda em outras cidades.

Quando perguntada se o mercado globalizado e a aceleração tecnológica poderiam caminhar juntos com a desaceleração a resposta de V. foi que hoje em dia há vários aplicativos para *smartphones* por meio dos quais é possível escutar sons da natureza, mantras, o que permite desacelerar quando se está caminhando ou dirigindo um automóvel, por exemplo. Por fim, quando questionada sobre o que seria fundamental para desacelerar V. respondeu: “Fundamental é entrar em contato com o seu próprio ritmo, sua própria energia”. Ao que ela salientou que para alcançar esse objetivo era necessária “a atenção, a consciência, por exemplo na sua própria respiração, com o contato com o exterior, com a natureza”.

Nossa última participação no Desacelera, em 2018, não foi muito diferente. O que nos chamou a atenção, em primeiro lugar, foi o evento ter sido realizado mesmo durante a greve dos caminhoneiros, ou como também ficou conhecida a crise do Diesel, entre 21 de maio e 01 de junho de 2018. Ou seja, um período de difícil mobilidade, quando o número de ônibus circulando nas ruas havia diminuído e o preço dos combustíveis aumentado. Ou seja, sair de casa neste período significou das seguintes possibilidades, ao menos uma: ou pagar altos preços em corridas de taxi ou *uber*, ou esperar demoradamente os meios de transportes públicos, ou ainda para aqueles detentores de automóveis particulares, encher o tanque ao custo de altas cifras.

De forma mais clara, participar, especialmente, desta segunda edição do Desacelera demonstrou-se uma prerrogativa de poucos, dos que detinham poder aquisitivo para fazer uso do seu potencial de locomoção, de fluidez do movimento. No nosso caso, só pudemos estar presentes no evento ao custo de longas horas de espera pelo transporte público, pois tratava-se de um trabalho de campo e não uma mera distração. Nosso comprometimento era com a pesquisa e não com um dia contemplativo de relaxamento tal como seria para os demais participantes da ocasião.

Nesta edição, realizamos outras duas oficinas: uma voltada para outra modalidade de meditação, envolvendo a percepção direta dos *chakras* presentes em nossos corpos e uma oficina, da nova palavra da moda, *mindfulness*. A grande exceção foi, por objetivos práticos e a fim de não sermos repetitivos, não termos realizado uma nova entrevista.

O número de presentes nas atividades desta edição foi visivelmente menor. Quanto aos tipos observados, as características permaneceram as mesmas: pouquíssimas pessoas negras e grande número de jovens (aparentemente na casa dos 20 anos) e pessoas, principalmente mulheres, de meia-idade.

A oficina de meditação, desta vez foi mais voltada para o conhecimento dos *chackras* relacionados com a sexualidade. Como na edição anterior, ao final da aula a professora fez divulgação de suas aulas particulares e em *studio*. O que nos chamou a atenção, foi a oficina de *mindfulness* que parecia ter reunido a maioria das pessoas que havia se disponibilizado a participar do evento. Abstendo-nos do propósito de tecer críticas a esta prática, surpreendeu-nos como os participantes da oficina pareciam eufóricos com atividades de duração extremamente curtas e aparentemente triviais, como andar em fila, com um pé após o outro em uma sala fechada ou então se deitar e ficar durante cinco minutos parado.

De todo modo, o que pudemos extrair destas experiências foram práticas que, embora não se autodenominassem adeptas ao movimento *slow*, compartilhavam de seus ideais, a partir de uma lógica não coletiva, mas sim voltada para o bem-estar individual. No espaço montado, vimos artesanatos sendo vendidos a altos preços, comidas orgânicas também disponíveis a alto custo, o que nos fez concluir que aquele era um espaço para poucos.

Retomando o que fora dito em seção anterior, o sucesso da chegada e desenvolvimento da ideologia *slow* no Brasil se deu em função da aceleração instaurada com os projetos da era lulista e, em grande parte, com ela declinaram em decorrência das severas transformações políticas de abrangência nacional. Com isso, ousamos defender que o *ethos slow*, principalmente no que tange ao *slow living*, ou modo de viver lento, acabou por se tornar apenas uma prerrogativa de uma dado grupo social que compartilha de muitos dos ideais da esquerda

comprometida com o meio ambiente e a politização do consumo, mas que nem por isso, deixa de ser uma esquerda muito específica e profundamente preocupada com o seu próprio bem-estar.

Nossa intenção não é eximir os estratos mais conservadores da sociedade deste mesmo tipo de consumo privilegiado. Contudo, atentamos que nos últimos anos questões como consumo consciente e preservação ambiental tem sido pautas importantes e incorporadas majoritariamente pela esquerda. Nosso objetivo, é destacar que o propósito dessa esquerda desacelerada não nos parece politicamente engajado, como tentamos sublinhar de maneira mais aprofundada ao longo desta dissertação. O tempo para estes desfrutadores do movimento *slow* ou de propostas similares continua sendo uma experiência focada no eu, monetarizada e destinada a poucos.

Feitas estas considerações, gostaríamos de deixar o leitor com duas imagens da primeira edição Desacelera (na era das *fake news*, esperamos que elas ainda falem mais do que palavras). A primeira é uma fotografia tirada com o intuito de mostrar o ambiente geral do evento, seus participantes, sua estruturação. A segunda não deixa de ser uma constatação e um provocação. Nela é possível observar que as únicas pessoas negras e, aparentemente de classes menos favorecidas, são três mulheres, em pé à esquerda, vestidas com uniformes de trabalhadores de serviços gerais, dobrando sacos de lixo, após limpeza realizada nos banheiros, localizados logo atrás delas. Um olhar atento, permite-nos notar como elas observam a ocasião de um ponto de vista da exclusão, de quem está ali, embora não faça parte daquele ambiente.

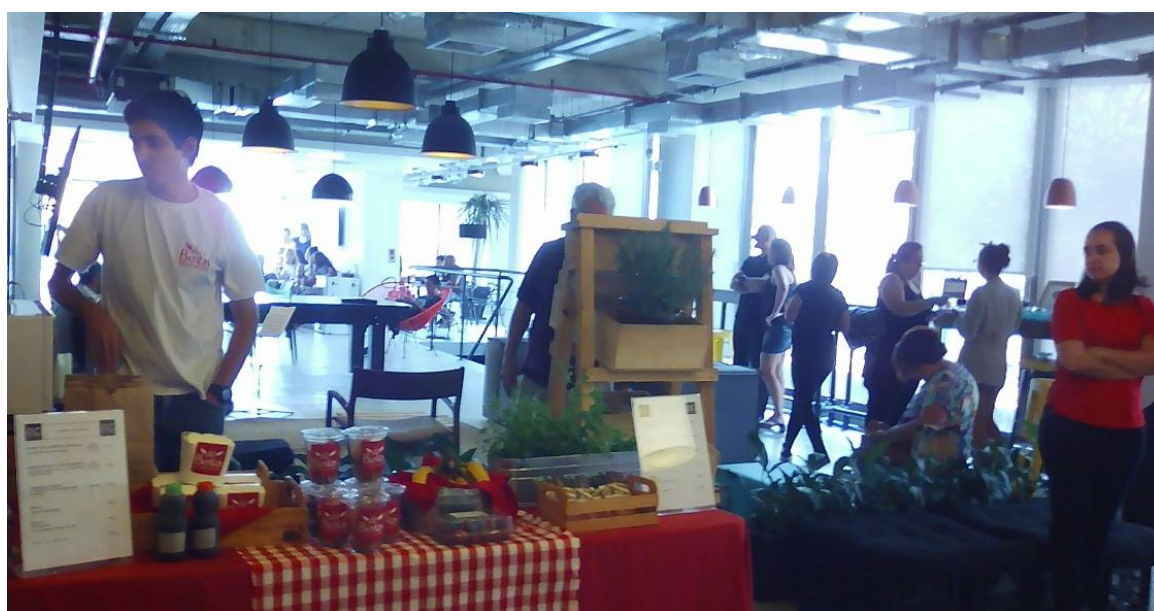


Figura 10 - Ambiente geral do evento. 1ª Edição Desacelera. Fotografia da autora.



Figura 11 - As três trabalhadoras no canto esquerdo. 1ª Edição Desacelera. Fotografia da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEPOIS DE NÓS²⁶¹

Esta pesquisa começou cheia de dúvidas e apreensões. Não é difícil imaginar que as inquietações foram frutos do pensar a nossa relação de angústia quanto ao tempo, o perturbador sentimento de escassez que todos os dias bate à nossa porta. Parece-nos que falta tempo para tudo. Um tempo que em um futuro não remoto poderá ser vendido literalmente como mercadoria, conforme apresentado no *blockbuster* (o filme não é bom, mas a ideia inicial sim) *O preço do amanhã*, de 2011. Quanto às dúvidas, a maior delas foi: como materializar a experiência do tempo em um caso concreto para estudo? É claro que o tempo, enquanto sua condição ôntica, continuou sem materialização alguma, mas encontramos no movimento *slow* um caso interessante para as nossas investigações.

Podemos dizer que deste caos aparente, originaram-se os objetivos fundamentais de nossos estudos, quais foram: compreender o fenômeno da aceleração na modernidade tardia e as performances do tempo a ela inerentes. Complementar a segunda parte da meta principal, surgiu a ideia de uma análise mais acurada sobre o movimento *slow*. Pensamos então, como um movimento que prega a desaceleração poderia nos auxiliar a compreender as performances temporais contemporâneas? Afinal, segundo o senso comum, tudo acelera. Portanto, ao depararmos com um ativismo que se propõe o contrário, intuímos que havíamos encontrado algo que valia à pena investigar.

E nossas conclusões começam aqui. Nem tudo acelera na modernidade tardia. Inclusive, como afirma Hartmut Rosa, também não há um formato padrão de aceleração. As sociedades ocidentais hiperaceleradas experimentam a aceleração de forma diferenciada sob a roupagem de temporalidades múltiplas e desiguais, como bem defende Sarah Sharma acerca dos tempos que constituem o universo do trabalho.

Por outro lado, a aceleração na contemporaneidade, seja ela experimentada sob quais modulações for, é diametralmente oposta àquela vivenciada na modernidade clássica. A aceleração que vivemos hoje é destituída de télos. Não há caminhos ou projetos a seguir. O que corrobora com as angústias enunciadas acima, já que tudo nos leva a afigurar uma pressa sem fim e sem objetivos claros. Apenas corremos. Esse é o sentido com que Bauman, em *Modernidade Líquida*, se refere à metáfora de Ralph Waldo Emerson, quando diz que vivemos como que patinando sobre uma fina camada de gelo. Se paramos, corremos o risco de o chão rachar sob os nossos pés. Logo, o segredo para continuarmos vivos na corrida é a velocidade.

²⁶¹ Referência à canção de Carlos Maltz, presente no álbum *A Irmandade Interplanetária*, de 1996 e regravação no Acústico MTV Engenheiros do Hawaii, lançado em 2004.

Aliás, nossas investigações nos conduziram a reiterar que essa é uma das lógicas principais da governamentalidade neoliberal. Segundo a qual, o *self improved man*, tem que permanecer como o ratinho correndo em sua rodinha na gaiola dourada. Correr, correr, para manter o mesmo *status quo*. Assegurar sua posição social, independente do que realmente deseja o seu espírito. Um *ethos* criado para corresponder às exigências do mercado, da empregabilidade e, acima de tudo, da imagem socialmente aceita e imposta do que significa ter uma “via boa”, ser um sujeito bem-sucedido e feliz.

Outro ponto que abordamos foi o regime de historicidade presentista e as possíveis formas de pensá-lo em relação ao movimento *slow*. Com as demandas de um tempo marcado pela iminência de diversas crises, como a de caráter ambiental, compreendemos que o *Slow Food* se aproxima da abordagem presentista, principalmente no que se refere à sua relação com a patrimonialização do meio ambiente. Este, inclusive, foi um grande *insight* durante nossas investigações, já que muitas vezes Hartog é criticado por não tratar de maneira direta acerca do tema da aceleração. De fato, ele não o faz. Entretanto, um olhar detido nos permite ver que a aceleração está presente em sua fala, como por exemplo, quando o autor se refere à onda patrimonial surgida nos anos de 1980, com o seu intuito de preservar tudo o mais depressa possível, antes que não reste mais nada para a posteridade.

O mesmo raciocínio vale para os projetos do *Slow Food* focados em acelerar para proteger, já que o futuro se apresenta como uma enorme ameaça para a biodiversidade sob risco de desaparecimento. Um exemplo expressivo, é o atual propósito de acelerar as conquistas da associação. Essa é a proposta do *Slow Food 2.0*, apresentada no VI Congresso Internacional do *Slow Food*, realizado em 2012, em Turin: “ 10.000 projetos na África, 10.000 produtos na Arca do Gosto, 10.000 nós na rede (comunidades do alimento ou convívio *Slow Food*)²⁶².”

Chegamos, assim, a uma das mais valiosas descobertas desta dissertação. O movimento *slow*, seja a vertente *Slow Food* ou as demais, necessita inexoravelmente da aceleração para que possa existir. Em termos simples: não existe *slow* sem aceleração. A multiplicidade temporal que verificamos em nosso estudo foi e é condição *sine qua non* para o surgimento e continuidade do movimento. Ora, não é à toa que o *slow* floresce – e se oficializa – conforme demonstrado especialmente no capítulo 2, no *boom* e deslanche de medidas aceleratórias surgidos no final dos anos de 1980.

Nem lento, nem devagar, o *slow* é multitemporal e completamente dependente da aceleração como seu meio de sustento, tanto financeiro (instituições públicas e privadas das

²⁶² Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/documentos/manual-do-slowfood-2013.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2019.

quais recebe apoio), quanto para a sua difusão (disseminação midiática) e preservação da biodiversidade (tecnologias empregadas no resgate e preservação de alimentos).

Ainda tremendamente profícua para a nossa empreitada foi a leitura analítica que fizemos do manifesto *Slow Food*. Grande parte de nossas questões foram respondidas, na medida do possível, a partir de incursão realizada nas linhas (e entrelinhas) deste documento. Pudemos observar que, além de depender da aceleração, o *slow*, na verdade, não é realmente contrário a esta. A aceleração contra qual se posiciona o *slow* é aquela de cunho alimentar, que tangencia a forma como são produzidos e consumidos os alimentos. Logo, a crítica do movimento é direcionada à indústria alimentícia, responsável por “introduzir em nossos lares”, usando o termo empregado no documento, o modo de alimentação *fast food* e com ele todas as suas mazelas. E esta é, portanto, a grande “sacada” do *Slow Food*: se oferecer como alternativa à “pornografia alimentar”, expressão utilizada por Petrini para se referir aos alimentos produzidos pelos grandes conglomerados industriais.

Ressaltamos, portanto, a estratégia do *Slow Food* em se apresentar como um novo nicho de mercado. O consumo consciente ganha no selo *slow* um adendo, uma diferenciação: o respeito ao modo lento de produção do alimento. E, porque não dizer um novo juízo moral entre os “eleitos” que podem pagar por esse tipo de comida e aqueles, que estão fora dessa prerrogativa de consumo.

Verificamos também que o selo lento do *Slow Food* silencia outras temporalidades. Precisamente, temporalidades desiguais que envolvem diferentes poderes e valoração dos papéis daqueles que compõem o movimento, que o vivem de dentro. Estas foram as observações que extraímos dos casos apresentados sobre o trabalho realizado em três Fortalezas espalhadas pelo Brasil e do exemplo mexicano citado por Sarah Sharma.

Percebemos que dependendo dos objetivos em jogo, o *Slow Food* mobiliza não somente diferentes temporalidades do cotidiano, como também diversos estratos temporais. Relembramos que o espaço de experiência apresentado em seu discurso é simplesmente mítico, idealizado e, que o seu horizonte de expectativas se caracteriza por um futuro permeado por temores e pelo impulso da rapidez em agir. De fato, uma perspectiva de futuro bastante próxima do que oferece a abordagem presentista. Embora os adeptos do *Slow Food* se refiram ao movimento como um grande projeto que visa a apreciação de um futuro melhor, este é fundamentado sob o medo e compreendido como apenas alcançável mediante a aplicação dos princípios de responsabilidade e precaução. Ou seja, por meio de medidas reativas às catástrofes que ameaçam o devir.

De modo algum menos importante, investigamos ainda as origens sobre as quais se assentou a criação do *slow*. Voltamos aos finais dos anos de 1950 na Itália, ao “milagre econômico”, à posterior crise política e econômica, ao Movimento Operaísta e, de tudo isso, buscamos extrair quais valores desse período foram empregados na composição do discurso *slow*. Com esta viagem no túnel do tempo, constatamos que noções de autonomia, flexibilidade, associativismo e regionalismo têm sido ativadas e readaptadas nas falas do movimento.

E em que tudo isso nos auxilia a responder a nossa pergunta inicial? A trajetória que traçamos nessa pesquisa nos permite corroborar com as teses de que vivemos em um momento que, se não há rótulo temporal que o classifique (embora não falem tentativas para isso), nossa verificação mais clara e incontestável é a experiência de multiplicidades temporais e mais uma vez citando Sharma, desiguais. São relações entre tempo e poder que tecem as disponibilidades do tempo vivido, das performances micro, da mobilidade, do estar, do fazer. Sobre essa questão, foram de grande relevância as contribuições de Bourdieu, com as suas asserções sobre possibilidades de análise entre tempo e poder.

Do mesmo modo, estas relações perpassam também as dimensões do tempo macro, a ordenação do tempo histórico dominante, o tempo das projeções, dos reclames por justiça. Interdependentes, são essas instâncias de poder que estruturam e estabelecem o tempo e as temporalidades (as recalibrações) e apresentam as disponibilidades temporais e o acesso de cada um a estas. Estes são os tempos que convergem para a elaboração de nossa historicidade.

Na etapa final de nossa viagem (afinal todo conhecimento pressupõe um caminho a ser percorrido), tratamos sobre a chegada do *Slow Food* ao Brasil. Percebemos como a atuação do movimento, pelo menos em território nacional, foi desde o início dependente dos projetos de aceleração do governo. Assim como o PT caiu e com ele foi suplantado o seu programa desenvolvimentista, entrou em declínio também a força original que motivou as primeiras empreitadas do *Slow Food* no país. No auge de uma esquerda que cada vez mais ganhava voz e conquistava novas posições durante a Era Lula e início dos anos Dilma, o *slow* viu no Brasil um terreno fértil para a implementação e difusão de seus ideais. Isso reforça a tese do quanto um ambiente em plena aceleração é um locus propício para a sedimentação do *slow*.

Reiterando que durante esse período não foi apenas o *Slow Food* que adquiriu destaque por aqui. Durante esses mesmos anos passou a ser difundido um novo *ethos*, a partir de diferentes vertentes *slow* e outras manifestações que nem se rotulavam assim, mas que compartilhavam de alguns de seus ideais, como a profusão do consumo de alimentos orgânicos e o retorno às hortas domésticas, urbanas, por exemplo. O país crescia economicamente, a oportunidade de vislumbrar um futuro diferente, melhor, era real. A ideia de um consumo mais

politicado, de uma nova perspectiva do cuidado e si (descanso, lentidão, alimentação mais saudável, reconexão com a natureza) foi ganhando aderência neste momento quando, pouco a pouco, voltava-se a acreditar no Brasil como o país do futuro.

Mas os tempos mudaram. E o novo panorama que se descortinou, a partir de 2016, nem de longe se apresenta promissor (ao menos para a maioria da população) como aquele observado entre os anos de 2003-2013. Para nos ajudar a compreender a experiência destes novos tempos, realizamos uma breve abordagem sobre como alguns pesquisadores brasileiros têm refletido sobre a questão. Por fim, ao menos um consenso: não há como descrever a experiência temporal vivenciada no Brasil na contemporaneidade nos termos dos diagnósticos produzidos por autores europeus.

É claro que, conforme foi bastante demonstrado no decurso deste trabalho, muitas contribuições podem ser tomadas de empréstimo. No entanto, seria um erro grasso, incorreremos na suposição de que, por exemplo, tal como Hartog se vale do regime de historicidade presentista para compreender a Europa atual, o mesmo diagnóstico valeria para enquadrar a realidade brasileira. Que, diga-se de passagem, não é única. Vivemos em um Brasil de muitos “Brasis”, ou seja, um cenário repleto das mais diversas e particulares formas de experiência do tempo.

Esperamos que, com os esforços deste trabalho, tenhamos contribuído para os estudos que tratam acerca da experiência do tempo na atualidade, sobretudo, no que tange ao tema da aceleração. É necessário frisar que almejamos que os assuntos contemplados nessa dissertação não fiquem restritos a círculos acadêmicos. Falar sobre o tempo é assunto que transpassa a cada um de nós, seja em conversa de bar, seja na fila do banco (aqui sem dúvida o tempo é experimentado de forma é lenta) ou em divãs terapêuticos. Se tivermos conseguido estimular o debate sobre o assunto, nossa missão terá sido cumprida. Porém não esgotada. Ainda há bastante para discutir sobre a forma como experimentamos o tempo hoje. E as relações entre tempo e poder que constituem principalmente as temporalidades do cotidiano é, com certeza, tema sobre o qual há muito para debater. Admitimos que fizemos pouco a este respeito, dado que nossos objetivos precípuos eram outros e que o nosso tempo, ou melhor, o nosso prazo era curto para tanto.

Este trabalho foi pensado para ser inquirido, refutado, complementado, superado. Sem qualquer vaidade de quem fala, esta pesquisa foi elaborada com o objetivo de “fazer pensar”. É bom quando há algo que nos move, nos tira o sono, reclama por respostas, incomoda, incita a nossa curiosidade e a nossa busca por conhecimento. Desejamos que aos menos esse objetivo

tenha sido conquistado e que estas indagações nos tragam, não o descanso de quem procurou e conseguiu encontrar, mas novas razões para continuarmos a questionar.

REFERÊNCIAS

Referências audiovisuais:

Catação de pinhão na Serra Catarinense. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LM7N5yiCJ4Q>

Máquina de quebrar Baru. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_zZ-k5mW6zY

O professor de farinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1tsbiB9f1E>.

Quanto tempo o tempo tem. Direção: Adriana L. Dutra. Brasil: Arthouse, 2015, 72 min.

Semelhantes - Coletoras de pinhão e a visão feminina do sustentável. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RoVdu085GwA&t=1188s>

Seu Bené vai à Itália. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lm3VFzkAozo&t=40s>

Tempo sem experiência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pVXI6c_MiAM

The story of the manioc. Teresa Corção. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=WUZg0GctazI>

Referências Movimento Slow:

Carta Slow Food Brasil sobre segundo turno das eleições presidenciais. Associação Slow Food do Brasil. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/textos/noticias-slow-food/1469-carta-a-rede-slow-food-brasil-sobre-segundo-turno-das-eleicoes-presidenciais>.

<http://www.cittaslow.org/>

<http://www.cittaslow.org/content/philosophy>.

Declaração de Chengdu. Disponível em: https://www.slowfood.com/wp-content/uploads/2018/05/00_Dic_Chengdu_POR_REV.pdf

https://www.fondazioneSlowFood.com/wp-content/uploads/2015/07/POR_vademecum10000_b1.pdf

HONORÉ, Carl. *Devagar.* Como um movimento mundial está desafiando o culto à velocidade. Record, 2005.

Manual Slow Food. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/documentos/manual-do-slowfood-2013.pdf>

Movimento Slow Food. *Biodiversidade, Arca do Gosto e Fortalezas Slow Food*. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/slowfood-publicacao.pdf>

Movimento Slow Food. *Eventos Slow Food Diminuir a distância entre produtor e consumidor*. Disponível em: https://www.slowfood.com/wp-content/uploads/2015/09/07_eventos_slow_food1.pdf

Movimento Slow Food. *Projeto mil hortas na África*. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/educacao-do-gosto/projeto-mil-hortas-na-africa>.

<http://www.slowfoodbrasil.com/fortalezas/fortalezas-no-brasil/106-fortaleza-castanha-baru-urucuia-grande-sertao>

PETRINI, Carlo. *Slow food: the case for taste*. New York: Columbia University Press, 2004 _____; PADOVANI, Gigi. *Slow Food Revolution: A new culture for eating and living*. Milano: Rizzoli, 2005.

PORTINARI, Folco. *Manifesto Slow Food*. Disponível em <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/manifesto>. Acesso em 08 de janeiro de 2018.

<https://reviewslowliving.com.br/2016/10/18/podcast-do-review-cinco-clube-de-nadismo-com-marcelo-bohrer/>.

<http://www.slowfoodeditore.it>

<https://www.slowfoodbrasil.com/fundacao>.

<http://www.slowfoodbrasil.com/campanhas/abelhas-nativas>

<http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/unisg>.

Slow Food Youth Network Brasil. *Guia Prático para organizar um Disco Xepa*. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/guia-pratico-para-organizar-uma-disco-xepa.pdf>

https://www.slowfood.com/wp-content/uploads/2016/03/10_Cronologia_ok_2016.pdf.

Slow Food for Africa: 10.000 hortas para cultivar o futuro. Disponível em: https://fondazione-zone-blulabsrl.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2015/07/PORT_libretto_orti_2015.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.

<http://www.slowfoodbrasil.com/fortalezas/fortalezas-no-brasil/1408-fortaleza-da-farinha-bragantina>.

<http://www.slowfoodbrasil.com/terra-madre-brasil>.

Verbete: Estrutura e funcionamento. Disponível em <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/quem-somos>

Referências bibliográficas:

ANDREWS, Geoff. *The Slow Food Story: Politics and Pleasure*, Pluto Press, 2008.

ARAUJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, 2016.

AVILA, Arthur Lima. Povoando o Presente de Fantasmas: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 7, p. 189-209, 2016.

BAGNASCO, Arnaldo. “A teoria do desenvolvimento e o caso italiano”, in: Glauco Arbix, M. Zilbovicius & R. Abramovay (orgs.), *Razões e ficções do desenvolvimento*. São Paulo, Editora da Unesp/Edusp, 2001.

BASCHE, Jérôme. “La historia frente al presente perpetuo”. Algunas observaciones sobre la relación pasado/futuro”, in: *Relaciones. Estudios de Historia y Sociedad*, Colegio de Michoacán, México, n. 93, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.ou?id=13709310>.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007^a.

BENDER, Carolyn, *Thinking Globally, Acting Locally, Discussing Online: The Slow Food Movement Quickens with New Media*. Thesis, Georgia State University, 2012,

BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”, in: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas;1).

BOURDIEU, Pierre. "O ser social, o tempo, o sentido da existência", in: *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTRO, Flavia Marques de. *O alimento "bom, limpo e justo": saúde no discurso do movimento Slow Food no Brasil*. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

CHAKRABARTY, Dipesh. O Clima da História: quatro teses. *Sopro*, 91, jul., 2013.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. *Saberes e Memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, 2009.

CRARY, Jonathan. *24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, João Azevedo Dias. A modernidade segundo Reinhart Koselleck. In: 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado, 2010, Ouro Preto. *Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia*, 2010.

_____. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 8, p. 70-90, 2012.

ELLIOT, Anthony; URRY, John. "Mobile lives: a step too far?", in: *Mobile lives*. London: Routledge, 2010.

FÉHER, Ferenc.; HELLER, Agnes. O pêndulo da modernidade, *Tempo Social*, Sociologia da USP, São Paulo, 6 (1-2), pp. 48-67, 1994.

FONSECA, Thiago Silva Augusto da. 'Lênin na Inglaterra': Mario Tronti e o operáismo italiano. *Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP)*, v. 2, p. 144-157, 2016.

GALLO, Claudio. *Social acceleration and the Need for Speed*. Claudio Gallo interviews Hartmut Rosa. 28 Jun. 2015. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/social-acceleration-and-the-need-for-speed/#!>

GAROFOLI, Gioacchino. Industrialização difusa e pequena empresa: o modelo italiano dos anos 70 e 80. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v,14, n. 1, p.49-75, 1993.

GENTILE, Chiara. Os mercados da terra Slow Food. “Entre modelos antigos e novas demandas: experiências locais de troca e consumo alimentar”, in: *Anais XXIX Congresso Alas Chile - Crisis y 195 emergencias sociales en América Latina*. Santiago: Acta Científica Congreso de La Asociación Latinoamericana de Sociología, p. 37-43. 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/39230163-Os-mercados-da-terra-slow-food-entre-modelos-antigos-e-novas-demandas-experiencias-locais-de-troca-e-consumo-alimentar.html>

_____. *Slow Food na Itália e no Brasil*. História, projetos e processos de valorização dos recursos locais. Brasília, 2016. 412 p. Tese de doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília. 2016.

GIDDENS, Anthony. “Democracia”, in: *O mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GUIMARÃES, Géssica. Sattelzeit: modernidade e história. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, Dez. 2009.

HARTOG, François. *Crer em História*, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

_____. *Regimes de Historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. O olhar distanciado: Lévi-Strauss e a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 12, p. 9-24, Jun. 2006.

HUYSSSEN, Andreas. “Passados presentes: mídia, política e amnésia”, in: *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

IEGELSKI, Francine. Dentro e fora da história. A distinção teórica entre sociedades quentes e sociedades frias no pensamento de Claude Lévi-Strauss. In: *XIX Encontro Reginal de História ANPH-SP*, 2008, São Paulo. Poder, violência e exclusão, 2008.

_____. Resfriamento das sociedades quentes? - Crítica da modernidade, *História Intelectual, História Política. Rev. Hist.*, São Paulo, n. 175, p. 385-414, Dec. 2016.

JAMESON, Fredric. “O fim da temporalidade”, in: *ArtCultura*, v. 13, n. 22, p. 187-206, jan.-jun., 2011.

JORDHEIM, Helge. Multiple Times and the work of synchronization. *History and Theory*, v. 53, n. 4, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo. Estudos sobre História*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

_____. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2006.

KUNDERA, Milan. *A lentidão*. Editora Nova Fronteira. São Paulo. 1995.

MATOS, Olgária. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. *ComCiência* [online]. 2008, n.101.

LÜBBE, Herman. “The contraction of the present”, in: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society. Social acceleration, power and modernity*. Philadelphia, Pennsylvania University Press, 2009.

NASCIMENTO, Manuela Alvarenga do. As práticas alimentares na sociedade globalizada: o caso do movimento Slow Food. 2014. 241 p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2014.

_____. De Arcigola a Slow Food: o empreendedorismo politizado como prática alimentar militante. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, v. 6, n. 2, 2016.

OLIVEIRA, Daniel Coelho de. *Comida, carisma e poder: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil*. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

OSBORNE, Peter. *The Politics of Time: modernity and avant-garde*. London: Verso, 1995.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC; 2013.

PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia*. A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

ROCHA, Maria Cecília Lessa da. *Assalto ao céu: Operaísmo e gênese do conceito de trabalho imaterial*. 2013. 104 p. Dissertação (Mestrado). Curso de pós-graduação em Direito, Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUCRJ, Rio de Janeiro, 2013.

ROGGERO, Gigi. Liberdade operaísta. *Lugar Comum*, Trad. Pedro Barbosa Mendes. v. 30, p. 13-16, 2011.

SCHNEIDER, Kamila Guimarães. *A revolução está no prato: do global ao local no movimento slow food*. Dissertação de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2015.

SHARMA, Sarah. *In the Meantime*. Temporality and cultural politics. Londres: Duke University Press, 2014.

SIMMEL, George. “As grandes cidades e a vida do espírito”, in: *Mana*, 11, 2, 2005.

ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (orgs). *High-speed society*. Social acceleration, power and modernity. Philadelphia, Pennsylvania University Press, 2009.

SIMONETTI, Luca. The Ideology of Slow Food. *Journal of European Studies*, 42 (2): 168-189, 2012.

SINGER, André. Cutucando Onças Com Varas Curtas. *Novos Estudos Cebrap*, n. 102, p. 43-71, jul., 2015.

TZIMINADIS, João Lucas Facó. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v.22. n.4,3 p.365-383, Jul.- Dez. 2017.

TORALLES, Katia Karam. *Entre cozinhas e quitandas: patrimônio e globalização em Pirenópolis*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 586-601, Dec. 2016.

_____. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. *Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, pp. 186-205, Ago. 2018.

VIEL, Jefferson Martins. *A formação do conceito de trabalho imaterial na filosofia de Antonio Negri*. 2017. 225 p. Dissertação (Mestrado). Curso de pós-graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Sites:

<http://humanityplus.org/>.

Terror acaba “julgamento” e condena Moro à morte. *Jornal do Brasil*. Ano LXXXVIII — N. 8, p. 14. Rio de Janeiro. Domingo, 16 de abril de 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1978_00008.pdf

PASCALE, Antonio. Slow Food: Un saggio per capire la connotazione politica. *Limes – Rivista Italiana di Geopolitica*. 26 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.limesonline.com/rubrica/slow-food-un-saggio-per-capirne-la-connotazione-politica>. Acesso em: 22 de jan. de 2019.

PADOVANI, Gigi. Slow Food è di destra o di sinistra? Disponível em: <https://www.lastampa.it/2010/04/28/blogs/dolce-la-vita/slow-food-e-di-destra-o-di-sinistra-FXe5uTPX49NgNR5AhtsrnO/pagina.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.

Prince Charles to sponsor Slow Food. *Redazione Ansa*, 3 abril de 2017. Disponível em: http://www.ansa.it/english/news/world/2017/04/03/prince-charles-to-sponsor-slow-food_869aef7e-eaae-4921-8fcf-ff0726d57580.html. Acesso em: 21 jan. 2019.

A contradição do Slow Food. Disponível em: <http://ebocalivre.blogspot.com/2015/10/a-contradicao-do-slow-food.html>;

LAUDAN, Rachel. Is elitism the problem? Disponível em: <https://www.rachellaudan.com/2008/09/slow-food-is-elitism-the-problem.html>. Acesso em: 21/01/2019.

<http://www.mma.gov.br/informma/item/4385-mma-participa-da-abertura-do-1-terra-madre-brasil.html>

<http://www.mda.gov.br/sitemda/mda-faz-parceria-com-organiza%C3%A7%C3%A3o-internacional-para-promover-produ%C3%A7%C3%A3o-sustent%C3%A1vel>

<http://www.cooperativaecoserra.com.br/index.php/quemsomos>

<https://www.institutomaniva.org/>

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA – “DESACELERA” 1ª EDIÇÃO

Dados gerais:

Nome:

Idade:

Endereço:

Profissão:

Perguntas:

1. Você conhece o Movimento Slow? Suas vertentes? Se sim, como você o conheceu? Desde quando? Como você o definiria?
2. O que te levou a produzir o evento Desacelera?
3. Como foi conseguir apoio para a produção deste evento já que a ideia de “desacelerar” ainda é pouco conhecida no Brasil?
4. Como foi elaborar a seleção dos palestrantes do evento? Qual foi o seu critério?
5. Você acredita realmente na proposta de desaceleração no contexto do “capitalismo acelerado” que vivemos?
6. O que você considera fundamental para alguém que deseja “desacelerar”?
7. Você considera que a opção de desacelerar está disponível para qualquer pessoa, independente de gênero ou classe social?
8. Você acredita que a ideia de desacelerar possa criar uma espécie de mercado próprio, com um novo estilo de consumo que evite as práticas aceleradas do cotidiano?
9. Você considera que tecnologia e desaceleração são compatíveis entre si?
10. Que resultados você espera deste evento? Há expectativas de que você organize outros desta modalidade?